DARREN SHAN
FILHOS DO DESTINO
O ATO FINAL...
ROCCO
JOVENS LEITORES

Darren Shan

A SAGA DE DARREN SHAN

TRILOGIA DESTINO VAMPÍRICO

FILHOS DO DESTINO

O ATO FINAL...

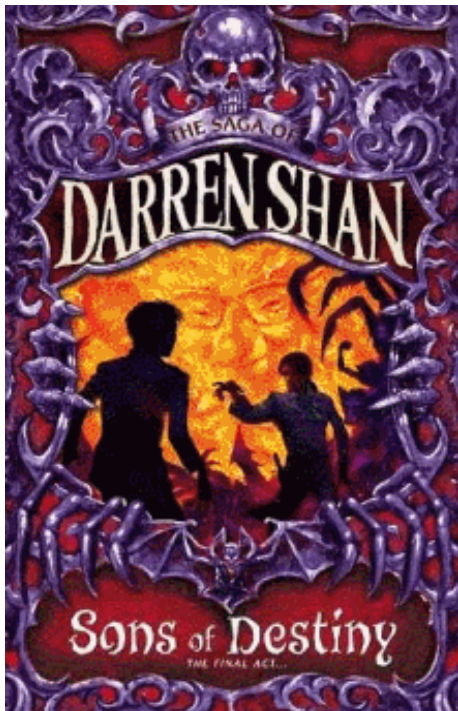
LIVRO 12

Tradução de

HEITOR PITOMBO

DARREN SHAN

Filhos do Destino

Sons of Destiny (2004)

Tradução: Heitor Pitombo

Para:

Bas, Biddy e Liam — meus três pilares

OEV (Ordem das Entranhas Vampíricas) para:
Aleta “Sortuda” Moriarty

A *e* Bo — as melhores almas penadas (*banshees*) de Bangcoc
Emily “lilliputiana” Chuang
Jennifer “Stacey” Abbots

Editores da Saga:
Domenica De Rosa, Gillie Russell, Zöe Clarke e Julia Bruce —
vocês foram demais, meninas!!!

Bucaneiros Brilhantes e Infames:
Os degoladores Christopher Little

E um agradecimento especial para todos vocês, os meus shanzeiros, especialmente aqueles que me fizeram companhia em Shanville. Mesmo na morte todos vocês triunfarão!

PRÓLOGO

Se a minha vida fosse um conto de fadas e eu estivesse escrevendo um livro sobre ela, começaria assim: "*Era uma vez dois garotos chamados Darren e Lucas*...” Mas a minha vida é uma história de terror, por isso, se tivesse que escrever sobre ela, teria que começar com algo assim:

O Mal tem um nome — Lucas Leopardo.

Ele nasceu Lucas Leonardo, mas para seus amigos (sim — ele chegou a ter amigos

no passado!) sempre foi Lucas Leopardo. O rapaz nunca foi feliz em casa, não tinha pai, não gostava de sua mãe. Sonhava com poder e glória. Ansiava por poder e respeito e tempo para que pudesse gozar de ambos. Ele queria ser um vampiro.

Sua chance veio quando ele avistou uma criatura da noite, Larten Crepsley, que atuava num extraordinário espetáculo de magia, o Circo dos Horrores. Ele pediu para que o Sr. Crepsley o vampirizasse. O vampiro se recusou — ele disse que Lucas tinha o sangue ruim. Lucas o odiava por isso e jurou que o perseguiria e o mataria quando crescesse.

Alguns anos depois, enquanto Lucas se preparava para a sua vida de caçador de vampiros, ele descobriu os vampixiitas de pele roxa e olhos vermelhos. Nas lendas, os

vampiros eram assassinos cruéis que sugavam o sangue dos humanos até que este secasse. Isso não passava de uma bobagem histérica — eles só tomavam pequenas quantidades de sangue quando queriam se alimentar, e não causavam mal a ninguém. Mas os vampixiitas eram diferentes. Eles se libertaram do clã dos vampiros seiscentos anos atrás. Viviam baseados em suas próprias leis. Acreditavam que era vergonhoso beber o sangue de um humano sem matá-lo depois. Eles sempre matavam quando se alimentavam. Lucas era esse tipo de pessoa!

Lucas saiu em busca dos vampixiitas, certo de que eles o aceitariam. Provavelmente pensava que tais criaturas seriam tão perversas quanto ele próprio. Mas estava enganado. Embora os vampixiitas fossem assassinos, não eram inerentemente malignos.

Eles não torturavam humanos e tentavam não mexer com os vampiros. Tocavam a sua vida calma e tranquilamente, mantendo uma enorme discrição.

Não estou muito certo disso, mas imagino que os vampixiitas rejeitaram Lucas assim como fez o Sr. Crepsley. Os vampixiitas se baseiam em regras mais rigorosas e tradicionais do que os vampiros. Não consigo vê-los aceitando um humano em seus quadros, sabendo que ele se tornaria uma pessoa má.

Mas Lucas descobriu uma maneira de entrar, graças àquele eterno agente do caos — Desmond Tino. A maior parte das pessoas o chama simplesmente de Sr. Tino, mas se você encurtar seu primeiro nome e o juntar ao sobrenome, poderá se referir a ele como Sr. *Destino*. Trata-se da pessoa mais poderosa do mundo — até onde todo mundo sabe,

ele é imortal — e de um intrometido da mais alta estirpe. Há muitos séculos, ele deu um presente aos vampixiitas: um caixão que se enchia de fogo sempre que alguém deitava em seu interior, fazendo-o virar cinzas em segundos. Mas ele disse que, numa certa noite, alguém deitaria no caixão e sairia de dentro dele ileso. Tal pessoa seria o Senhor dos Vampixiitas e teria que ser obedecida por todos os membros do clã. Se aceitassem tal senhor, eles ganhariam mais poder do que jamais poderiam imaginar. Caso contrário, seriam destruídos.

A promessa de tal poder acabou sendo algo grande demais para Lucas ignorar. Ele decidiu fazer o teste. Provavelmente imaginava que não teria nada a perder. Lucas entrou no caixão, as chamas o engoliram e, um minuto depois, ele saiu sem uma

queimadura sequer. De repente, tudo mudou. Ele possuía um exército de vampixiitas ao seu comando, dispostos a morrer em seu nome e fazer tudo que o sujeito pedisse. Ele não precisava mais almejar a morte do Sr. Crepsley — poderia acabar com todo o clã dos vampiros!

Mas o Sr. Tino não queria que os vampixiitas subjugassem os vampiros tão facilmente. Ele se alimenta de sofrimento e conflito. Uma vitória rápida e garantida não seria divertida o bastante. Por isso ele impôs aos vampiros uma condição para que pudessem se safar. Três deles teriam a capacidade de matar o Senhor dos Vampixiitas antes de ele atingir o auge do seu poder. Eles teriam quatro chances. Se fossem bem-sucedidos e o matassem, os vampiros venceriam a Guerra das Cicatrizes (foi assim que ficou

conhecida a batalha entre vampiros e vampixiitas). Se falhassem, dois morreriam durante a caçada, enquanto o terceiro sobreviveria para testemunhar a queda do clã.

O Sr. Crepsley era um dos caçadores. Um Príncipe Vampiro, Vancha March, era outro. O último também era um príncipe, o mais jovem que já existiu, um meio-vampiro chamado Darren Shan — é aí que *eu* entro.

Fui o melhor amigo de Lucas quando éramos pequenos. Fomos juntos para o Circo dos Horrores e com ele descobri que os vampiros existiam, sendo sugado para o mundo deles. O Sr. Crepsley me vampirizou e o servi como seu assistente. Sob a sua orientação, estudei os hábitos dos vampiros e viajei para a Montanha dos Vampiros, onde passei pelos meus Rituais de Iniciação — e falhei. Temendo a morte, fugi, mas durante a minha

fuga descobri que havia um plano para a destruição do clã. Mais tarde eu o desmascarei e, como recompensa, não só fui aceito dentro da confraria como fui elevado à categoria de Príncipe Vampiro.

Depois de seis anos na Montanha dos Vampiros, o Sr. Tino me colocou na trilha do Senhor dos Vampixiitas, junto com o Sr. Crepsley e Vancha. Um dos Pequeninos do Sr. Tino viajou conosco. Seu nome era Harkat Mulds. Os Pequeninos têm a pele cinzenta e costurada, baixa estatura, olhos grandes e verdes, não possuem nariz e suas orelhas são costuradas sob a carne de suas cabeças. Eles são criados a partir dos restos de pessoas mortas. Harkat não sabia quem fora, mas depois descobrimos que ele foi Kurda Smahlt em sua vida anterior — o vampiro que traíra o clã na esperança de evitar a

Guerra das Cicatrizes.

Sem saber quem era o Senhor dos Vampixiitas, perdemos nossa primeira chance de matá-lo quando Vancha o deixou escapar, porque ele estava sob a proteção de Gannen Harst, irmão vampixiita do meu amigo vampiro. Mais tarde, na cidade onde o Sr. Crepsley passou a juventude, eu esbarrei novamente com Lucas. Ele me disse que era um caçador de vampixiitas e, tolo que fui, acreditei nele. Os outros também acreditaram, embora o Sr. Crepsley suspeitasse de alguma coisa. Ele sentia que algo estava errado, mas eu o convenci a dar a Lucas o benefício da dúvida. Já cometi erros terríveis na minha vida, mas esse com certeza foi o pior.

Quando Lucas revelou seu verdadeiro caráter, nós lutamos e por duas vezes

tivemos condições de matá-lo. Na primeira vez, nós o deixamos viver porque queríamos trocar sua vida pela de Débora Cicuta — minha namorada humana. Na segunda, o Sr. Crepsley enfrentou Lucas, Gannen Harst e um impostor, que fingia ser o Senhor dos Vampixiitas. O Sr. Crepsley matou o farsante, mas depois Lucas o jogou num poço cheio de estacas. Ele também poderia ter levado Lucas para o poço com ele, mas o deixou viver para que Gannen e os outros vampixiitas pudessem poupar a vida dos nossos amigos. Só depois disso Lucas revelou a verdade sobre si próprio, o que fez a perda amarga do Sr. Crepsley se tornar ainda mais insuportável.

Houve um longo intervalo entre esse e o nosso encontro seguinte. Fui com Harkat descobrir a verdade sobre o seu passado para

um mundo devastado cheio de monstros e mutantes, que mais tarde descobrimos se tratar da Terra do futuro. Depois que retornei, passei uns dois anos viajando com o Circo dos Horrores, esperando que o destino (ou Des Tino) juntasse Lucas e eu mais uma vez para confronto derradeiro.

Nossos caminhos finalmente se cruzaram em nossa velha cidade natal. Eu havia retornado com o Circo dos Horrores. Era estranho visitar novamente o passado, andar pelas ruas da cidade onde havia crescido. Vi minha irmã Joana, agora uma mulher madura com um filho, e dei de cara com um velho amigo, Tommy Jones, que se tornara um jogador de futebol profissional. Fui vê-lo jogar uma importante partida do campeonato. Seu time venceu, mas as comemorações foram abreviadas quando dois dos

capangas de Lucas invadiram o campo e mataram um monte de gente, inclusive Tommy.

Corri atrás da dupla de assassinos e caí direto numa armadilha. Encarei Lucas novamente. Ele estava com uma criança chamada Darius — seu filho. Darius atirou em mim. Lucas poderia ter acabado comigo, mas não o fez. Não era a minha hora. Meu fim (ou o dele) só viria quando eu o enfrentasse com Vancha ao meu lado.

Rastejando pelas ruas, fui resgatado por dois mendigos. Eles foram recrutados por Débora e uma ex-inspetora da polícia, Alice Burgess, que estavam montando um exército humano para ajudar os vampiros. Vancha March se uniu a mim enquanto eu estava me recuperando. Com as damas e Harkat, retornamos para o Circo dos Horrores.

Discutimos o futuro com o Sr. Altão, o dono do circo. Ele nos disse que não importava quem vencesse a guerra, um ditador maligno conhecido como o Senhor das Sombras surgiria para governar e destruir o mundo.

Enquanto estávamos tentando absorver as notícias chocantes, dois dos seguidores dementes de Lucas atacaram — C.C. e Morgan James, a dupla que assassinara Tommy. Com a ajuda de Darius, eles mataram o Sr. Altão e tomaram um refém — um menino chamado Shancus. Meio humano, meio cobra, ele era filho de um dos meus melhores amigos, Evra Von.

Enquanto o Sr. Altão caía morto, o Sr. Tino e uma bruxa chamada Evanna apareceram misteriosamente do nada. Descobrimos então que o Sr. Tino era pai do Sr. Altão e que Evanna era sua irmã. O Sr. Tino ficou

para se compadecer da morte do filho, enquanto Evanna nos seguia na caçada aos assassinos de seu irmão. Conseguimos matar Morgan James e capturar Darius. Enquanto os outros corriam atrás de C.C. e Shancus, fiquei trocando algumas palavras com Evanna. A bruxa tinha a capacidade de ver o futuro e me revelou que, se eu matasse Lucas, tomaria o seu lugar como o temido Senhor das Sombras. Eu me tornaria um monstro, assassinaria Vancha e qualquer um que ficasse no meu caminho, e destruiria não só os vampixiitas, como toda a humanidade.

Por mais chocado que eu tivesse ficado, não havia tempo para refletir. Nós rastreamos C.C. com meus aliados até o velho cinema, onde Lucas e eu havíamos encontrado o Sr. Crepsley pela primeira vez. Lucas nos esperava a salvo no palco,

separado de nós por um poço que havia cavado e enchido de estacas. Ele ficou zombando de nós por um tempo, e depois concordou em trocar a vida de Shancus pela de Darius. Mas o verme mentira. Em vez de soltar o menino-cobra, ele o matou brutalmente. Eu ainda estava com Darius em minhas mãos e me preparei para matá-lo por vingança, numa fúria cega e fria. Mas pouco antes de apunhalar o menino, Lucas me deteve com a revelação mais cruel até agora — a mãe de Darius era a minha irmã, Joana. Se eu matasse o filho de Lucas, estaria matando o meu próprio sobrinho.

E com isso ele partiu, rindo como o demônio que era, deixando-me com a loucura da noite debulhada em sangue.

PARTE UM

CAPÍTULO UM

Sentado no palco, contemplava a plateia. Lembrava-me do espetáculo emocionante a que assisti na primeira vez em que viera até aqui. Comparava-o com a "exibição" bizarra de hoje à noite, sentindo-me muito pequeno e solitário.

Vancha não perdeu a cabeça, mesmo quando Lucas se valeu do seu trunfo. Ele continuou seguindo, escolhendo cuida-dosamente o caminho até o palco, em meio

ao poço de estacas, e depois saiu correndo pelo túnel que Lucas, Gannen e C.C. usaram para fugir. Este desembocava nas ruas atrás do cinema. Não dava para dizer que rota de fuga eles pegaram. Vancha voltou furioso, falando palavrões. Quando viu Shancus, caído sem vida no palco como um pássaro de pescoço quebrado, ele parou e caiu de joelhos.

Evra chegou logo depois, vindo pela trilha que Vancha percorrera em meio às estacas, gritando o nome de Shancus para que ele não morresse, muito embora soubesse que já era tarde demais e que seu filho já estava morto. Devíamos tê-lo amparado — ele caiu e foi perfurado várias vezes, e poderia facilmente ter morrido —, mas estávamos paralisados de choque e horror.

Felizmente, Evra chegou ao palco sem se

machucar com muita gravidade. Assim que chegou, ele caiu ao lado de Shancus, tentando desesperadamente ver se ainda havia sinais de vida, até que, de repente, começou a berrar por causa da perda. Soluçando e gemendo de dor, ele colocou a cabeça do menino morto em seu colo, enquanto as lágrimas caíam sobre o rosto imóvel do filho. O resto de nós ficou vendo a cena de longe. Todos chorávamos, amargurados, até mesmo a normalmente durona Alice Burgess.

Em tempo, Harkat também subiu depois de atravessar o mar de estacas. Havia uma prancha comprida no palco, a qual ele e Vancha estenderam sobre o poço, para que o resto de nós pudesse se juntar a eles. Eu não acreditava que alguém quisesse realmente estar lá em cima. Durante um bom tempo, nenhum de nós se moveu. Até que Débora,

que soluçava sem parar, cambaleou para a prancha e se arrastou até subir no palco.

Alice foi a próxima a cruzar o poço. Eu cobria a retaguarda e tremia incontrolavelmente. Queria dar meia-volta e fugir. Antes, eu achava que sabia como me sentiria se nossa aposta resultasse num tiro pela culatra e Lucas matasse Shancus. Mas eu não sabia de nada. Jamais, de fato, poderia esperar que Lucas fosse matar o menino-cobra. Eu havia deixado que C.C. seguisse com o garoto para o covil de Lucas, certo de que meu afilhado honorário não correria risco algum.

Agora que Lucas havia me feito de idiota (mais uma vez) e abatido Shancus, tudo o que eu queria era estar morto. Não poderia sentir dor se estivesse morto. Nenhuma vergonha. Nenhuma culpa. Não teria que encarar Evra, sabendo que eu fora responsável

pela morte desnecessária e chocante de seu filho.

Havíamos nos esquecido de Darius. Eu não o havia assassinado — como poderia matar o meu próprio sobrinho? Depois da revelação exultante de Lucas, o ódio e a raiva que me atiçaram como a uma fogueira se apagaram num instante. Soltei Darius, depois de perder meu interesse criminoso nele, e o deixei na outra extremidade do poço.

Evanna estava em pé ao lado do garoto, segurando a esmo um dos laços que envolviam o seu corpo — ela preferia laços a roupas normais. Estava claro, pela postura da bruxa, que ela não interferiria caso Darius resolvesse fugir correndo. Fugir seria a coisa mais simples do mundo para o garoto. Mas ele não o fez.

Ficou onde estava, tal qual um soldado

de prontidão, tremendo, esperando que o chamássemos.

Até que, finalmente, Alice veio cambaleando na minha direção, enquanto as lágrimas caíam do seu rosto.

— Devíamos levá-los de volta para o Circo dos Horrores — disse ela, acenando com a cabeça na direção de Evra e Shancus.

— Daqui a pouco — concordei, temendo o momento em que teria que encarar Evra. E quanto a Merla, mãe de Shancus? Será que *eu* teria que lhe dar a notícia terrível?

— Não... agora — disse Alice com firmeza. — Harkat e Débora podem levá-los. Precisamos pôr algumas coisas em ordem antes de partirmos. — Ela acenou para Darius com a cabeça, pequeno e vulnerável sob o brilho das luzes.

— Não quero falar sobre isso — falei,

suspirando.

— Eu sei — disse ela. — Mas é necessário. O garoto deve saber onde Lucas está se escondendo. Se souber, essa é a hora de atacar. Eles não esperam que...

— Como você é capaz de pensar nessas coisas? — sibilei, furioso. — Shancus está morto! Você não se importa?

Ela bateu na minha cara. Pestanejei, atordoado.

— Você não é criança, Darren, por isso não aja como uma — retrucou ela, friamente. — É claro que me importo. Mas não podemos trazê-lo de volta e não vamos conseguir nada se ficarmos aqui parados nos lastimando. Precisamos agir. Só uma vingança rápida é capaz de, talvez, fazer com que tenhamos um pouco de alívio.

Ela tinha razão. A autocomiseração era

uma perda de tempo. A vingança era essencial. Por mais difícil que fosse, saí do meu estado de angústia e tomei as providências para que o corpo de Shancus fosse levado de volta para casa. Harkat não queria partir com Evra e Débora. Ele queria ficar e perseguir Lucas conosco. Mas alguém tinha que ajudar a carregar Shancus. Ele aceitou, relutante, sua tarefa, mas me fez prometer que não enfrentaríamos Lucas sem ele.

— Eu já fui longe demais com vocês para... ficar de fora agora. Quero estar lá com vocês... para retalhar aquele demônio.

Débora me abraçou antes de partir.

— Como ele pôde fazer isso? — perguntou ela, chorando. — Nem mesmo um monstro poderia... iria...

— Lucas é mais do que um monstro — respondi, estarrecido. Eu queria retribuir seu

abraço, mas meus braços estavam dormentes. Alice a afastou de mim, deu-lhe um lenço e sussurrou-lhe alguma coisa. Débora, que fungava compulsivamente, acenou com a cabeça e abraçou Alice, para depois ficar ao lado de Evra.

Eu queria falar com Evra antes de partir, mas não conseguia pensar em nada para lhe dizer. Se me confrontasse, talvez eu pudesse responder, mas ele só tinha olhos para o seu filho sem vida. Os mortos normalmente parecem que estão dormindo. Shancus não. Ele fora uma criança vibrante, inquieta e ativa. Toda aquela vitalidade agora estava perdida. Ninguém poderia vê-lo agora e não achar que ele estivesse morto.

Permaneci em pé até Evra, Débora e Harkat partirem; Harkat carregava o corpo de Shancus carinhosamente em seus braços

grossos e cinzentos. Depois disso, eu caí no chão e fiquei ali sentado por eras a fio, olhando ao redor em estado de torpor, pensando no passado e na minha primeira vinda para cá, usando o cinema e as minhas lembranças como uma barreira entre mim e o meu pesar.

Vancha e Alice acabaram se aproximando. Eu não tinha ideia de quanto tempo os dois haviam passado conversando, mas, quando se postaram ao meu lado, já haviam secado as lágrimas de seus rostos e pareciam estar prontos para o trabalho.

— Quer que eu fale com o garoto ou deixo essa tarefa para você? — perguntou Vancha, rispidamente.

— Não estou nem aí — suspirei. Então, quando olhei para Darius, que ainda estava sozinho com Evanna na vastidão do

auditório, falei: — Deixa comigo.

— Darius — chamou Alice. A cabeça do menino se ergueu imediatamente. — Venha cá.

Darius foi direto para a prancha, a escalou e a atravessou. Ele tinha um excelente equilíbrio. De repente me vi pensando que isso era provavelmente um efeito derivado do seu sangue vampixiita — Lucas havia transfundido parte do seu próprio sangue para o filho, transformando-o num meio-vampixiita. Ao pensar nisso, comecei a odiar o garoto novamente. Meus dedos se contraíram antecipadamente, quando eu estava na iminência de pegá-lo pelo pescoço e...

Mas depois me lembrei de seu rosto na hora em que ele descobriu que era meu sobrinho — choque, terror, confusão, dor, remorso — e meu ódio pelo garoto

desapareceu.

Darius veio andando bem na nossa direção. Se ele estava com medo — e devia estar — o escondeu bravamente. Ao parar, ele encarou Vancha, depois Alice e finalmente a mim. Agora que o havia observado atentamente, vi uma certa semelhança familiar. Enquanto pensava nisso, franzi a testa.

— Você não é o mesmo garoto que eu vi antes — afirmei. Darius me olhou, sem saber o que fazer. — Fui para a minha velha casa, assim que chegamos na cidade — expliquei. — Fiquei olhando para ela por trás da cerca. Vi Joana. Ela levava a roupa limpa para dentro. Até que você chegou e saiu para ajudá-la. Mas não era *você*. Era um garoto rechonchudo de cabelo claro.

— Oggy Bas — disse Darius depois de pensar por um segundo. — Meu amigo.

Lembro-me daquele dia. Ele veio para casa comigo. Pedi para que saísse e ajudasse a mamãe enquanto eu tirava os sapatos. Oggy sempre faz o que mando. — Então, lambendo os lábios nervosamente, ele olhou em volta para todos nós, mais uma vez, e disse: — Eu não sabia. — Não era uma desculpa, apenas uma afirmação. — Papai me disse que os vampiros eram malignos. E que você era o pior deles. Darren, o cruel; Darren, o louco; Darren, o assassino de bebês. Mas nunca chegou a mencionar o seu sobrenome.

Evanna atravessara a prancha atrás de Darius e nos rondava, estudando-nos como se fôssemos peças de xadrez. Eu a ignorei — haveria tempo para a bruxa mais tarde.

— O que Lucas lhe disse sobre os vampixiitas? — perguntei a Darius.

— Que queriam impedir os vampiros de

matar os humanos. Eles haviam se afastado do clã há algumas centenas de anos e desde então vinham batalhando para impedir o massacre de humanos. Só bebiam pequenas quantidades de sangue quando se alimentavam, o suficiente para sobreviver.

— Você acreditou nele? — perguntou Vancha, bufando.

— Ele era o meu pai — respondeu Darius. — Sempre foi gentil comigo. Nunca o vira como vi hoje à noite. Eu não tinha nenhum motivo para duvidar dele.

— Mas agora duvida — assinalou Alice, ironicamente.

— Sim. Ele é mau. — Logo que disse isso, Darius caiu em prantos, e sua fachada valente desmoronou. Não devia ser fácil para uma criança admitir que o pai era um demônio. Mesmo no meio do meu luto e fúria,

senti pena do garoto.

— E quanto a Joana? — perguntei assim que Darius se recuperou a ponto de poder falar novamente. — Será que Lucas a alimentara com o mesmo tipo de mentiras?

— Ela não sabe — disse Darius. — Eles não se falam desde antes de eu nascer, nunca disse a ela que o via.

Dei um pequeno suspiro de alívio. Cheguei a ter um rápido e aterrorizante lampejo no qual Joana estaria mancomunada com Lucas, e havia crescido e ficado tão amarga e perturbada quanto ele. Era bom saber que ela não tinha nada a ver com essa insanidade macabra.

— Você quer lhe contar a verdade sobre os vampiros e os vampixiitas ou vai deixar para mim? — perguntou Vancha.

— Uma coisa de cada vez — interrompeu

Alice. — Ele sabe onde o pai está?

— Não — respondeu Darius com tristeza. — Eu sempre o encontrava aqui. Era aqui que ele ficava. Se arrumou outro esconderijo, não estou sabendo de nada.

— Droga! — vociferou Alice.

— Não tem nenhuma ideia? — perguntei. Darius pensou por um instante, depois balançou a cabeça. Voltei-me para Vancha. — Você vai contar tudo?

— Claro. — Vancha rapidamente revelou toda a verdade para Darius. Ele lhe disse que eram os vampixiitas que matavam quando se alimentavam, e teve o cuidado de descrever seus hábitos com detalhes... Eles mantinham viva uma parte do espírito das pessoas dentro de si próprios quando drenavam o seu sangue, por isso não viam o que faziam como assassinato. Eles eram nobres. Nunca

mentiam. Não eram deliberadamente maus.

— Então veio o seu pai — prosseguiu Vancha, explicando o que eram o Senhor dos Vampixiitas, a Guerra das Cicatrizes, a previsão do Sr. Tino e o nosso papel dentro dela.

— Não entendo — disse Darius no fim, com a testa enrugada. — Se os vampixiitas não mentem, por que papai mente o tempo todo? E ele me ensinou a usar uma besta, mas você falou que eles não podem usar tais armas.

— Não deviam — disse Vancha. — Nunca vi ou soube de ninguém que desrespeitasse essas regras. Mas o senhor deles está acima de tais leis. Eles o veneram tanto... ou temem muito o que pode acontecer se o desobedecerem... que não ligam para o que ele faz, contanto que os lidere rumo à vitória sobre os vampiros.

Darius pensou nisso em silêncio durante um bom tempo. Ele só tinha dez anos de idade, mas tinha a expressividade e o jeito de alguém bem mais velho.

— Eu não o teria ajudado se soubesse disso — disse ele no fim. — Cresci achando que os vampiros eram maus, como no cinema. Quando papai veio a mim alguns anos atrás e disse que estava numa missão para detê-los, achei que tudo fosse uma grande aventura. Achava que ele era um herói. Sentia-me orgulhoso por ser seu filho. Teria feito qualquer coisa por ele. E *fiz*...

Ele estava a ponto de chorar novamente. Mas então seu maxilar se retesou e o menino me encarou.

— Mas como foi que *você* se envolveu nisso? Mamãe me contou que você morreu. Ela falou que você quebrou o pescoço.

— Eu fingi que havia morrido — expliquei e depois contei rapidamente a ele como foi o começo da minha vida como ajudante de vampiro, sacrificando tudo de que mais gostava para salvar a vida de Lucas.

— Mas por que ele o odeia se você o salvou? — gritou Darius. — Isso é uma maluquice!

— Lucas vê as coisas de um jeito diferente — respondi, encolhendo os ombros. — Ele acredita que seu destino era se tornar um vampiro. E acha que eu roubei o seu lugar de direito. Ele está determinado a me fazer pagar por isso.

Darius balançou a cabeça, confuso.

— Não consigo entender isso — disse ele.

— Você é jovem. — Sorri, com tristeza. — Tem muito a aprender sobre as pessoas e

como elas agem. — Caí em silêncio, pensando que essas eram algumas das muitas coisas que o pobre Shancus jamais aprenderia.

— E então? — perguntou Darius algum tempo depois, quebrando o silêncio. — O que vai acontecer agora?

— Vá para casa — suspirei. — Esqueça isso. Deixe para trás.

— E quanto aos vampixiitas? — gritou o menino. — Papai ainda está andando por aí. Quero ajudar você a encontrá-lo.

— Sério? — Olhei para ele friamente. — Você quer nos ajudar a matá-lo? Seria capaz de nos levar até onde o seu próprio pai está e assistir enquanto arrancamos o seu coração podre?

Darius ficou se valendo de evasivas, inquieto que estava.

— Ele é ruim — sussurrou.

— Sim — concordei. — Mas ainda assim é o seu pai. É melhor você ficar fora disso.

— E a mamãe? — perguntou Darius. — O que eu conto para ela?

— Nada — respondi. — Ela acha que eu estou morto. Vamos deixar que continue pensando assim. Não lhe conte nada. As crianças não se encaixam no mundo em que vivo... e, como uma criança que viveu nele, eu devo saber! Retome a sua vida normal. Tente não falar sobre o que se passou. Em tempo você terá como se livrar de todas essas lembranças como se tudo não passasse de um pesadelo. — Coloquei minhas mãos em seus ombros e sorri afetuosamente. — Vá para casa, Darius. Seja bom para Joana. Faça-a feliz.

Darius não estava satisfeito, mas vi que

ele estava começando a fazer sua cabeça para aceitar o meu conselho. E então Vancha falou:

— Não é tão fácil assim.

— O quê? — Franzi a testa.

— Ele já está envolvido. Não pode ficar de fora.

— É claro que pode! — vociferei.

Vancha balançou a cabeça, resoluto.

— Ele foi vampirizado. O sangue vampixiita nele é ralo, mas logo engrossará. O rapaz não crescerá como uma criança normal; daqui a algumas décadas o expurgo virá e ele se tornará um vampixiita completo — suspirou Vancha. — Mas seus problemas de verdade começarão muito antes disso.

— O que você está querendo dizer? — perguntei em voz baixa, embora estivesse imaginando aonde ele queria chegar.

— *Alimentação* — disse Vancha, que em seguida se voltou para Darius. — Você precisará beber sangue para sobreviver.

Darius ficou estático. Depois sorriu, trêmulo.

— Então beberei como vocês. Uma gota aqui, outra ali. Não ligo. Vai ser irado, de certa forma. Talvez beba o sangue dos meus professores e...

— Não — resmungou Vancha. — Você não poderá beber como nós. No começo, os vampixiitas eram iguais aos vampiros, exceto pelos seus hábitos. Mas eles mudaram. Os séculos os alteraram fisicamente. Agora um vampixiita *tem* que matar quando se alimenta. São levados a isso. Não têm escolha ou controle. Uma vez eu fui um meio-vampixiita, por isso sei do que estou falando.

Vancha se aprumou e falou firme,

porém com tristeza:

— Em alguns meses, a fome crescerá dentro de você. Você não conseguirá resistir. Beberá sangue porque tem que fazê-lo e, quando beber, pelo fato de ser um meio-vampixiita... você *matará!*

CAPÍTULO DOIS

Caminhamos em silêncio, em fila única, com Darius à frente como se fosse Oliver Twist liderando um cortejo fúnebre. Por conta do massacre no estádio depois do jogo de futebol, uma série de barricadas de rua foi erguida em vários locais da cidade. Mas não havia muitas nessa região, por isso passamos depressa, só tendo que pegar alguns poucos desvios. Eu estava no final da fila, alguns metros atrás dos outros, preocupado com o

encontro que estava por vir. Eu concordara facilmente com ele no cinema, mas agora que estávamos nos aproximando, pensei duas vezes.

Enquanto repassava as minhas palavras, pensando em todas as coisas que poderia e deveria dizer, Evanna diminuiu o passo para que pudesse andar ao meu lado.

— Se isso ajuda em alguma coisa, saiba que a alma do menino-cobra voou direto para o Paraíso — disse ela.

— Eu nunca pensei que seria de outra maneira — respondi formalmente, enquanto a encarava com ódio.

— Por que esse olhar tão sombrio? — perguntou ela, genuinamente surpresa, pelo que se via em seus olhos verde e castanho que não combinavam.

— Você sabia que isso aconteceria —

resmunguei. — Poderia ter nos avisado e salvo Shancus.

— Não — vociferou a bruxa, irritada. — Por que vocês ficam me fazendo as mesmas acusações o tempo todo? Você sabe que tenho o poder de ver o futuro, mas não de influenciá-lo diretamente. Não posso agir para mudar aquilo que está escrito. Nem o meu irmão podia.

— Por que não? — perguntei, rispidamente. — Você sempre diz que coisas terríveis acontecerão se agir, mas que coisas são essas? O que pode ser pior do que deixar uma criança inocente morrer nas mãos de um monstro?

Evanna ficou calada por um instante e então falou suavemente, para que só eu pudesse ouvir:

— Há monstros piores do que Lucas

Leonardo, e piores até do que o Senhor das Sombras... seja ele Lucas ou você. Esses outros monstros estão esperando nos bastidores infinitos em volta do palco do mundo, nunca foram vistos pelo homem, mas estão sempre observando, sempre famintos, sempre ansiosos para abrir caminho.

Ela fez uma pausa antes de prosseguir:

— Estou comprometida com leis mais antigas do que a humanidade. Assim como estava o meu irmão e, em grande parte, está o meu pai. Se eu me aproveitasse do presente e tentasse mudar um futuro que já conheço, desobedeceria as leis do universo. Os monstros dos quais eu falo ficariam livres para aparecer neste mundo, que se tornaria um caldeirão de selvageria eterna e sangrenta.

— Parece que as coisas já estão assim — comentei, amargamente.

— Para você, talvez — concordou ela. — Mas para bilhões de outros, não. Você gostaria que todo mundo sofresse como você... e pior ainda?

— É claro que não — murmurei. — Mas você me disse que todos sofreriam de qualquer jeito, que o Senhor das Sombras destruiria a humanidade.

— Ele fará com que ela caia de joelhos. Mas não a destruirá completamente. A esperança permanecerá. Um dia, num futuro distante, os humanos poderão erguer-se novamente. Se eu interferisse e libertasse os monstros de verdade, *esperança* se tornaria uma palavra sem sentido.

Eu não sabia o que pensar sobre esses outros monstros de Evanna — era a primeira vez que ela falava de tais criaturas —, por isso eu trouxe a conversa de volta para o

monstro que conhecia bem.

— Você está errada quando diz que eu posso me tornar o Senhor das Sombras — afirmei, tentando mudar meu destino, negando-o. — Não sou um monstro.

— Você teria matado Darius se Lucas não dissesse que ele era o seu sobrinho — lembrou-me a bruxa.

Recordei-me da fúria e do ódio que brotaram dentro de mim quando vi Shancus morrer. Naquele momento, fiquei igual a Lucas. Não ligava mais para o que era certo ou errado. Só queria ferir meu inimigo, matando o seu filho. Tive, então, um vislumbre do meu futuro, da fera em que eu poderia me tornar, mas não queria acreditar que fosse real.

— Isso seria uma vingança pela morte de Shancus — afirmei amargamente, tentando

esconder a verdade. — Não seria o gesto de uma fera descontrolada. Eu não me tornaria um monstro só por causa de uma simples execução.

— Não? — desafiou-me Evanna. — Houve uma época em que você pensava de maneira diferente. Você se lembra de quando matou o seu primeiro vampixiita, nas cavernas da Montanha dos Vampiros? Você chorou depois. Achava que matar era errado. Acreditava que havia uma maneira de resolver as diferenças que não fosse através da violência.

— Eu ainda acredito — afirmei, mas minhas palavras pareciam vazias, até para mim mesmo.

— Você não tentaria tirar a vida de uma criança se acreditasse — disse Evanna, afagando os pelos de sua barba. — Você

mudou, Darren. Não é demoníaco como Lucas, mas carrega as sementes do mal dentro de si. Suas intenções são boas, mas o tempo e as circunstâncias verão você se tornar aquilo que despreza. Este mundo o perverterá e, apesar dos seus anseios mais nobres, o monstro dentro de você crescerá. Os amigos se tornarão inimigos. As verdades se tornarão mentiras. As crenças se tornarão piadas sujas.

Ela fez uma pausa antes de prosseguir:

— A trilha da vingança está sempre correndo paralela à do perigo. Ao seguir o caminho daqueles que odeia, você corre o risco de se transformar em um deles. Este é o seu destino, Darren Shan. Você não tem como evitar isso. A não ser que Lucas o mate e ele se torne o Senhor das Sombras.

— E quanto a Vancha? — perguntei,

sibilando. — E se ele matar Lucas? *Ele* não pode se tornar o seu maldito Senhor das Sombras?

— Não — respondeu calmamente a bruxa. — Vancha tem o poder para matar Lucas e decidir a Guerra das Cicatrizes. Mas para ir mais além, só mesmo você ou Lucas, Não há outro. Morte ou monstruosidade. Essas são as suas opções.

Depois, ela seguiu adiante, deixando-me com meus pensamentos confusos e desvairados. Será que realmente não havia esperança para mim ou para o mundo? E se não havia, o que seria preferível: morrer nas mãos de Lucas ou substituí-lo como Senhor das Sombras? Seria melhor viver e aterrorizar o mundo — ou morrer agora, enquanto eu ainda era meio humano?

Não era possível dar uma resposta.

Parecia não haver nenhuma. Por isso fiquei me arrastando desgraçadamente e deixei meus pensamentos voltarem para uma questão mais premente — o que dizer para a minha irmã adulta que me enterrara quando eu era uma criança.

Vinte minutos depois, Darius abriu a porta dos fundos e a deixou entreaberta. Fiz uma pausa e fiquei olhando para a casa, cheio de presságios. Vancha e Alice estavam logo atrás de mim, enquanto Evanna estava muito atrás dos dois. Olhei para meus amigos, suplicante.

— Será que tenho mesmo que fazer isso? — perguntei em voz baixa.

— Sim — respondeu Vancha. — Seria errado pôr em risco a vida do menino sem avisar a mãe antes. Ela precisa decidir.

— OK — suspirei. — Vocês ficarão aqui fora até eu chamá-los?

— Sim.

Engoli em seco e depois pisei na soleira da casa onde vivi quando menino. Depois de dezoito longos anos vagando por aí, eu finalmente havia voltado para casa.

Darius me conduziu até a sala de estar, embora eu fosse capaz de me orientar com os olhos vendados. Muita coisa havia mudado dentro da casa — novos carpetes e papéis de parede, mobília e lustres —, mas tudo parecia igual a antes; um ambiente confortável e aconchegante, pleno de lembranças de um passado distante. Era como se eu estivesse andando dentro de uma casa assombrada — tirando o fato de que a casa era de verdade e eu, o fantasma.

Darius abriu a porta da sala de estar. E

lá estava Joana, com o cabelo castanho amarrado num coque, sentada numa cadeira em frente à TV, bebericando um chocolate quente, vendo o noticiário.

— Finalmente resolveu vir para casa? — disse ela para o filho, avistando-o com o canto dos olhos. Ela largou a xícara de chocolate quente. — Estava preocupada. Você soube das notícias? Há...

Ela me viu entrando depois de Darius.

— Esse aí é um dos seus amigos? — perguntou ela. Pude perceber que me achava velho demais para ser amigo do seu filho. Na mesma hora ela suspeitou de mim.

— Oi, Joana — saudei-a com um sorriso nervoso, enquanto avançava na direção da luz.

— Já nos encontramos antes? — perguntou Joana, franzindo a testa, sem me

reconhecer.

— De certa forma sim — respondi, rindo secamente.

— Mamãe, ele é... — Darius começou a dizer.

— Não — interrompi. — Deixe que ela tente adivinhar. Não lhe diga nada.

— Dizer o quê? — vociferou Joana. Ela agora me olhava de soslaio, inquieta.

— Preste mais atenção, Joana — falei delicadamente, andando pela sala, parando a menos de um metro dela. — Olhe nos meus olhos. Dizem que os olhos nunca mudam, mesmo se tudo o mais tiver mudado.

— A sua voz — murmurou. — Tem algo nela que... — Ela se levantou (tinha a mesma altura que eu) e me olhou fixamente nos meus olhos. Eu sorri. — Você parece com alguém que conheci há muito tempo. Mas não

me lembro quem...

— Você me conheceu há muito tempo — sussurrei. — Dezoito anos atrás.

— Que absurdo! — disse Joana, bufando. — Você devia ser apenas um bebê.

— Não. Eu envelheci lentamente. Era um pouco mais velho do que Darius quando você me viu pela última vez.

— Isso é alguma piada? — Ela meio que deu uma risada.

— Olhe para ele, mãe — disse Darius, atento. — Olhe *bem* para ele.

E ela o fez. E desta vez vi algo em sua expressão e percebi que ela sabia quem eu era assim que me viu — só não havia admitido para si própria ainda.

— Ouça os seus instintos, Joana — afirmei. — Você sempre teve bons instintos. Se eu tivesse o seu faro para problemas,

talvez não me metesse nessa confusão. Talvez eu devesse ter mais juízo para não roubar uma aranha venenosa...

Os olhos de Joana se arregalaram.

— Não! — disse ela, ofegante.

— Sim — retruquei.

— Você não pode ser!

— Sou sim.

— Mas... *Não!* — resmungou minha irmã, desta vez com firmeza. — Não sei quem armou isso ou o que você está pensando que vai conseguir, mas se você não sair daqui rapidamente, eu vou...

— Aposto que você nunca falou com ninguém sobre a Madame Octa — interrompi. Ela tremeu à simples menção do nome da aranha. — Aposto que guardou segredo durante todos esses anos. Você deve ter imaginado que ela teve algo a ver com a minha

“morte”. Talvez tenha perguntado a Lucas, já que foi ele que ela mordeu, mas aposto que nunca contou nada para mamãe ou...

— *Darren?* — disse ela com dificuldade, respirando ofegante, enquanto lágrimas jorravam dos seus olhos confusos.

— Oi, mana. — Sorri. — Há quanto tempo.

Ela me encarou, amedrontada, e depois fez uma coisa que eu achava que só acontecia em filmes antigos e melosos — seus olhos se reviraram, suas pernas perderam o equilíbrio, e ela desmaiou!

Joana se sentou em sua cadeira, com uma caneca de chocolate quente nas mãos. Sentei-me à sua frente, numa cadeira que puxei do outro lado da sala. Darius ficou perto da TV, que ele desligara logo depois

que Joana desmaiou. Ela não falou muita coisa depois que se recuperou do choque. Assim que despertou, ela afundou ainda mais em sua cadeira, me encarou, dividida entre o horror e a esperança, e simplesmente disse, ofegante:

— *Como?*

Passei o tempo que se seguiu contando tudo o que aconteceu. Falei calma e rapidamente, começando com o Sr. Crepsley e Madame Octa, explicando o acordo que fiz para salvar a vida de Lucas, fazendo um rápido resumo dos anos que seguiram; minha existência como vampiro, os vampixiitas, a Guerra das Cicatrizes, a busca pelo Senhor dos Vampixiitas. Não lhe contei que Lucas era o senhor e nem que estava envolvido com os vampixiitas — queria ver como ela reagia ao resto da história antes de lhe vir com mais

essa.

Seus olhos não traíram seus sentimentos. Era impossível adivinhar o que ela estava pensando. Quando cheguei na parte da história que envolvia Darius, seu olhar se voltou para o filho, enquanto ela se inclinava levemente para a frente, no momento em que eu descrevia como ele fora enganado e levado a ajudar os vampixiitas, mais uma vez tomando cuidado para não me referir a Lucas pelo nome. Terminei meu relato falando do retorno ao velho cinema, da morte de Shancus e da revelação do Senhor dos Vampixiitas de que Darius era o meu sobrinho.

— Assim que descobriu a verdade, Darius ficou horrorizado — afirmei. — Mas eu lhe disse que não devia se culpar. Muitas pessoas mais velhas e sábias do que ele foram

enganadas pelo Senhor dos Vampixiitas.

Eu parei e esperei a sua reação. Não demorou muito:

— Você é louco — disse ela friamente. — Se *você for* meu irmão... e não estou cem por cento convencida disso... então seja lá qual for a doença que retardou o seu crescimento... ela também afetou o seu cérebro. Vampiros? Vampixiitas? Meu filho aliado a um assassino? — Ela sorriu com desdém. — Você está maluco.

— Mas é verdade! — exclamou Darius. — Ele pode provar tudo! É mais forte e mais rápido do que qualquer humano. Ele pode...

— Quieto! — berrou Joana enfurecida, com tanta animosidade que Darius se calou de imediato. Ela me encarou, furiosa. — Saia da minha casa — vociferou. — Afaste-se do meu filho. Nunca mais volte aqui.

— Mas... — comecei a falar.

— Não! — gritou ela. — Você não é meu irmão! Mesmo se for, não é! Enterramos Darren há dezoito anos. Ele está morto e é assim que eu quero que ele fique. Não ligo se você for ele ou não. Eu o quero fora da minha vida... das *nossas* vidas... imediatamente. — Ela se levantou e apontou na direção da porta. — *Fora!*

Eu não me movi. Bem que eu queria. Se não fosse por Darius, eu teria saído de lá envergonhado, como um cachorro que havia sido chutado. Mas ela tinha que saber no que o seu filho havia se tornado. Não podia sair sem convencê-la do perigo que ele estava correndo.

Enquanto Joana se levantava, apontando para a porta, com a mão tremendo freneticamente e o rosto retorcido de raiva,

Darius se afastou da TV.

— Mãe — disse ele calmamente. — Você não quer saber como eu me envolvi com os vampixiitas e por que os ajudei?

— Não existem vampixiitas! — berrou ela. — Esse maníaco encheu a sua cabeça de mentiras e...

— Lucas Leonardo é o Senhor dos Vampixiitas — disse Darius, o que fez Joana parar subitamente. — Ele veio ao meu encontro há alguns anos — prosseguiu, enquanto se aproximava aos poucos da mãe. — No começo, saímos apenas para dar umas caminhadas, ele me levou ao cinema e para comer, coisas assim. Pediu para que eu não lhe contasse nada. Disse que você não gostaria, que o obrigaria a ir embora.

Ele parou em frente à mãe, estendeu a mão, segurou o dedo que apontava na

direção da porta e foi abaixando seu braço delicadamente. Ela o encarava, sem palavras.

— Ele é meu pai — disse Darius, com tristeza. — Confiei em Lucas porque achava que ele me amava. Foi por isso que acreditei no que ele me contou sobre os vampiros. Disse que estava me contando tudo para a minha segurança, que estava preocupado comigo... e com *você*. Ele queria nos proteger. Foi aí que tudo começou. E depois eu fui me envolvendo mais. Ele me ensinou a usar uma faca, como atirar, como matar.

Joana afundou em sua cadeira, incapaz de reagir.

— Foi Lucas — prosseguiu Darius. — Foi Lucas que fez com que eu me metesse nessa confusão, que matou o menino-cobra, que fez Darren voltar para ver você. Darren não queria... pois sabia que isso a deixaria

magoada... mas Lucas não lhe deu escolha. É verdade, mamãe, tudo que ele disse. Você tem que acreditar em nós, porque foi Lucas, e acho que ele pode voltar... para vir atrás de *você*... e se não estivermos prontos... se você não acreditar...

Ele foi parando de falar até ficar mudo, pois estava ficando sem palavras. Mas já havia dito o suficiente. Quando Joana olhou para mim novamente, havia medo e dúvida em seus olhos, mas nenhum desprezo.

— *Lucas?* — disse ela, gemendo. Acenei tristemente com a cabeça, o que a deixou pasma. — O que eu lhe disse sobre ele? — gritou para Darius, segurando o garoto com força e o sacudindo pelos braços, furiosa. — Mandei você nunca se aproximar dele! Que se um dia o visse, viesse correndo me contar! Eu já lhe disse que ele é perigoso!

— Eu não acreditei em você! — gritou Darius. — Achava que você o odiava só porque ele fugiu, e que estava mentindo! Ele era o meu pai! — Ele se soltou das garras de sua mãe e caiu no chão, chorando. — Ele era o meu pai — repetiu ele, soluçando. — Eu o amava.

Joana ficou olhando para o filho em prantos. E depois me encarou. Logo ela também começou a chorar, e seus soluços eram mais intensos ainda e mais dolorosos do que os do filho.

Eu não chorei. Estava guardando as minhas lágrimas. Sabia que o pior ainda estava por vir.

CAPÍTULO TRÊS

Mais tarde. Depois das lágrimas. Sentados pela sala de estar. Joana havia se recuperado de grande parte do que a deixara chocada. Nós três bebíamos chocolate quente. Eu ainda não havia chamado os outros — queria passar algum tempo a sós com Joana antes de despejar todas as sobras da Guerra das Cicatrizes sobre ela.

Joana fez-me falar mais sobre a minha vida. Queria saber dos países que eu visitara,

das pessoas que conheci, das minhas aventuras. Falei sobre alguns dos melhores momentos, deixando de lado as histórias mais sombrias. Ela ouviu, estupefata, tocando-me a cada minuto para se certificar de que eu era de verdade. Quando soube que eu era um príncipe, ela riu de felicidade.

— Isso faz de mim uma princesa? — perguntou ela, sorrindo.

— Temo que não — respondi, com outra risadinha.

Em troca, Joana me falou sobre a sua vida. Os meses duros que se seguiram à minha "morte". A lenta volta à normalidade.

Ela era jovem, por isso se recuperou, mas mamãe e papai jamais superaram a perda. Ela levantou a questão sobre se eles deviam ou não saber que eu estava vivo. Então, antes que eu pudesse falar, ela disse:

— Não. Eles estão felizes agora. É tarde demais para mudar o passado. E melhor não trazer esse assunto à baila desnecessariamente.

Prestei bastante atenção quando ela falou de Lucas.

— Eu era uma adolescente — disse ela, furiosa — confusa e insegura. Tinha alguns amigos, mas não muitos. E nenhum namorado sério. Até que Lucas voltou. Ele era apenas alguns anos mais velho do que eu, mas tinha a aparência e a atitude de um adulto. E estava interessado em mim. Ele queria falar comigo. Tratava-me de igual para igual.

Eles passaram um bom tempo juntos. Lucas desempenhava muito bem o seu papel — era gentil, generoso e amoroso. Joana achava que ele se importava com ela, que

ambos tinham um futuro juntos. Minha irmã se apaixonou e lhe entregou o seu amor. Até que descobriu que estava esperando um bebê.

— O rosto dele se iluminou quando soube da notícia — disse ela, tremendo com a lembrança. Darius estava ao seu lado, sério, em silêncio, ouvindo a tudo atentamente. — Ele me fez acreditar que estava feliz, que nos casaríamos e teríamos muitos filhos juntos. E me disse para não contar a novidade para ninguém... queria que tudo fosse segredo até que nos tornássemos marido e mulher. E partiu novamente. Disse que era para ganhar dinheiro, que serviria para bancar o casamento e a criação do bebê. Ficou longe um bom tempo. Voltou numa noite, bem tarde, enquanto eu estava dormindo. Acordou-me. Antes que eu pudesse dizer

qualquer coisa, colocou a mão na minha boca e deu uma gargalhada. “É tarde demais para parar agora!”, disse ele, zombando de mim. Falou outras coisas também, horríveis. E depois partiu. Nunca mais soube dele desde então.

Ela teve então que contar para mamãe e papai sobre o bebê. Eles ficaram furiosos — não com ela, mas com Lucas. Papai teria matado Lucas se o encontrasse. Mas ninguém sabia onde Lucas estava. Ele havia desaparecido.

— Criar Darius foi difícil — contou ela, sorrindo, enquanto eriçava o cabelo —, mas eu não me arrependo de ter vivido um dia sequer desde que ele nasceu. Lucas foi perverso, mas me deu o presente mais maravilhoso que alguém poderia ter me dado.

— Que frescura — resmungou Darius,

esforçando-se para não rir.

Fiquei quieto durante um bom tempo depois disso. Fiquei me perguntando se Lucas, já naquela época, tinha a intenção de usar Darius contra mim. Isso aconteceu muito tempo antes de ele topar com os vampixiitas e ficar a par de seu destino abominável. Mas aposto que ele já estava planejando a minha desgraça, de um jeito ou de outro. Será que ele engravidou Joana deliberadamente para que pudesse usar seu filho ou filha para me ferir? Conhecendo Lucas como eu, imaginava que essas fossem suas exatas intenções.

Joana começou a me falar sobre sua vida com Darius, de como mamãe e papai ajudaram a criá-lo até se mudarem, e de como os dois estavam se virando sozinhos agora. Ela se preocupava com o fato de ele

não ter um pai, mas sua experiência com Lucas a fez ter muita cautela em relação aos homens e ficou difícil confiar em qualquer um. Eu poderia ficar ouvindo Joana a noite toda, contando histórias sobre mamãe, papai e Darius. Estava ficando a par de tudo o que se passou naqueles anos perdidos. Sentia-me como se fizesse parte da família novamente. Não queria que aquilo parasse.

Mas estávamos no meio de uma crise. Eu havia retardado o momento da verdade, mas agora tinha que lhe contar tudo. A noite se aproximava e eu ansiava para concluir a missão para a qual fui designado. Deixei que ela terminasse a história que estava contando — sobre o primeiro dia de Darius na escola — e depois perguntei se poderia lhe apresentar alguns dos meus amigos.

Joana não sabia ao certo o que pensar

de Vancha, Alice e Evanna. Alice estava vestida normalmente, mas Vancha com suas peles de animal, faixas cheias de *shurikens* e cabelo verde; e a peluda e delirantemente feia Evanna coberta de laços... Eles passariam como uma dupla de gárgulas em qualquer lugar!

Mas todos eram meus amigos (bem, Vancha e Alice eram com certeza, mas eu não botaria a mão no fogo em relação à bruxa), por isso Joana os convidou para entrar — embora eu pudesse dizer que ela não confiava totalmente no trio. Percebi que ela tinha a sensação de que eles não estavam ali apenas para fazer número. Minha irmã imaginava que algo ruim estava por vir.

Jogamos conversa fora durante um tempo. Alice falou para Joana sobre os anos que passou na polícia. Vancha descreveu

alguns de seus deveres como príncipe e Evanna deu algumas dicas sobre como criar sapos (não que Joana estivesse interessada nisso!). Então Darius bocejou. Vancha olhou-me de um jeito significativo — era chegada a hora.

— Joana — comecei, hesitante —, eu lhe disse que Darius havia se comprometido com os vampixiitas. Mas não lhe contei exatamente o que isso significa.

— Prossiga — disse Joana quando eu parei.

— Lucas o vampirizou — afirmei. — Ele transferiu um pouco de seu sangue vampixiita para Darius. O sangue ainda não é tão potente dentro dele, mas ficará mais forte com o tempo. As células se multiplicarão e assumirão o controle.

— Você está me dizendo que ele ficará

como você? — O rosto de Joana ficou pálido. — Ele não envelhecerá normalmente? Precisará beber sangue para sobreviver?

— Sim. — O rosto de minha irmã se retorceu. Ela achava que essa era a pior parte, a parte que eu estava evitando contar. Gostaria de poder poupá-la da verdade, mas não era possível. — Tem mais — afirmei, o que a fez parar onde estava. — Os vampiros podem controlar os seus hábitos alimentares. Não é fácil... requer treinamento... mas podemos. Os vampixiitas não. Seu sangue os força a matar cada vez que se alimentam.

— Não! — disse Joana, gemendo. — Darius não é um assassino! Ele não seria capaz!

— Seria sim — resmungou Vancha. — Ele não teria escolha. Uma vez que o vampixiita sente o gosto de sangue, a sua

ânsia o consome. Ele entra numa espécie de transe e se alimenta até sua fonte se secar. Ele não consegue parar.

— Mas tem que haver uma maneira de ajudá-lo! — insistiu Joana. — Médicos... cirurgias... remédios...

— Não — disse Vancha. — Essa não é uma doença humana. Seus médicos poderiam estudá-lo e contê-lo na hora de se alimentar mas você quer que o seu filho passe o resto da vida aprisionado?

— E mais — acrescentei —, eles não conseguiriam detê-lo quando ficasse mais velho. À medida que for atingindo a plenitude de seus poderes, ele ficará incrivelmente forte. Eles teriam que mantê-lo em estado de coma para controlá-lo.

— Não! — gritou Joana, enquanto seu rosto ficava opaco e com uma fúria resoluta.

— Não permitirei isso! Tem que haver uma maneira de salvá-lo!

— E há — afirmei, o que a fez relaxar um pouco. — Mas é perigosa. E não irá restaurar sua humanidade... simplesmente o conduzirá rumo a um canto diferente da noite.

— Não me venha com enigmas! — vociferou Joana. — O que ele tem que fazer?

— Tornar-se um vampiro — respondi.

Joana me encarou, descrente.

— Não é tão ruim quanto parece — prossegui rapidamente. — Sim, ele envelheceria lentamente, mas isso é algo com que você e ele poderiam aprender a lidar. E, sim, ele teria que beber sangue, mas não feriria ninguém quando o fizesse. Nós o ensinaríamos a controlar seus impulsos.

— Não — disse Joana. — Tem que haver uma outra maneira.

— Não há — afirmou Vancha, ofendido. — E mesmo assim não temos certeza de nada. Nem se é um procedimento seguro.

— Terei que trocar meu sangue com ele — expliquei. — Bombear minhas células vampiras para dentro do seu corpo e aceitar suas células vampixiitas no meu. As células vampiras e vampixiitas atacarão umas às outras. Se tudo der certo, Darius se tornará um meio-vampiro e eu continuarei a ser o que era antes.

— Mas e se der errado, você se tornará um meio-vampixiita e Darius não mudará? — especulou Joana, trêmula ao pensar em um destino tão horrível.

— Não — afirmei. — É pior do que isso. Se der errado, eu morrerei... e Darius também.

E então eu me sentei e fiquei paralisado

enquanto aguardava a sua decisão.

CAPÍTULO QUATRO

Joana não gostou — ninguém gostou! —, mas acabamos convencendo-a de que não havia outra solução. Ela queria esperar, pensar melhor e conversar com seu médico, mas eu lhe disse que era agora ou nunca.

— Vancha e eu temos uma missão para cumprir — lembrei-a. — Podemos não ter como voltar mais tarde.

Quando conversamos pela primeira vez sobre a transfusão, Vancha chegou a se

oferecer. Ele não achava que seria seguro se eu tentasse. Eu estava no meio do expurgo — minhas células vampiras estavam começando a me dominar, transformando-me num vampiro completo, e meu corpo estava muito instável. Mas quando o pressionei, ele admitiu que não havia nenhum motivo real para achar que o expurgo teria algum efeito sobre o procedimento. Poderia até funcionar a nosso favor — como minhas células vampiras eram hiperativas, elas poderiam ter uma chance maior de destruir as células vampixiitas.

Tentamos questionar Evanna sobre os perigos que poderíamos correr. Ela tinha como ver o futuro e saber se seríamos bem-sucedidos ou não. Mas se recusou a ser sondada.

— Isso não tem nada a ver comigo —

disse ela. — Não tenho nada a comentar.

— Mas deve ser seguro — insisti, na esperança de que ela renovasse a minha esperança. — Estamos fadados a encontrar Lucas novamente. Não poderemos fazer nada se eu morrer.

— O seu encontro final com Lucas Leonardo não é de maneira alguma inevitável — respondeu ela. — Se você morrer antes, ele se tornará o Senhor das Sombras por descuido seu e a guerra penderá a favor dos vampixiitas. Não pense que você está imune ao perigo por conta do seu destino, Darren... você *pode* e talvez *venha a morrer* se tentar fazer isso.

Mas Darius era meu sobrinho. Vancha não aprovava — por ele, esqueceríamos Darius por enquanto e nos concentraríamos em Lucas —, mas eu não podia deixar o garoto

daquele jeito, com tal ameaça rondando-o. Se eu pudesse salvá-lo, o faria de qualquer jeito.

Poderíamos ter feito a transfusão de sangue com seringas, mas Darius insistiu no método tradicional das pontas de dedos. Ele estava se sentindo instigado, apesar do perigo, e queria fazê-lo do jeito tradicional.

— Se vou me tornar um vampiro, quero ser um de verdade — resmungou. — Não quero esconder minhas marcas. É tudo ou nada.

— Mas será doloroso — avisei-o.

— Não estou ligando — disse ele, torcendo o nariz.

As dúvidas de Joana permaneceram, mas no fim das contas ela concordou com o plano. Ela poderia não tê-lo feito se Darius tivesse hesitado, mas ele manteve sua

opinião com uma determinação ferrenha. Eu detestava admitir isso — e não falei em voz alta —, mas ele tinha o senso de compromisso de seu pai. Lucas era loucamente diabólico, mas sempre fazia o que tinha que fazer, e nada era capaz de fazê-lo mudar de ideia depois que tomava uma decisão. Darius era a mesma coisa.

— Não acredito que isso está acontecendo — suspirou Joana enquanto eu me sentava em frente a Darius e me preparava para perfurar as pontas dos seus dedos com as minhas unhas. — Hoje à noite, mais cedo, eu só estava pensando em fazer compras amanhã e estar aqui para abrir a porta para quando Darius chegasse do colégio. Eis então que meu irmão entra de novo na minha vida e me diz que é um vampiro! E agora, quando estou começando a me acostumar

com a novidade, posso vir a perdê-lo tão rapidamente quanto o encontrei... junto com o meu filho!

Ela quase chegou a impedir tudo, mas Alice veio por trás e disse suavemente:

— Você prefere perdê-lo enquanto ele for humano ou quando for um assassino como o pai? — Era algo cruel de se dizer, mas fez os nervos de Joana se acalmarem e a lembrarem do que estava em jogo. Tremendo intensamente, e chorando em silêncio, ela se afastou e deixou que eu prosseguisse.

Sem nenhum aviso, cravei minhas unhas na carne macia da ponta dos dedos de Darius. Ele ganiu penosamente e se jogou para trás na cadeira.

— Não — falei enquanto ele levava os dedos na direção da boca para sugá-los. — Deixe sangrar.

Darius abaixou as mãos. Com os dentes rangendo, cravei as unhas da minha mão direita nas pontas dos dedos da esquerda e depois fiz o inverso. O sangue brotou de dez fontes carnais.

Apertei meus dedos contra os de Darius e os mantive pressionados enquanto meu sangue fluía para dentro de seu corpo, e o sangue dele para dentro do meu.

Ficamos nos apertando durante vinte segundos... trinta... mais até. Dava para sentir as células vampixiitas coçando, queimando e chiando assim que o sangue do rapaz entrou nas minhas veias. Ignorei a dor. Também pude ver que Darius estava a par da mudança, e que ela estava doendo mais nele do que em mim. Apertei-me ainda mais contra o garoto, para que lhe fosse impossível se separar de mim.

Vancha ficou de guarda, observando-nos e calculando. Quando achou que era a hora certa, ele pegou os meus braços e afastou as minhas mãos. Ofeguei em voz alta, levantei-me, meio que sorri e depois caí no chão, debatendo-me em agonia. Eu não esperava que as células fossem começar a se multiplicar tão rapidamente, e estava despreparado para a velocidade brutal da reação.

Durante as minhas convulsões, vi Darius se retorcendo rapidamente na cadeira, com os olhos inchados, parecendo estar sufocado, enquanto seus braços e pernas se debatiam violentamente. Joana correu em sua direção, mas Vancha a empurrou para o lado.

— Não interfira! — vociferou o vampiro. — A natureza deve seguir o seu curso. Não podemos ficar em seu caminho.

Durante alguns segundos eu fiquei com

o corpo curvado no chão. Parecia que um fogo queimava por dentro da minha pele. Eu já havia sofrido com dores de cabeça que me cegavam e sentido bastante desconforto durante o expurgo, mas isso me levou a novos níveis de dor. A pressão por trás dos meus olhos aumentou, como se meu cérebro fosse se projetar pelas minhas órbitas oculares. Apertei os olhos com as mãos e depois as pus nas laterais da cabeça. Eu não sabia se estava rugindo ou ofegando — não conseguia ouvir nada.

Vomitei e depois tive convulsões, embora não tenha conseguido botar nada para fora. Bati em algo duro — a TV. Rolei para o lado e acabei me chocando contra a parede. Afundei as unhas no reboco e nos tijolos, tentando afastar a dor.

Até que, finalmente, a pressão diminuiu.

Meus membros relaxaram. Parei de ter convulsões. A visão e a audição retornaram, embora minha violenta dor de cabeça persistisse. Olhei em volta, confuso. Vancha estava agachado sobre mim, enxugando o meu rosto, sorrindo.

— Você sobreviveu — disse ele. — E vai ficar bem... com a sorte dos vampiros.

— E Darius? — perguntei, ofegante.

Vancha ergueu a minha cabeça e apontou. Darius estava deitado no sofá, com os olhos fechados, sossegado. Joana e Alice estavam agachadas ao seu lado. Evanna estava sentada num canto, com a cabeça curvada. Durante um momento tenebroso eu achei que Darius estivesse morto. Então vi seu peito se erguer e descer suavemente, e percebi que ele estava apenas dormindo.

— Ele ficará bem — disse Vancha. —

Vamos ter que ficar de olho em vocês dois durante algumas noites. Provavelmente haverá outros ataques, mais brandos do que esse. Mas a maioria dos que tentam fazer isso morre na primeira oportunidade. Por terem sobrevivido até aqui, as chances são boas para ambos.

Sentei-me com dificuldade. Vancha pegou os meus dedos e cuspiu neles, esfregando a saliva para ajudar a fechar as feridas.

— Sinto-me péssimo — afirmei, gemendo.

— Vocês não vão melhorar tão cedo — disse Vancha. — Quando me tornei vampiro, meu corpo demorou um mês para sossegar e quase um ano para voltar ao normal. E você tem que lutar contra o expurgo também. — Ele deu uma risadinha atravessada. — Você

terá algumas noites difíceis pela frente, Majestade!

Vancha me ajudou a sentar novamente na cadeira. Alice me perguntou se eu queria beber água ou leite. O vampiro disse que sangue seria melhor para mim. Sem piscar, Alice usou uma faca para se cortar e deixou que eu me alimentasse diretamente do seu ferimento. Vancha fechou o corte com cuspe, assim que terminei de me alimentar, e sorria de alegria para Alice.

— Você é uma baita de uma mulher, Srta. Burgess.

— A melhor de todas — respondeu Alice, secamente.

Inclinei-me para trás, com os olhos meio fechados.

— Poderia dormir durante uma semana — afirmei, suspirando.

— Por que não faz isso? — perguntou Vancha. — Recentemente você se recuperou de um ferimento que poderia ter acabado com a sua vida. E está no meio do expurgo. Você realizou a transfusão de sangue mais perigosa que os vampiros conhecem. Pelo sangue negro de *Harnon Oan*, você merecia um descanso!

— Mas, Lucas... — murmurei.

— Leonardo pode esperar — resmungou o vampiro. — Vamos mandar Joana e Darius para fora da cidade... Alice os acompanhará... e depois o acomodaremos no circo. Uma semana na sua rede vai cair maravilhosamente bem.

— Imagino que sim — afirmei, infeliz. Eu pensava em Evra e Merla e no que poderia lhes dizer. E também tinha que considerar o Sr. Altão... todo mundo no Circo dos

Horrores o amava.

Assim como Shancus, ele morreu por estar associado a mim. Será que o pessoal lá estaria me odiando por causa disso?

— Quem você acha que assumirá o lugar do Sr. Altão? — perguntei.

— Não tenho ideia — disse Vancha. — Não creio que alguém esperava que ele fosse morrer, especialmente em circunstâncias tão súbitas.

— Talvez eles se separem — cismei. — Cada um deve ir para um lado e retomar o que faziam antes de se juntar ao circo. Alguns já devem ter deixado o estádio. Espero...

— Que negócio é esse de estádio? — interrompeu-nos Joana. Ela ainda cuidava de Darius (que roncava suavemente), mas escutava a nossa conversa.

— O Circo dos Horrores está acampado no velho estádio de futebol — expliquei. — Vamos voltar para lá assim que você partir, mas eu estava dizendo para Vancha que...

— O noticiário — interrompeu-me Joana mais uma vez. — Você não viu o noticiário hoje à noite?

— Não.

— Eu estava vendo quando vocês chegaram — disse ela, com o olhar de quem estava ficando novamente preocupada. — Não sabia que era lá que vocês estavam acampados, por isso não liguei uma coisa à outra.

— Ligar o quê? — perguntei, ansioso.

— A polícia cercou o estádio — afirmou Joana. — Disseram que estão lá as pessoas que mataram Tom Jones e as outras no jogo de futebol. Eu devia ter me tocado antes,

quando vocês estavam me contando sobre Tommy, mas... — Ela balançou a cabeça, furiosa, e depois prosseguiu: — Não estão deixando ninguém entrar ou sair. Quando eu estava vendo o noticiário, eles ainda não haviam entrado. Mas declararam que, quando o fizessem, entrariam com toda a sua força letal. Um dos repórteres... — Ela parou de falar.

— Continue — pedi, com a voz rouca.

— Ele disse que nunca vira tantos policiais armados antes. Ele... — Joana engoliu em seco e terminou com um sussurro: — Ele disse que os policiais pretendiam invadir o estádio com toda a força possível. E que parecia que planejavam matar todo mundo que estava lá dentro.

CAPÍTULO CINCO

Primeiro as coisas mais importantes — certificar-me de que Joana e Darius conseguiriam fugir em segurança. Eu não poderia me concentrar em ajudar meus amigos presos dentro do estádio se estivesse preocupado com minha irmã e meu sobrinho. Assim que eles estivessem fora do alcance de Lucas, seguros em algum lugar onde não pudessem ser encontrados, eu poderia me concentrar totalmente na minha missão. Até

aquele momento eu era apenas um desorientado com responsabilidade.

Joana não queria ir embora. Aquele era o seu lar e ela queria lutar para protegê-lo. Quando eu a convenci de que eles tinham que partir, depois de falar sobre todas as atrocidades que Lucas havia cometido ao longo dos anos, ela insistiu para que eu os acompanhasse. Durante anos ela acreditou que eu estava morto. Agora que descobrira a verdade, minha irmã não queria me perder de novo tão rapidamente.

— Não posso ir — suspirei. — Não enquanto meus amigos estiverem em perigo. Mais tarde, quando tudo isso terminar, eu a encontrarei.

— Não se Lucas o matar! — gritou Joana. Eu não tinha resposta para lhe dar. — E quanto a Darius? — insistiu ela. — Você

disse que ele precisa de treinamento. O que o menino vai fazer sem você?

— Dê-nos o número do seu celular — pedi. — Alice contatará a gente dela antes de irmos para o estádio. Na pior das hipóteses, alguém entrará em contato. Um vampiro se juntará a você e instruirá Darius ou irá conduzi-lo para a Montanha dos Vampiros, onde Sebá ou Vanez tomará conta dele.

— Quem? — perguntou ela.

— Velhos amigos — respondi, sorrindo. — Eles poderão ensinar-lhe tudo o que precisará saber para se tornar um vampiro.

Joana insistiu em me fazer mudar de ideia, dizendo que o meu lugar era com ela e Darius, que eu era seu irmão antes de me tornar um vampiro e devia pensar nela antes de qualquer coisa. Mas ela estava errada. Eu havia deixado o mundo humano para trás

quando me tornei um Príncipe Vampiro. Ainda me preocupava com Joana e a amava, mas minha lealdade, em primeiro lugar, era para com o clã.

Quando ela percebeu que não conseguiria me convencer, Joana pôs Darius deitado no banco de trás do seu carro — ele ainda dormia a sono solto — e, às lágrimas, foi pegar alguns pertences pessoais. Pedi para que ela pegasse o máximo que pudesse e não voltasse. Se derrotássemos Lucas, ela e Darius poderiam retornar. Se não, alguém viria pegar o resto de suas coisas. A casa teria que ser vendida, e eles permaneceriam escondidos sob a proteção do clã dos vampiros, enquanto este fosse capaz de protegê-los. (Eu não disse "até o clã cair", mas era assim que eu pensava.) Não seria uma vida ideal — mas seria melhor do que acabar nas

mãos de Lucas Leopardo.

Joana me abraçou com todas as suas forças antes de entrar no carro.

— Não é justo — dizia ela, aos prantos. — Há tanta coisa que você ainda não me contou, tanta coisa que eu quero saber e tanta coisa que eu quero dizer.

— Eu digo o mesmo — aquiesci, segurando as lágrimas. Era uma sensação estranha. Tudo estava acontecendo dez vezes mais rápido do que devia. Só haviam se passado algumas poucas horas desde que voltamos para o Circo dos Horrores para conversar com o Sr. Altão, mas parecia terem transcorrido semanas. Sua morte, a perseguição, a decapitação de Morgan James, o cinema, Shancus sendo assassinado por Lucas, a descoberta da origem de Darius, o reencontro com a minha irmã... Queria

colocar o pé no freio, dar um tempo, tentar entender tudo o que estava acontecendo. Mas a vida faz as suas próprias regras e determina a sua velocidade. Às vezes você pode mantê-la sob as rédeas e diminuir sua marcha... em outras vezes não.

— Você realmente não pode vir conosco? — tentou Joana uma última vez.

— Não — respondi. — Eu quero... mas não posso.

— Então lhe desejo toda a sorte do mundo, Darren — disse ela, gemendo. Minha irmã me beijou, começou a falar outra coisa e depois caiu no choro. Enquanto entrava no carro, ela deu uma última olhada em Darius, depois ligou o motor e se afastou, desaparecendo no meio da noite, deixando-me em pé do lado de fora da minha velha casa... com o coração partido.

— Você está bem? — perguntou Alice, que vinha se aproximando por trás.

— Ficarei — respondi, enquanto enxugava as minhas lágrimas. — Gostaria de ter podido me despedir de Darius.

— Não é uma despedida — devolveu Alice. — Apenas um *até logo*.

— Espero que sim — suspirei, embora não acreditasse de fato nessa possibilidade. Perdendo ou ganhando, o embrulho no meu estômago me dizia que aquela era a última vez em que veria Joana e Darius. Por um instante, fiz uma pausa para me despedir em silêncio e depois me virei, tirei-os do meu pensamento e deixei que todas as minhas emoções e energias ficassem concentradas nos problemas que eu tinha que resolver e nos perigos enfrentados pelos meus amigos no Circo dos Horrores.

Discutimos o nosso próximo passo, dentro da casa. Alice era a favor de que saíssemos da cidade o mais rápido possível, abandonando nossos amigos e aliados.

— Três de nós não farão diferença se houver hordas de policiais postadas em volta do estádio — argumentou ela. — Lucas Leonardo continua sendo a nossa prioridade. Os outros terão que se virar.

— Mas eles são nossos amigos — resmunguei. — Não podemos simplesmente abandoná-los.

— Devemos — insistiu ela. — Não importa o quanto isso seja doloroso. Não podemos fazer nada por eles agora, não sem colocar nossas próprias vidas em perigo.

— Mas, Evra... Harkat... *Débora*.

— Eu sei — disse ela, com o olhar triste,

porém firme. — Mas como eu disse, não importa o quanto venha a doer. Temos que abandoná-los.

— Não concordo — insisti. — Eu acho que... — parei, relutando em verbalizar a minha crença.

— Vá em frente — encorajou-me Vancha.

— Não posso explicar — falei pausadamente, voltando-me para Evanna —, mas acho que Lucas está lá. No estádio. Esperando por nós. Ele colocou a polícia contra nós antes... quando Alice era um deles... e não consigo vê-lo se valer do mesmo truque duas vezes. Uma segunda vez seria enfadonha. Ele anseia pela originalidade e por novas emoções. Acho que a polícia do lado de fora é só para dar cobertura.

— Ele poderia ter preparado uma

armadilha no cinema — cismou Vancha, acompanhando a minha linha de raciocínio. — Mas não seria um cenário tão mirabolante quanto aquele no qual nos enfrentamos antes... na Caverna da Vingança.

— Exatamente — afirmei. — Este será o nosso grande espetáculo. Ele vai querer aparecer no auge, com algo maior e mais estranho, grotesco. É tão artista quanto qualquer um no Circo dos Horrores. Ele adora uma dramaticidade. E aposto que gostaria muito da ideia de um estádio como cenário. Seria como os antigos duelos de gladiadores no Coliseu.

— Estaremos em apuros se você estiver errado — disse Alice, inquieta.

— Não há nada de novo nisso — gritou Vancha, irritado. Ele piscou para Evanna. — Importa-se em nos dar uma dica?

Para o nosso espanto, a bruxa acenou positiva e sobriamente.

— Darren tem razão. Ou vocês vão para o estádio agora e enfrentam o seu destino ou fugirão e entregarão a vitória para os vampixiitas.

— Eu achava que você não podia nos dar esse tipo de informação — afirmou Vancha, espantado.

— O embate final começou — respondeu Evanna, enigmática. — Agora posso falar mais abertamente sobre certos assuntos, sem alterar o futuro.

— Nós o alteraríamos se enfiássemos o rabo entre as pernas e corrêssemos como loucos rumo às montanhas — resmungou Vancha.

— Não — afirmou Evanna. — Não mesmo. Como eu disse, isso significaria

apenas que os vampixiitas venceriam. Além do mais — acrescentou ela, com um largo sorriso —, vocês não vão fugir, vão?

— Nem em um milhão de anos! — exclamou Vancha, cuspindo na parede para dar mais ênfase às suas palavras. — Mas não precisamos ser burros. Creio que devemos checar o estádio do lado de fora. Se tivermos certeza de que Leonardo está lá dentro, arrumaremos uma maneira de entrar e cortar a cabeça do demônio. Se não, o buscaremos em outra parte e o pessoal do circo terá que ficar à sua própria sorte. Não tem sentido arriscarmos nossas vidas por eles a essa altura, certo, Darren?

Pensei nos meus amigos extravagantes — Evra, Merla, Mano Mão e o resto. Pensei em Harkat e Débora e no que poderia lhes acontecer. E depois pensei em minha gente

— os vampiros — e no que *poderia* acontecer com o clã se jogássemos nossa vida fora tentando salvar nossos aliados não-vampiros.

— Certo — respondi, desgraçadamente, e, embora soubesse que estava fazendo a coisa certa, sentia-me um traidor.

Alice e Vancha checaram suas armas enquanto eu me armava de algumas facas de cozinha afiadas. Alice fez algumas ligações telefônicas, nas quais providenciou alguma proteção para Joana e Darius. Então, com Evanna na retaguarda, saímos e eu deixei pela segunda vez na vida a casa onde passei a infância, certo de que jamais voltaria a ela novamente.

CAPÍTULO SEIS

Cruzamos a cidade sem incidentes. Parecia que toda a polícia fora enviada ou atraída para o estádio. Não passamos por nenhuma barricada de rua ou rondas feitas a pé. De fato, não encontramos quase ninguém. Fazia um silêncio assustador. As pessoas estavam em suas casas ou nos bares, vendo o cerco pela TV esperando a ação começar. Era um silêncio que eu conhecia do passado, o silêncio que normalmente vem antes das batalhas

e da morte.

Ao chegarmos, dezenas de viaturas policiais e camburões estavam estacionados formando um anel em volta do estádio, e havia guardas armados posicionados em cada ponto de entrada e saída possível. Barreiras foram erguidas para afastar o público e a mídia e refletores extremamente potentes foram colocados sobre os muros do estádio. Meus olhos lacrimejavam por causa do brilho das luzes, mesmo eu estando muito longe; por isso tive que parar para amarrar uma tira de pano grossa em volta deles.

— Você tem certeza de que é capaz? — perguntou Alice, enquanto me observava, cheia de dúvidas.

— Farei o que for necessário — murmurei, embora não estivesse tão convencido da minha promessa como aparentava. Eu

estava em péssima forma, a pior desde a viagem que fiz descendo o rio e atravessando o interior da Montanha dos Vampiros, quando falhei nos meus Rituais de Iniciação. O expurgo, o ferimento no meu ombro, o esgotamento total e a transfusão de sangue haviam sugado grande parte da minha energia. Eu só queria dormir, e não encarar uma luta até a morte. Mas, na vida, a gente normalmente não escolhe a época em que ocorrerão os nossos momentos de definição. Apenas temos que enfrentá-los quando surgem, independente da nossa forma física.

Uma grande multidão se aglomerava em volta das barreiras. Nós nos misturamos a ela, sem sermos notados pela polícia no meio da escuridão e da aglomeração — nem mesmo Vancha e Evanna, estranhamente vestidos, chamavam a atenção. Enquanto

íamos avançando aos poucos, vimos nuvens espessas de fumaça subindo, vindas de dentro do estádio, e ouvimos o espocar ocasional das armas de fogo.

— O que está acontecendo? — perguntou Alice para as pessoas que estavam mais perto da barreira. — A polícia já invadiu?

— Ainda não — contou a ela um sujeito robusto com boné de caçador. — Mas uma pequena equipe de reconhecimento entrou há uma hora. Deve ser uma nova tropa de choque. A maior parte de seus integrantes tinha a cabeça raspada e usava camisas marrons e calças pretas.

— Seus olhos estavam pintados de vermelho! — disse um jovem, ofegante. — Acho que era sangue!

— Não seja ridículo — afirmou sua mãe, rindo. — Era apenas tinta, para que o brilho

das luzes não os cegasse.

Recuamos, aflitos por causa dessa nova informação. Enquanto estávamos saindo, ouvi o garoto dizer:

— Mamãe, uma daquelas mulheres estava vestida com laços.

Sua mãe respondeu com um grito.

— Para de inventar histórias!

— Parece que você estava certo — disse Alice assim que ficamos a uma distância segura. — Os vampitietes estão aqui e geralmente não vão a lugar algum sem os seus chefes.

— Mas por que a polícia os deixou entrar? — perguntei. — Ela não pode estar trabalhando para os vampixiitas, pode?

Olhamos um para o outro, incertos. Os vampiros e os vampixiitas sempre mantinham suas batalhas em segredo, longe dos

olhos dos humanos. Embora ambos os lados estivessem montando exércitos de ajudantes humanos, eles, de maneira geral, escondiam a guerra deles. Se os vampixiitas quebraram uma tradição que já durava eras e estavam trabalhando com forças humanas de forma regular, isso sinalizava para uma nova e preocupante reviravolta na Guerra das Cicatrizes.

— Eu ainda posso me fazer passar por uma policial — disse Alice. — Espere aqui. Tentarei levantar mais alguma informação.

Ela se enfiou adiante no meio da multidão e atravessou a barreira. Foi imediatamente contida por um policial, mas, depois de uma rápida conversa, foi levada para falar com quem estivesse no comando.

Vancha e eu ficamos esperando ansiosamente. Evanna estava por perto, calma.

Aproveitei a pausa para analisar a minha situação. Eu me sentia perigosamente fraco e meus sentidos estavam completamente descontrolados. Minha cabeça doía e meus membros tremiam. Cheguei a dizer para Alice que estava pronto para lutar, mas, com toda a honestidade, não dava para dizer se eu seria capaz de me defender. Seria mais inteligente me afastar com o intuito de me recuperar. Mas Lucas havia forçado a barra para que esse embate acontecesse. Ele estava dando as cartas. Eu teria que lutar com tudo o que tinha e rezar aos deuses dos vampiros para ganhar forças.

Enquanto esperava, comecei a pensar mais uma vez na profecia de Evanna. Se eu e Vancha enfrentássemos Lucas nesta noite, um de nós três morreria. Se fosse Vancha ou eu, Lucas se tornaria o Senhor das Sombras e

os vampixiitas dominariam a noite, assim como o mundo dos humanos. Mas, se Lucas morresse, eu me tornaria o senhor, me voltaria contra Vancha e destruiria o mundo.

Deve haver alguma maneira de mudar isso. Mas como? Tentar fazer as pazes com Lucas? Impossível! Não o faria nem se pudesse, não depois do que ele fez com o Sr. Crepsley, Tommy, Shancus e tantos outros. A paz não era uma opção.

Mas será que não haveria alguma outra alternativa? Eu não podia aceitar o fato de que o mundo estava condenado. E não dava ouvidos ao que Evanna dizia. Devia haver uma maneira de impedir a ascensão do Senhor das Sombras. *Devia*...

Alice retornou dez minutos depois, com o semblante carregado.

— Eles estão dançando a música que os

vampixiitas tocam — disse ela, curta e grossa. — Eu fingi que era uma inspetora de polícia de fora da cidade e ofereci os meus serviços. O chefe do pelotão disse que eles tinham tudo sob controle. Perguntei sobre os soldados de camisas marrons e ele me disse que faziam parte de uma força especial do governo. Não chegou a confirmar, mas tenho a impressão de que ele está obedecendo as ordens deles. Não sei se o subornaram ou o ameaçaram, mas eles estão mexendo os seus pauzinhos, sem dúvida.

— Então você não conseguiu persuadi-los a deixar-nos entrar? — perguntou Vancha.

— Não foi necessário — afirmou Alice. — Já existe um caminho aberto. Há uma entrada por trás que está desbloqueada. Eles estão deixando a trilha de acesso aberta. Os

policiais que estão ali não estão impedindo a entrada de ninguém.

— Ele lhe disse isso? — perguntei, surpreso.

— Ele obedecia ordens expressas de dizer isso a qualquer um que perguntasse — disse Alice. Ela cuspiu no chão, enojada. — Traidor.

Vancha me encarou com um sorriso discreto.

— Leonardo está lá dentro, não está?

— Sem dúvida. — Acenei com a cabeça. — Ele não perderia algo assim.

Vancha apontou o polegar para as muralhas do estádio.

— Ele armou tudo isso para nos ajudar. Somos os convidados de honra. Seria uma pena desapontá-lo.

— Provavelmente não sairemos de lá

vivos se entrarmos — assinalei.

— Isso é pensar de forma negativa — desaprovou Vancha.

— Então, vamos seguir em frente? — perguntou Alice. — Será que devemos nos apressar, sabendo que estamos em menor número e com menos armas?

— Sim — respondeu Vancha depois de pensar por um instante. — Já estou muito velho para dar importância à sabedoria!

Sorri para meu amigo príncipe. Alice encolheu os ombros. Evanna permaneceu tão pálida como sempre. Então, sem discutir mais nada, seguimos para a entrada que estava desprotegida.

As luzes não eram tão ofuscantes nos fundos do estádio e não havia tanta gente por lá. Muitos policiais estavam por perto, mas eles

nos ignoraram deliberadamente, como foram ordenados a fazer. Quando estávamos prestes a avançar pela lacuna criada pelos pelotões policiais, Alice nos deteve.

— Tive uma ideia — disse ela, hesitante. — Se todos entrarmos eles podem fechar a arapuca ao nosso redor e não teremos como sair. Mas se atacarmos em duas frentes ao mesmo tempo...

Ela resumiu rapidamente o seu plano. Tudo fez sentido para mim e para Vancha, por isso nos seguramos enquanto ela fazia algumas ligações telefônicas. Depois, ainda esperamos impacientemente durante uma hora, sem nos afobarmos, preparando-nos mental e fisicamente. Enquanto observávamos, a fumaça que vinha das fogueiras de dentro do estádio ficou mais espessa, e a multidão em torno das barreiras cresceu.

Muitos dos que haviam acabado de chegar eram mendigos e sem-teto. Eles se misturaram com os outros e lentamente foram abrindo caminho à frente, onde esperaram perto das barreiras, em silêncio, sem serem notados.

Quando tudo estava como devia ser, Alice me deu uma pistola e se despediu. Nós três nos demos as mãos e desejamos sorte uns para os outros. Então, Vancha e eu voltamos nossas vistas para a porta que estava desprotegida. Enquanto Evanna nos seguia como se fosse um fantasma, prosseguimos corajosamente em meio aos pelotões da polícia armada. Eles desviaram o olhar ou nos deram as costas enquanto passávamos. Pouco depois, deixamos a claridade do lado de fora para adentrarmos a escuridão dos túneis do estádio e nos

encontrarmos com o destino.

Havíamos entrado na toca do leopardo.

CAPÍTULO SETE

O túnel tinha muitas curvas, mas passava embaixo das arquibancadas e terminava na parte aberta do estádio. Vancha e eu andávamos lado a lado no mais absoluto silêncio. Se Lucas estivesse nos esperando e a noite jogando contra, um de nós dois morreria nas próximas horas. Não havia muito a dizer numa situação como essa. Vancha, provavelmente, estava fazendo as pazes com os deuses dos vampiros. Eu estava preocupado

com o que aconteceria depois da luta, com a ideia fixa de que devia haver uma maneira de impedir a chegada do Senhor das Sombras.

Não havia armadilhas ao longo do caminho e não vimos ninguém. Quando deixamos os confins do túnel, aguardamos na saída por um minuto, absorvendo, estarrecidos, o caos que as tropas de Lucas haviam criado. Evanna andou um pouquinho para a nossa esquerda e também ficou observando o massacre.

A parte principal do Circo dos Horrores, junto com a maior parte dos furgões e das tendas, fora incendiada — era a fonte das colunas de fumaça que congestionava o céu mais acima. Os artistas e funcionários do circo foram agrupados uns vinte metros à frente do túnel, afastados das arquibancadas. Harkat estava entre eles, perto de Evra e

Merla. Eu nunca vira o seu rosto cinzento exalando tanta fúria. Eles estavam cercados por oito vampitietes armados, com holofotes retirados do picadeiro principal apontados na direção deles. Vários cadáveres estavam caídos por perto. A maior parte deles era de membros da equipe de apoio, mas um deles era de um astro que atuava há bastante tempo na companhia — o abatido, flexível e musical Alexandre Costela jamais subiria num palco novamente.

Ao retirar o pedaço de pano que cobria os meus olhos, deixei a minha visão entrar novamente em foco e depois procurei Débora entre os sobreviventes — não havia sinal dela. Em pânico, olhei os rostos e as formas dos cadáveres mais uma vez, com medo de que ela pudesse estar caída entre eles —, mas não consegui encontrá-la.

Diversos vampixiitas e vampitietes rondavam o estádio, circulando em volta das tendas e dos furgões que pegavam fogo, controlando as chamas. Enquanto eu observava tudo, o Sr. Tino saiu de dentro da pira ardente do picadeiro principal, atravessando uma muralha de fogo, esfregando as mãos. Ele usava um boné vermelho e luvas — que foram do Sr. Altão. Entendi instintivamente que ele deixara o corpo do filho dentro da tenda, usando-a como uma pira funerária provisória. O Sr. Tino não parecia estar triste, mas dava para dizer que, pelo jeito de ele usar o boné e as luvas, fora de algum modo afetado pela morte do filho.

Entre a tenda queimando e os membros do Circo dos Horrores sobreviventes havia uma novidade — uma forca erguida às pressas. Vários laços pendiam da viga mestra,

mas apenas um deles trazia algo pendurado — o pescoço fino do pobre menino-cobra, Shancus Von.

Gritei a altos brados quando avistei Shancus e fiz menção de correr em sua direção. Vancha me segurou pelo pulso esquerdo e me jogou para trás.

— Não podemos ajudá-lo agora — murmurou ele.

— Mas... — comecei a argumentar.

— Abaixe o rosto — retrucou Vancha, calmamente.

Ao fazê-lo, vi que um bando de vampixiitas estava reunido sob a viga e os laços. Todos estavam armados com espadas e alabardas[1]. Atrás deles, sobre uma plataforma que o erguia acima dos demais, sorrindo de maneira afetada e maléfica, estava o seu mestre, o Senhor dos Vampixiitas —

Lucas Leopardo. Ele ainda não tinha nos visto.

— Calma — disse Vancha enquanto eu retesava o corpo. — Não há por que ter pressa. — Seus olhos se reviravam lentamente, para a esquerda e para a direita. — Quantos vampixiitas e vampitietes estão por aqui? Será que há mais deles escondidos nas arquibancadas ou atrás dos furgões e das tendas em chamas? Vamos calcular exatamente que riscos poderemos correr antes de sair detonando tudo.

Respirando profundamente, obriguei-me a pensar com mais calma e depois estudei bem qual era a situação no momento. Contei quatorze vampixiitas — nove deles agrupados em torno de Lucas — e mais de trinta vampitietes. Não vi Gannen Harst, mas imaginei que ele estaria perto de Lucas,

escondido no meio do pessoal do circo, entre nós e a força.

— Acredito que haja mais de uma dúzia de vampixiitas e o triplo desse número em vampitietes. Estou certo? — disse Vancha.

— Mais ou menos — concordei.

Vancha olhou para mim de lado e piscou.

— A vantagem é nossa, Majestade.

— Você acha?

— Definitivamente — disse ele com um falso entusiasmo. Ambos sabíamos que a situação não era boa. Nossos inimigos estavam em número bem maior e possuíam armas melhores. Nosso único trunfo era o fato de que os vampixiitas e os vampitietes não podiam nos matar. O Sr. Tino havia previsto que uma maldição recairia sobre eles caso alguém além do seu senhor nos

matasse.

Sem dizer nada, começamos a avançar exatamente no mesmo instante. Eu carregava duas facas, uma em cada mão. Vancha havia sacado um par de estrelas voadoras, mas, exceto por isso, estava desarmado — ele acreditava que os embates deviam ser travados a pequena distância e com as mãos vazias. Evanna começou a se mover assim que o fizemos, seguindo-nos de perto a cada passo que dávamos.

Os vampitietes que cercavam os membros aprisionados do Circo dos Horrores viram que nos aproximávamos, mas não reagiram, exceto pelo fato de fecharem mais o cerco em torno das pessoas que estavam vigiando. Eles nem sequer avisaram aos outros que estávamos aqui. Então vi que não precisavam fazer isso — Lucas e seus camaradas já

haviam nos avistado. Lucas estava em cima de uma caixa, ou algo parecido, contemplando-nos alegremente, enquanto os vampixiitas à sua frente se agrupavam em posição defensiva, com as armas a postos.

Tínhamos que passar pelos prisioneiros do circo para chegar em Lucas. Parei assim que emparelhei com Evra, Merla e Harkat.

Os olhos de Evra e Merla estavam encharcados de lágrimas. Os globos oculares verdes de Harkat brilhavam furiosos e ele havia puxado a máscara para baixo a fim de deixar seus dentes cinzentos e afiados à mostra (ele podia sobreviver durante mais de metade do dia sem a máscara).

Contemplei, pesaroso, Evra e Merla, e depois me voltei para o corpo de seu filho, que estava mais à frente, dependurado na forca. Os vampitietes que vigiavam os meus

amigos ficaram me observando cautelosamente, mas não fizeram nenhum movimento para impedir o meu avanço.

— Vamos — disse Vancha, puxando-me pelo cotovelo.

— Desculpe — murmurei para Evra e Merla, pois me sentia incapaz de prosseguir sem lhes dizer alguma coisa. — Eu não teria... não teria... se pudesse... — Parei, incapaz de pensar em algo a mais para dizer.

Evra e Merla não falaram nada por um instante. Então, com um grito, Merla rompeu a barreira dos guardas que a envolvia e se jogou sobre mim.

— Eu odeio você! — gritou ela, arranhando meu rosto, cuspindo com raiva. — Meu filho está morto por sua causa!

Eu não tinha como reagir. Sentia-me doente de vergonha. Merla me arrastou para

o chão, gritando e chorando, me batendo com os punhos cerrados. Os vampitietes se aproximaram para afastá-la de mim, mas Lucas gritou:

— Não! Deixem-nos sozinhos! Está divertido!

Rolamos para longe dos vampitietes, Merla me empurrando para trás. Nem cheguei a erguer as mãos para me defender enquanto ela gritava tudo quanto era xingamento que lhe vinha à cabeça. Só queria que a terra se abrisse e me engolisse por inteiro.

E então, quando Merla baixou o rosto como se fosse me morder, ela sussurrou em meu ouvido:

— Lucas está com Débora. — Olhei para ela com cara de bobo. Ela berrou mais alguns insultos e depois sussurrou novamente: Não lutamos. Eles acham que somos medrosos,

mas estávamos esperando por *você*. Harkat me disse que você viria e nos lideraria.

Merla me deu um tapa na cara e depois me encarou.

— A culpa não foi sua — disse ela, sorrindo levemente no meio das lágrimas. — Não o odiamos. Lucas é o demônio... não você.

— Mas... se eu não tivesse... se eu pedisse para Vancha matar C.C...

— Não pense assim — vociferou ela. — Você não tem culpa de nada. Agora nos ajude a matar os selvagens que *são* os verdadeiros culpados! Dê-nos um sinal quando estiver pronto e responderemos ao seu chamado. Lutaremos até a morte, cada um de nós, até o último.

Ela gritou comigo novamente, agarrou-me pelo pescoço para me estrangular, depois

caiu e socou o chão, soluçando dolorosamente. Evra se aproximou, segurou sua mulher e a conduziu de volta ao local onde todos estavam supostamente acuados. Ele me encarou uma vez, de um jeito fugaz, e vi em sua expressão a mesma coisa que avistara na de Merla — dor pela perda do filho, ódio por Lucas e sua gangue, mas apenas pena de mim.

Eu ainda me sentia culpado pelo que acontecera com Shancus e os outros. Mas a compreensão de Evra e Merla me deu forças para prosseguir. Se eles estivessem me odiando, duvido que eu conseguiria ir adiante. Mas agora que haviam me dado o seu apoio, não só sentia-me capaz de continuar — via aquilo como uma obrigação. Para o bem deles, se não para o meu.

Levantei-me e agi como se estivesse

abalado. Quando Vancha veio me ajudar, falei rápida e calmamente:

— Eles estão conosco. Lutarão assim que dermos início à batalha.

Ele fez uma pausa e então prosseguiu como se eu não tivesse falado nada, examinando o meu rosto onde Merla havia me arranhado, perguntando em voz alta se ela havia me machucado, se eu estava bem e se queria descansar um pouco.

— Estou bem — resmunguei, passei por ele e fui dar uma banana para os meus amigos do circo, como se eles tivessem me insultado. — Merla disse que Lucas está com Débora — sussurrei para Vancha com o canto da boca, mal movendo os meus lábios.

— Pode ser que não tenhamos como salvá-la — cochichou ele de volta.

— Eu sei — afirmei sem fazer um

movimento sequer. — Mas tentaremos?

Fez-se uma breve pausa. Então:

— Sim — respondeu ele.

Com isso, aceleramos o passo e seguimos na direção da forca e da besta sorridente, demoníaca e meio-vampixiita que esperava logo adiante, com o rosto meio escondido pela sombra de Shancus Von dependurado.

CAPÍTULO OITO

— Alto! — gritou um dos nove vampixiitas que estavam na frente de Lucas quando estávamos a cerca de cinco metros dele. Paramos. Dessa distância, vi que Lucas estava, de fato, em pé sobre o corpo de um dos funcionários do circo — Pasta O'Malley, um sujeito que costumava dar uma de sonâmbulo e até lia enquanto dormia. Também dava para ver Gannen Harst agora, bem à direita de Lucas, com a espada desembainhada,

olhando para nós atentamente.

— Larga as suas estrelas — disse o vampixiita para Vancha. Ao perceberem que ele não deu importância à ameaça, dois de seus colegas ergueram lanças e as apontaram na direção do vampiro. Com um encolher de ombros, Vancha pôs os *shurikens* de novo em seus recipientes e abaixou as mãos.

Levantei os olhos na direção de Shancus, que balançava ao sabor da brisa suave. A viga mestra rangia. O som era mais alto do que o normal para mim por causa do expurgo — como se fosse o guinchar de um javali.

— Tire-o aí de cima — vociferei para Lucas.

— Creio que não o farei — respondeu Lucas delicadamente. — Gosto de vê-lo ali em cima. Talvez eu pendure os pais ao lado

dele. O irmão e a irmã também. Para manter a família inteira unida. O que você acha?

— Por que você dá cobertura para esse louco? — perguntou Vancha para Gannen Harst. — Não ligo para o que Des Tino diz sobre ele... esse lunático não traz nada a não ser vergonha para os vampixiitas. Vocês deviam tê-lo matado há anos.

— Ele tem o nosso sangue — respondeu Gannen Harst tranquilamente. — Não concordo com seus métodos, ele sabe disso... mas não matamos os membros da nossa espécie.

— Vocês o fazem quando eles desobedecem as suas leis — resmungou Vancha. — Leonardo mente e usa armas. Qualquer vampixiita normal seria executado se fizesse isso.

— Mas ele não é normal — disse

Gannen. — E o nosso senhor. Desmond Tino disse que pereceríamos se não o seguíssemos e o obedecêssemos. Gostando eu ou não, Lucas tem o poder de alterar as nossas leis ou até de ignorá-las completamente. Gostaria que ele não o fizesse, mas não me cabe castigá-lo quando o faz.

— Você não pode aprovar as suas atitudes — insistiu Vancha.

— Não as aprovo — admitiu Gannen. — Mas ele foi aceito pelo clã e eu sou apenas um servo de minha gente. A História pode julgar Lucas. Eu fico satisfeito em servir e proteger, de acordo com os anseios daqueles que me designaram.

Vancha olhou fixamente para o seu irmão, tentando perturbá-lo, mas Gannen só devolveu um olhar vazio. Até que Lucas, do nada, deu uma gargalhada.

— Reuniões familiares informais não são encantadoras? — perguntou ele. — Achei que você também traria Joana e Darius. Imagine como nós seis poderíamos estar nos divertindo!

— Eles estão longe daqui — afirmei. Queria mergulhar sobre meu maldito antagonista e rasgar sua garganta com as mãos e os dentes, mas seus guardas me deteriam antes que eu pudesse atacar. Era preciso ser paciente e rezar para que aparecesse uma chance.

— Como está o meu filho? — perguntou Lucas. — Você o matou?

— É claro que não — respondi, bufando. — Não foi preciso. Quando viu você assassinando Shancus, Darius percebeu que você era um monstro. Falei-lhe bastante sobre as suas *glórias* do passado. Joana também lhe

contou algumas histórias antigas. Ele jamais o escutará novamente. Você o perdeu. Ele não é mais seu Filho.

Esperava poder ferir Lucas com minhas palavras, mas ele só as tratou com pouco caso.

— Bem, eu nunca gostei muito dele mesmo. É um garoto seco e mal-humorado. Não gosta de sangue. Embora — acrescentou, com uma risadinha — creio que vá desenvolver esse gosto em breve!

— Eu não estaria tão certo disso — retruquei.

— Eu o vampirizei — gabou-se Lucas. — Ele é meio-vampixiita.

— Não. — Sorri. — Ele é meio-vampiro. Assim como eu.

Lucas me encarou cheio de dúvidas. — Você o revampirizou?

— Sim. Ele *é* um dos nossos agora. Não precisará matar quando quiser se alimentar. Como eu disse, ele não é mais seu filho... De maneira alguma.

A expressão de Lucas ficou carregada.

— Você não devia ter feito isso — resmungou o meio-vampixiita. — O garoto era meu.

— Ele nunca foi seu, nem em espírito. Você simplesmente o enganou tentando fazê-lo acreditar que era.

Lucas ia começar a responder, mas franziu a testa e balançou a cabeça bruscamente.

— Deixa para lá — murmurou. — A criança não tem importância alguma. Vou lidar com ela... e com sua mãe... mais tarde. Vamos às coisas boas. Todos conhecemos a profecia. — Ele acenou com a cabeça na direção do Sr. Tino, que vagava pelas tendas

e furgões em chamas, aparentemente desinteressado do que estávamos fazendo. — Darren ou Vancha me matará, ou eu vou matar um de vocês, e isso decidirá os rumos da Guerra das Cicatrizes.

— Se Tino estiver certo ou dizendo a verdade, sim — desdenhou Vancha.

— Você não acredita nele? — perguntou Lucas, franzindo a testa.

— Não totalmente — respondeu o vampiro. — Tino e sua filha — ele se voltou para Evanna — possuem agendas próprias. Eu aceito a maior parte do que eles preveem, mas não trato suas previsões como fatos absolutos.

— Então por que está aqui? — desafiou-o Lucas.

— Para o caso de eles *estarem* certos.

Lucas parecia confuso.

— Como você pode não acreditar nele? Desmond Tino é a voz do destino. Ele vê o futuro. Ele sabe tudo o que passou e o que virá.

— Nós fazemos o nosso próprio futuro — disse Vancha. — Independentemente do que vier a acontecer hoje à noite, acredito que minha gente derrotará a sua. Mas eu vou matar você de qualquer maneira — acrescentou o vampiro com um sorriso mal-ntencionado. — Só para não correr riscos.

— Você é um tolo ignorante — disse Lucas, sacudindo-se enfurecido. Depois seu olhar se fixou em mim. — Aposto que *você* acredita na profecia.

— Talvez — respondi.

— É claro que sim. — Lucas sorriu. — E você sabe que sou eu ou você, não? Vancha serve apenas para desviar a atenção. Eu e

você somos os filhos do destino, o soberano e o escravo, o vitorioso e o vencido. Deixe Vancha para trás, suba aqui sozinho e juro que travaremos uma luta justa. Você e eu, homem contra homem, um vencedor e um perdedor. Um Senhor dos Vampixiitas governará a noite... ou um Príncipe Vampiro.

— Como posso confiar em você? — perguntei. — Você é um mentiroso. E vai acionar uma armadilha.

— Não — clamou Lucas. — Você tem a minha palavra.

— Como se ela significasse alguma coisa — escarneci, mas dava para ver uma certa ansiedade na expressão de Lucas. Sua oferta era verdadeira. Olhei de lado para Vancha. — O que você acha?

— Não — disse o vampiro. — Estamos nisso juntos. Vamos tomar conta dele como

equipe.

— Mas e se ele estiver preparado para me enfrentar de maneira justa...

— Esse demônio não entende o que é justiça — retrucou Vancha. — Ele trapacearia... é a sua natureza. Não faremos nada do jeito que ele quer.

— Muito bem. — Encarei Lucas novamente. — Enfie sua oferta em outro lugar. E agora, o que vem em seguida?

Achei que Lucas pularia por sobre as fileiras de vampixiitas e me atacaria. Ele rangeu os dentes, enquanto apertava as mãos e tremia furiosamente. Gannen Harst também reparou nisso, mas, para minha surpresa, em vez de se aproximar para acalmar Lucas, deu meio passo atrás. Era como se ele quisesse que Lucas desse um salto, como se já estivesse cheio do seu senhor insano e

maligno, e quisesse que tudo se resolvesse, de um jeito ou de outro.

Mas quando parecia que o momento do confronto final havia chegado, Lucas relaxou e seu sorriso retornou.

— Eu faço o melhor que posso — disse ele, suspirando. — Tento tornar as coisas mais fáceis para todo mundo, mas algumas pessoas não estão dispostas a colaborar. Muito bem. Aqui está "o que vem em seguida".

Lucas colocou os dedos nos lábios e assobiou fortemente. C.C. saiu de trás da forca. O ex-guerreiro ecológico barbudo segurava uma corda com seus três únicos ganchos (o Sr. Altão havia arrancado os outros antes de morrer). Quando puxou a corda, uma mulher amarrada veio se arrastando atrás dele — Débora.

Eu já esperava por isso e, consequentemente, não entrei em pânico. C.C. fez Débora dar alguns passos à frente, mas parou longe de Lucas. O outrora defensor da paz e da proteção da Mãe Natureza não parecia muito feliz. Ele estava inquieto, sacudindo a cabeça, com o olhar disperso, mordendo nervosamente o lábio inferior, que sangrava no local onde cravava os dentes. C.C. era um homem orgulhoso, determinado e dedicado quando o conheci, lutando para salvar o mundo da poluição. Mas eis que de repente ele se tornou uma besta enlouquecida, que só queria saber de se vingar por conta da perda de suas mãos. Agora ele não era nem uma coisa nem outra — apenas um arremedo de gente, triste e esfarrapado.

Lucas não notou o embaraço de C.C. Seus olhos estavam voltados única e

exclusivamente para Débora.

— Ela não é linda? — perguntou Lucas, zombando de mim. — Como um anjo. Parece mais com uma guerreira do que na última vez em que a vi, sendo que ficou mais bela ainda por conta disso.

— Ele me encarou com um ar malicioso. — Seria uma pena se eu tivesse que mandar C.C. estripá-la como um cão raivoso.

— Você não pode usá-la contra mim — falei delicadamente, olhando para Lucas sem piscar. — Ela sabe quem você é e o que está em jogo. Eu a amo, mas o meu primeiro dever é para com o clã. Ela sabe disso.

— Você está querendo dizer que vai ficar aí e deixá-la morrer? — perguntou Lucas, aos berros.

— Sim! — gritou Débora antes que eu pudesse responder.

— Vocês, hein? — suspirou Lucas. — Estão determinados a me irritar. Eu tento ser justo, mas vocês jogam tudo de volta na minha cara e... — Ele saiu de cima de Pasta O'Malley com um pulo e ficou berrando sem parar, andando a passos largos de um lado para outro por trás dos seus guardas. Fiquei atento aos seus movimentos. Se ele saísse um pouco da sua área de segurança, eu atacaria. Mas mesmo em sua fúria ele tomava cuidado para não se expor nem um pouco.

De repente, Lucas parou.

— Então que seja! — vociferou ele. — C.C... mate-a.

C.C. não respondeu. Ele estava olhando para baixo, desgraçadamente.

— C.C.! — gritou Lucas. — Você não me ouviu? Mate-a!

— Não quero — murmurou C.C. Seus

olhos se ergueram e deu para ver dor e dúvida neles. — Você não devia ter matado o garoto, Lucas. Ele não fez nada para nos ferir. Foi um erro. As crianças são o futuro, cara.

— Fiz o que tinha que fazer — respondeu Lucas com firmeza. — Agora você fará o mesmo.

— Mas ela não é uma vampira...

— Mas trabalha para eles! — gritou Lucas.

— Eu sei — disse C.C., lamentando-se. — Mas por que temos que matá-la? Por que você matou o menino? Era Darren quem tínhamos que matar. *Ele é* o inimigo, cara. Foi ele o responsável pelo que aconteceu com as minhas mãos.

— Não venha me trair agora — rugiu Lucas, enfurecido, enquanto ia na direção do

vampixiita barbudo. — Você também matou gente, tanto inocentes quanto culpados. Não seja moralista agora. Isso não lhe cai bem.

— Mas... mas... mas...

— Pare de ficar gaguejando e mate-a! — gritou Lucas. Ele deu mais um passo à frente e, sem perceber, saiu de trás dos guardas que o protegiam. Fiquei tentado a pular sobre ele, mas Vancha estava um passo na minha frente.

— *Agora!* — urrou Vancha, enquanto dava um salto para a frente, sacava um *shur-iken* e o arremessava na direção de Lucas. Ele o teria matado, mas o guarda que estava no final da fila viu o perigo bem na hora e se jogou no meio do caminho da estrela mortal, sacrificando-se para salvar o seu senhor.

Enquanto os outros guardas corriam de um lado a outro para bloquear o caminho

entre Vancha e seu senhor, guardei minhas facas, saquei a pistola que havia pego emprestado com Alice antes de entrar no estádio, mirei no céu e puxei o gatilho três vezes — era o sinal para o começo do tumulto generalizado.

CAPÍTULO NOVE

Mesmo antes de os ecos do estrondo do meu terceiro disparo desaparecerem, o ar do lado de fora do estádio se encheu de tiros em resposta, enquanto Alice e seu bando de vampiridades abriam fogo sobre os policiais que estavam de guarda. Ela convocara os sem-teto antes de Vancha e eu entrarmos no túnel e os posicionara em torno da barreira montada do lado de fora do estádio. Depois de anos sobrevivendo com as sobras que as

outras pessoas jogavam fora, essa é a hora de eles se erguerem. Eles tinham pouco treinamento e apenas armas rudimentares, mas estavam com a paixão e a raiva do seu lado, além da vontade de provarem o seu valor. Então, naquele instante, ao meu sinal, eles pularam por sobre as barricadas em volta do estádio e atacaram como uma força unificada, jogando-se sobre os assustados policiais, sacrificando-se onde fosse necessário, lutando e morrendo não só para defender suas próprias vidas, mas também a daqueles que os consideravam lixo.

Não sabíamos ao certo quais eram as intenções dos policiais. Lucas pode ter lhes pedido para ficarem do lado de fora, independentemente do que acontecesse lá dentro, e nesse caso o ataque das vampiridades não faria o menor sentido. Mas se eles estavam

ali para dar apoio aos vampixiitas e vampitietes, para lhes prestar auxílio caso fossem intimados, as vampiridades poderiam distraí-los e dar para nós, que estávamos dentro do estádio, um pouco mais de tempo e espaço.

A maior parte dos vampixiitas que protegia Lucas se moveu para deter Vancha quando este atacou, mas dois deram um bote na minha direção assim que disparei a minha pistola. Eles me jogaram no chão, arrancando a arma da minha mão. Eu os golpeei, mas eles simplesmente ficaram sobre mim, prendendo-me ao chão. Eles teriam me mantido ali, indefeso, enquanto seus colegas cuidavam de Vancha. Contudo...

Os artistas e os funcionários do Circo dos Horrores também reagiram ao meu sinal. Ao mesmo tempo que as vampiridades atacaram a polícia, os prisioneiros dentro do

estádio se voltaram contra os vampitietes mantendo-os cativos. Eles os atacaram com as próprias mãos, fazendo os vampitietes recuarem devido à simples força dos números. Os vampitietes atiraram na direção da multidão e saíram rasgando tudo que havia pela frente com seus machados e espadas. Várias pessoas tombaram mortas ou feridas. Mas, independentemente disso, o grupo continuou seguindo em frente, gritando, batendo, chutando, mordendo — nenhuma força na Terra conseguiria detê-los.

Enquanto o grosso da companhia de artistas que formava o Circo dos Horrores enfrentava os vampitietes, Harkat liderava um pequeno grupo que seguia na direção da forca. Ele pegara o machado de um vampitiete morto e, com um movimento rápido, cortou de cima a baixo um vampixiita que

tentou interceptá-los, prosseguindo sem perder o embalo.

Vancha ainda estava retido numa luta contra os guardas de Lucas, fazendo o melhor possível para chegar até onde o líder deles estava. Ele já havia derrubado dois deles, mas os outros permaneciam firmes. O vampiro ganhou cortes em vários lugares, ferimentos a faca e a lança, mas nenhum deles fatal. Olhando em volta, vi Gannen Harst empurrar Lucas para longe de qualquer ameaça. Lucas discutia com seu discípulo — pois queria enfrentar Vancha.

Atrás de Lucas e Gannen Harst, C.C. largara a corda que prendia Débora e se afastava da moça, balançando a cabeça, com os ganchos cruzados nas costas, sem querer tomar parte naquilo. Débora puxava os laços que a prendiam, tentando se soltar.

Os dois vampixiitas que me seguravam viram Harkat e os outros correndo na direção deles. Xingando, eles me largaram e foram de encontro aos seus agressores. Eles eram rápidos demais para o pessoal comum do circo — três morreram rapidamente —, mas Truska fazia parte do grupo e ela não era tão fácil de ser abatida. Ela havia deixado sua barba crescer enquanto esperava para lutar — o cabelo louro e que desafiava as leis da natureza agora se arrastava aos seus pés. Estando recuada, ela fez a barba se erguer — Truska podia controlar os pelos como se fossem cobras — e depois direcionou os fios entrelaçados a um dos vampixiitas. A barba se dividiu (como se formasse dois dentes de um garfo), envolveu a garganta do assustado vampixiita e a apertou. Ele tentou cortar o cabelo e Truska com um golpe de espada,

mas já estava completamente dominado. O sujeito caiu de joelhos, enquanto as suas feições purpúreas escureciam, e mais ainda à medida que ficava sufocado.

Harkat enfrentou o outro vampixiita e tentou retalhá-lo com seu machado. O pequenino carecia da velocidade de um vampixiita, mas era muito poderoso e seus olhos verdes e redondos estavam alertas para os movimentos rápidos do seu oponente. Ele podia lutar de igual para igual, como havia feito muitas vezes no passado.

Dei a volta em torno do vampixiita que enfrentava Vancha. Queria ir atrás de Lucas, mas ele e Gannen haviam grudado em três dos vampixiitas que vinham perambulando pelo estádio. Não me agradava essa vantagem de cinco contra um, por isso fui atrás de Débora para soltá-la.

— Eles cercaram o estádio pouco antes de eu e Harkat chegarmos — gritou ela enquanto eu cortava as cordas que prendiam os seus braços. — Tentei telefonar, mas não foi possível. O Sr. Tino bloqueou o meu sinal. Vi seu relógio brilhando na hora e ele estava rindo.

— Tudo bem — tranquilizei-a. — Chegamos de qualquer maneira. Tínhamos que fazê-lo.

— Alice está lá fora? — perguntou Débora. O som da artilharia era ensurdecedor.

— Sim — respondi. — As vampiridades parecem estar finalmente experimentando o gosto da ação.

Vancha veio cambaleando na nossa direção, com sangue escorrendo pelo corpo. Os vampixiitas haviam desistido dele,

recuaram e se juntaram aos vampitietes para procurar briga com o pessoal do circo.

— Onde está Leonardo? — berrou o vampiro.

Dei uma olhada em volta do estádio, mas era quase impossível distinguir indivíduos específicos no meio da multidão.

— Eu o tinha na minha mira há um minuto — afirmei. — Deve estar por aqui em algum lugar.

— Não se Gannen tiver fugido com ele! — vociferou Vancha. Ele limpava o sangue dos olhos e procurou novamente por Lucas e Gannen.

— Você está muito ferido? — perguntou-lhe Débora.

— Foram apenas arranhões! — resmungou ele, que então gritou: — Ali! Atrás daquele gordo!

Ele saiu correndo, berrando como um louco. Franzindo os olhos, consegui avistar Lucas. Ele estava perto do enorme Sancho Duas Panças, afastando-se dele cautelosamente. Sancho estava literalmente caindo sobre seus oponentes, esmagando-os até deixá-los mortos.

Débora se afastou de mim correndo, pegou as armas que os vampixiitas mortos carregavam e voltou com um monte de facas e duas espadas. Ela me deu uma das espadas e pegou a outra. A dita-cuja era muito grande, mas mesmo assim ela a segurou com firmeza, com a cara fechada.

— Vá pegar Lucas — disse ela. — Ajudarei os outros.

— Tome... — comecei a falar, mas ela já havia corrido e estava fora do alcance da minha voz — ... cuidado — finalizei

suavemente. Balancei a cabeça, sorri rapidamente e fui atrás de Lucas.

A batalha à minha volta era devastadora. O pessoal do circo travava um combate sangrento com vampitietes e vampixiitas, lutando de maneira desajeitada, porém eficientemente; a fúria cega compensava a falta de treinamento militar. Os seres monstruosos, mas bem-dotados, eram de grande ajuda. Truska fazia um estrago com sua barba. Sancho era um adversário irremovível. Diana Dentada arrancava dedos, narizes e pontas de espadas com mordidas. Mano Mão colocara as pernas atrás do pescoço e se esquivava das forças inimigas, andando sobre as mãos, derrubando-os e dividindo-os, com uma estatura muito baixa para que elas pudessem atacá-lo.

Vancha havia parado, detido pela

confusão deflagrada pela luta. Ele começou a atirar *shurikens* na direção dos inimigos que estavam à sua frente, para abrir caminho. Jekkus Flang vinha ao seu lado, somando as facas que arremessava às estrelas de Vancha. Uma combinação mortal e eficiente. Não dava para não pensar no grande espetáculo que eles poderiam estrelar, caso estivéssemos nos apresentando para uma plateia naquela noite, em vez de tentar salvar nossa pele.

O Sr. Tino abria caminho em meio à massa de corpos de lados antagônicos, sorrindo radiante e alegremente, admirando os cadáveres dos mortos, examinando os defuntos com um delicado interesse, aplaudindo aqueles que travavam duelos especialmente ferozes. Evanna vinha lentamente atrás de seu pai, pouco interessada na carnificina,

com os pés descalços e os laços mais baixos manchados de sangue.

Gannen e Lucas ainda estavam se afastando do enorme Sancho Duas Panças, usando-o como um escudo — era difícil chegar perto de qualquer um dos dois com Sancho no caminho. Eu seguia o seu rastro como se fosse um cão, aproximando-me cada vez mais. Estava quase na boca do túnel pelo qual entramos no estádio quando percebi que novos corpos vinham irrompendo. Minhas entranhas se contraíram — achei que a polícia chegara para ajudar seus parceiros, o que significaria uma derrota quase certa para nós. Mas então, para a minha alegria e espanto, percebi que eram Alice Burgess e umas doze ou mais vampiridades. Declan e o pequeno Kenny — a dupla que havia me tirado das ruas quando Darius atirou em

mim — estavam entre elas.

— Ainda vivos? — gritou Alice enquanto suas tropas caíam sobre os vampixiitas e vampitietes, com os rostos retorcidos por conta do enorme entusiasmo e da sede de sangue.

— Como vocês entraram? — gritei em resposta. O plano era que ela criasse alguma espécie de distração fora do estádio, para conter a polícia. Não que o invadisse com uma força própria.

— Atacamos pela frente, conforme o planejado — disse ela. — A polícia correu até aquele ponto para nos combater *em conjunto*... mas lhes faltou disciplina. Depois de alguns minutos, grande parte do meu bando se dispersou junto com a multidão... você devia ter visto o caos!... Mas eu consegui passar despercebida por trás, junto com alguns

voluntários. A entrada para o túnel está totalmente desguarnecida agora. Nós...

Um vampitiete a atacou e ela teve que virar de lado para enfrentá-lo. Fiz uma rápida contagem de cabeças. Junto com as vampiridades, superávamos numericamente os vampixiitas e vampitietes. Embora a luta fosse brutal e desorganizada, estávamos com o controle da situação. A menos que a polícia lá fora se recuperasse muito rapidamente e entrasse no estádio, nós venceríamos essa batalha! Mas isso não teria nenhuma importância se Lucas conseguisse fugir, por isso deixei todos os pensamentos de vitória para depois e saí à sua caça novamente.

Não fui tão longe. C.C. havia se afastado da luta. Ele seguia na direção do túnel, mas eu estava bem no seu caminho. Quando me viu, parou. Eu não sabia o que fazer —

enfrentá-lo ou deixá-lo escapar para que pudesse ir atrás de Lucas? Enquanto eu resolvia a questão, Cormac se interpôs entre nós.

— Vamos, peludo! — berrou ele para C.C., batendo em seu rosto com a mão esquerda e dando umas estocadas com uma faca que ele segurava com a direita. — Vamos jantar você!

— Não! — disse C.C., gemendo. — Não quero lutar.

— O diabo que não quer, seu babuíno grande e peludo de olhos esbugalhados! — gritou Cormac, enquanto golpeava C.C. novamente. Dessa vez, C.C. acertou a mão de Cormac com seus ganchos. Cortou dois dos seus dedos, que imediatamente cresceram de volta. — Você terá que fazer melhor do que isso, *ô bafo de onça*! — insultou-lhe Cormac.

— Então o farei! — gritou C.C., já perdendo a calma. Ele pulou para a frente, derrubou Cormac, ajoelhou sobre o seu peito e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, acertou o pescoço de Cormac com seus ganchos. Ele não o cortou totalmente, mas rasgou metade dele. Depois, com um grunhido, arrancou o resto e jogou a cabeça de Cormac para o lado como se fosse uma bola.

— Você não devia ter mexido comigo, cara! — gemia C.C. enquanto se levantava, trêmulo. Eu estava prestes a atacá-lo, para vingar a morte de Cormac, mas então vi que ele estava soluçando. — Não queria matar você! — berrava C.C. — Não queria matar ninguém! Queria ajudar as pessoas. Queria salvar o mundo. Eu...

Ele teve dificuldade em parar de falar, com o olhar arregalado e descrente. Olhei

para baixo e também fiquei paralisado e estupefato. Onde havia a cabeça de Cormac, duas novas cabeças estavam crescendo, brotando de um par de pescoços finos. Elas eram um pouco menores do que sua antiga cabeça, mas, por outro lado, eram idênticas. Quando pararam de crescer, houve uma breve pausa. De repente, os olhos de Cormac se abriram, em meio a palpitações, e ele cuspiu sangue de ambas as bocas. Seus olhos entraram em foco. Ele se voltou para C.C. com uma das cabeças e para mim com a outra. Depois, suas cabeças se viraram e ele olhou para si próprio.

— É isso que acontece quando eu corto a minha cabeça! — exclamou ele por ambas as bocas ao mesmo tempo. — Sempre quis saber!

— Que maluquice! — gritou C.C. — O

mundo enlouqueceu! *Enlouqueceu!*

Girando loucamente, ele saiu correndo, passando por Cormac, depois por mim, tagarelando insanamente, babando e tropeçando. Eu poderia tê-lo assassinado facilmente — mas optei por não fazê-lo. Fiquei de lado, deixei o patife passar e fiquei observando-o com tristeza enquanto ele saía cambaleando pelo túnel até sumir de vista. C.C. não batia bem da cabeça desde que perdeu as mãos e agora havia perdido completamente a razão. Não dava para punir um vulto que havia deixado de ser um homem.

E agora, finalmente... Lucas. Ele e Gannen faziam parte de um pequeno bando de vampixiitas e vampitietes. O grupo fora encurralado pelas aberrações, ajudantes do circo e vampiridades, e forçado a ficar no centro do estádio. Várias lutas menores

ainda eram travadas em todos os cantos do estádio, mas aquele era o último grande pelotão que resistia. Se ele caísse, todos estariam condenados.

Vancha estava quase alcançando o grupo. Juntei-me a ele. Não havia sinal de Jekkus Flang — eu não sabia se ele havia sucumbido ao inimigo ou ficado sem facas, e aquela não era hora de fazer averiguações. Vancha parou quando me viu.

— Pronto? — perguntou ele.

— Pronto — respondi.

— Não me importa qual de nós o mate — disse o vampiro. — Mas deixe-me tentar primeiro. Se... — Ele parou, com o rosto retorcido de medo. — Não! — berrou ele.

Acompanhando a direção do seu olhar, vi que Lucas havia caído. Evra estava sobre ele, segurando uma longa faca com ambas as

mãos, determinado a tirar a vida do homem que assassinara o seu filho. Se ele acertasse um golpe em cheio, o Senhor dos Vampixiitas morreria pelas mãos de um homem que não estava destinado a matá-lo. Se a profecia do Sr. Tino fosse verdadeira, isso teria consequências terríveis para o clã dos vampiros.

Enquanto observávamos a cena, incapazes de evitar o que estava por vir, Evra parou abruptamente. Ele balançou a cabeça, pestanejou em silêncio — depois passou por cima de Lucas e o deixou deitado no chão, desarmado. Lucas se levantou, com os olhos embaçados, sem saber o que havia acontecido. Gannen Harst se inclinou para a frente e o ajudou a ficar em pé. Os dois homens então se ergueram, ficando sozinhos no meio da multidão, solenemente ignorados por

todos ao redor.

— Ali — sussurrei, tocando no ombro de Vancha. Ao longe, à nossa direita, estava o Sr. Tino, com os olhos fixos em Lucas e Gannen. Ele segurava o seu relógio em forma de coração na mão direita, que brilhava num tom vermelho e intenso. Evanna estava ao seu lado, com o rosto iluminado pelo brilho do relógio do pai.

Não sei se Lucas e Gannen viram o Sr. Tino e perceberam que ele os estava protegendo. Mas estavam suficientemente alertas para aproveitar a chance e correr para a liberdade do túnel.

O Sr. Tino viu a dupla correndo, livrando-se do perigo. Depois, olhou para mim e Vancha e sorriu. O brilho do seu relógio desapareceu e seus lábios se moveram suavemente. Muito embora estivéssemos

bem distantes, conseguíamos ouvi-lo claramente, como se ele estivesse bem ao nosso lado.

— Chegou a hora, rapazes!

— Harkat! — gritei, querendo que ele viesse conosco, para estar junto no fim, como sempre estivera ao meu lado durante grande parte da caçada. Mas ele não me ouviu. Ninguém me escutou. Olhei em volta do estádio em busca do pequenino, Alice, Evra e Débora. Todos os meus amigos estavam engajados na batalha contra os vampixiitas e vampitietes. Nenhum deles sabia o que estava acontecendo com Lucas e Gannen Harst. Eles não faziam parte disso. Agora éramos apenas eu e Vancha.

— Até a morte, Majestade? — murmurou o vampiro.

— Até a morte — concordei

desgraçadamente. Passei os olhos pelos rostos dos meus amigos por aquela que poderia ser a última vez, despedindo-me do escamoso Evra Von, do pele-cinzenta Harkat Mulds, da destemida Alice Burgess e da minha amada Débora Cicuta, mais linda do que nunca enquanto dilacerava seus adversários como uma guerreira amazona da antiguidade. Talvez fosse melhor eu não poder me despedir deles apropriadamente. Havia muita coisa a dizer, e eu não saberia por onde começar.

Então Vancha e eu saímos correndo atrás de Lucas e Gannen Harst, sem pressa, certos de que não fugiriam, não desta vez, não até que cumpríssemos os termos da profecia do Sr. Tino, e Lucas ou um de nós caísse morto. Mais atrás, o Sr. Tino e Evanna nos seguiam como se fossem fantasmas.

Somente eles seriam testemunhas da batalha final, da morte de um dos caçadores ou de Lucas — e do surgimento do Senhor das Sombras, o destruidor do presente e o monstro que a todos governaria no futuro.

CAPÍTULO DEZ

Seguimos Lucas e Gannen descendo a colina atrás do estádio. Eles estavam fugindo na direção do rio, mas não corriam em velocidade máxima. Ou um deles estava ferido ou, assim como nós, simplesmente eles haviam aceitado o fato de que tínhamos que nos enfrentar numa disputa altamente equilibrada, até o final amargo e sangrento.

Enquanto descíamos a colina a passo lento, deixando o estádio, as luzes e os ruídos

para trás, minha dor de cabeça diminuiu. Eu teria ficado feliz com isso, mas, agora que conseguira enxergar direito novamente, percebi como estava fisicamente esgotado. Eu estava operando com as minhas reservas de energia por um longo tempo e elas haviam acabado de secar. Até mesmo fazer o mais simples movimento requeria um grande esforço. Tudo o que me restava fazer era seguir em frente o máximo possível e esperar que eu recebesse uma descarga de adrenalina quando alcançássemos nossa presa.

À medida que chegávamos ao nível do chão, ao pé da colina, fui cambaleando e quase caí. Por sorte, Vancha estava de olho em mim. Ele me pegou e fez o meu corpo ficar firme.

— Está se sentindo mal? — perguntou ele.

— Péssimo — suspirei.

— Talvez seja melhor você não me acompanhar. Fique aqui descansando enquanto eu...

— Poupe o seu fôlego — interrompi-o. — Vou prosseguir, mesmo que tenha que ir rastejando.

Vancha deu uma risada, depois fez-me inclinar a cabeça para trás e examinou meu rosto. Seus olhos pequenos estavam surpreendentemente escuros.

— Você será um bom vampiro — disse ele. — Eu espero estar por perto para celebrar a sua chegada à idade adulta.

— Você não está sendo derrotista comigo, está? — resmunguei.

— Não. — Ele sorriu timidamente. — Nós vamos vencer. É claro que iremos. Eu só...

Ele parou, bateu nas minhas costas e me apressou. Exausto, sentindo que cada passo requeria um esforço tremendo, lancei-me atrás de Lucas e Gannen novamente. Fiz o melhor que pude para acompanhar o ritmo de Vancha, andando do jeito mais uniforme possível, deixando o resto do meu corpo mole, relaxado, economizando energia.

Lucas e Gannen alcançaram o rio e viraram à direita, andando ao longo da margem. Assim que chegaram ao arco de uma ponte que cruzava o rio, eles pararam. Parecia que discutiam. Gannen tentava erguer Lucas — imaginei que ele quisesse fugir, com Lucas nas costas, como haviam feito anteriormente. Lucas não estava disposto a tolerar isso. Ele afastou as mãos de seu protetor com um tapa, gesticulando sem parar. Então, à medida que nos aproximávamos, os

ombros de Gannen caíram e ele fez um aceno com a cabeça, fatigado. A dupla deu as costas para a passagem sob a ponte, sacou as armas e ficou esperando por nós.

Diminuímos o passo e percorremos o resto do caminho. Dava para ouvir o Sr. Tino e Evanna vindo logo atrás — eles haviam nos alcançado nos últimos segundos —, mas eu não me virei para olhar.

— Você podia usar os seus *shurikens* — sussurrei para Vancha quando estávamos prestes a alcançar Lucas e Gannen Harst.

— Isso seria indecoroso — respondeu Vancha. — Eles nos encararam abertamente, na expectativa de uma luta justa. Temos que confrontá-los.

Ele tinha razão. Matar impiedosamente não era do feitio dos vampiros. Mas eu meio que gostaria que ele colocasse seus

princípios de lado, pelo menos uma vez, e jogasse seus *shurikens* na direção dos dois até que ambos tombassem. Seria mais simples e mais seguro assim.

Paramos a uns dois metros de Lucas e Gannen. Os olhos de Lucas brilhavam, arrebatados, mas sobre eles pairava uma leve sombra de medo — ele sabia que não havia mais garantias agora, nenhuma oportunidade para truques e tramóias. Seria uma luta simples e justa até a morte, e isso era algo que ele não podia controlar.

— Saudações, meu irmão — disse Gannen Harst, curvando a cabeça para a frente.

— Saudações — respondeu Vancha formalmente. — Fico feliz por vocês estarem finalmente nos encarando como verdadeiras criaturas da noite. Talvez na morte vocês

possam reencontrar a honra que abandonaram durante a vida.

— A honra será partilhada por todos aqui hoje à noite — disse Gannen —, tanto pelos vivos quanto pelos mortos.

— Vocês são dois tagarelas — disse Lucas, suspirando. Ele se aproximou de mim. — Pronto para morrer, Shan?

Dei um passo à frente.

— Se for isso que o destino me reserva... sim — respondi. — Mas também estou pronto para matar. — Com isso, ergui minha espada e dei o primeiro golpe da luta que decidiria a Guerra das Cicatrizes.

Lucas ficou em posição, brandiu sua espada — que era menor e mais fácil de manusear do que a minha — e desviou o meu golpe. Gannen Harst tentou me apunhalar com sua faca longa e reta. Vancha jogou a

lâmina para longe do seu alvo e me tirou do alcance imediato de seu irmão.

Vancha apenas me puxou de um jeito relativamente delicado, mas no meu estado físico precário acabei cambaleando para trás e rolei de maneira desleixada pelo chão, indo parar perto do Sr. Tino e de Evanna. Na hora em que consegui me levantar, Vancha travava um combate com Lucas e Gannen Harst, e suas mãos não passavam de uma nódoa enquanto ele se defendia de suas espadas com as mãos desarmadas.

— Ele é uma criatura violenta, não? — observou o Sr. Tino, dirigindo-se para sua filha. — A verdadeira fera da natureza. Gosto dele.

Evanna não respondeu. Todos os seus sentidos estavam concentrados na batalha, e havia preocupação e incerteza em seus olhos.

Percebi naquele instante que ela havia sido sincera e não sabia ao certo para onde tudo isso nos levaria.

Voltei as costas para os espectadores e tive rápidos vislumbres da luta que se desenrolava em velocidade sobre-humana. Lucas cortou o braço esquerdo de Vancha perto do ombro — Vancha devolveu o golpe dando-lhe um chute no peito. A espada de Gannen arranhou o lado esquerdo do corpo de Vancha, cortando-o levemente do peito até a cintura — o vampiro revidou segurando a mão do seu irmão que brandia a espada, puxando-a violentamente para trás e quebrando os ossos de seu pulso. Gannen arfou de dor enquanto deixava a espada cair, depois mergulhou em sua direção e a pegou de novo com a mão esquerda. Enquanto se levantava novamente, Vancha atingiu sua cabeça com o

joelho direito. Gannen caiu longe, resmungando à beça.

Vancha então se virou para encarar Lucas, mas este já estava sobre o meu amigo, dando golpes curtos com sua espada, cercando-o. Vancha tentou pegar a faca, mas só conseguiu um corte na palma da mão. Cambaleei em sua direção. Eu não estava servindo para muita coisa — mal podia erguer a minha espada, e minhas pernas se arrastavam como se fossem pesos mortos —, mas pelo menos isso representava uma ameaça em dose dupla para Lucas. Se eu conseguisse distraí-lo, Vancha poderia ter condições de penetrar nas suas defesas e atacar.

Enquanto eu me aproximava de Vancha, ofegando e suando, Gannen voltou para a batalha, confuso, porém determinado,

tentando rasgar furiosamente o corpo do vampiro, forçando-o a recuar. Fiquei tentando apunhalar Gannen, mas Lucas usou sua espada para desviar os meus golpes. Depois, ele tirou uma das mãos do cabo e me golpeou no meio dos olhos. Caí para trás, assustado, e Lucas aproximou a ponta de sua espada do meu rosto.

Se estivesse segurando a espada com ambas as mãos, ele teria me atravessado. Mas, com uma mão só, não teve como manejá-la com a firmeza que desejava. Consegui jogá-la para o lado com o braço esquerdo. Ganhei um corte profundo logo abaixo do cotovelo e senti que toda a força abandonava os dedos daquela mão.

Lucas tentou me apunhalar novamente. Ergui a minha espada para me proteger. Demorei para perceber que ele estava apenas

fingindo. Girei o corpo e ele se jogou sobre mim, com o ombro direito na frente. Ele me atingiu com força no peito, me derrubando para trás, e acabei largando a minha espada. Ouvi um berro atrás de mim e me choquei com Vancha. Ambos tombamos, sendo que Vancha foi pego de surpresa, já que seus braços e pernas se entrelaçaram com os meus.

Vancha não demorou mais de um segundo para se soltar — mas aquele segundo era tudo de que Gannen Harst precisava. Lançando-se para a frente, quase rápido demais para que eu pudesse acompanhar seu movimento, ele cravou a ponta da espada na região lombar de Vancha — e depois a empurrou até atravessar a barriga do vampiro e sair pela frente!

Os olhos e a boca de Vancha se

escancararam. Gannen ficou atrás dele por um instante. Depois, se afastou e puxou a espada. O sangue jorrou de Vancha, tanto pela frente como por trás, o que o fez desmoronar em agonia, com o rosto retorcido e os membros se agitando violentamente.

— Que os seus deuses me perdoem, irmão — sussurrou Gannen, com o rosto cansado e o olhar de quem estava apavorado. — Embora eu tema que jamais me perdoarei.

Arrastei-me para longe do príncipe caído, procurando minha espada. Lucas estava bem perto, gargalhando. Com algum esforço, Gannen recuperou o controle e prosseguiu em seu objetivo de garantir a vitória. Ele veio correndo na minha direção, pisou em cima da minha espada para que eu não pudesse levantá-la, desembainhou a sua e me pegou pela cabeça com a mão esquerda

boa.

— Rápido! — disse Gannen, vociferando para Lucas. — Acabe logo com ele!

— Qual é a pressa? — murmurou Lucas.

— Se Vancha morrer por causa do meu golpe, teremos quebrado as regras da profecia do Sr. Tino! — gritou Gannen.

Lucas fez uma careta.

— Malditas profecias — resmungou. — Talvez eu o deixe morrer para ver o que acontece. Talvez eu não ligue para Tino ou... — Ele parou e revirou os olhos. — Ah, como somos *tolos*! A resposta é óbvia... *matarei* Vancha antes que ele morra por causa do seu golpe. Dessa maneira, atenderemos as exigências daquela profecia estúpida *e* eu mesmo pendurarei Darren na forca, para que possa torturá-lo mais tarde.

— Garoto esperto — ouvi o Sr. Tino

murmurar.

— Faça do jeito que quiser! — berrou Gannen. — Mas se você vai matá-lo, acabe com ele agora, de modo que...

— *Não!* — gritou alguém. Antes que qualquer um pudesse reagir, uma figura enorme saiu em disparada de baixo da ponte e se jogou sobre Gannen, derrubando-o e lançando-o para longe de mim, quase derrubando o vampixiita dentro do rio. Sentei-me e lancei um olhar espantado para o mais inesperado dos salvadores... *C.C.!*

— Não deixarei você fazer isso, cara! — gritou C.C., enquanto esmurrava Gannen Harst com seus ganchos. — Você é maligno!

Gannen fora pego totalmente de surpresa, mas rapidamente se recuperou, ficou tateando a bainha em busca de sua espada e a usou para tentar trespassar o corpo de C.C.

Este pegou a espada com os ganchos dourados de sua mão direita e a quebrou no chão, partindo-a em dois pedaços. Com um grito de triunfo, ele bateu com os ganchos prateados de sua mão esquerda na lateral da cabeça do irmão de Vancha. Ouviu-se um estalido e os olhos de Gannen embranqueceram. Ele tombou, inconsciente, sob C.C., que por sua vez urrou de alegria e depois jogou os braços para trás, a fim de pegar impulso, de modo que pudesse atingir Gannen com toda a força no intuito de acabar com ele de uma vez.

Mas, antes que C.C. pudesse atacar, Lucas veio por trás e deu-lhe uma facada por baixo da barba espessa, no fundo da garganta. C.C. estremeceu e deixou seu antagonista perplexo. Ele se levantou, revirando-se loucamente, enquanto tentava pegar o cabo da faca com seus ganchos. Depois de

errar o alvo algumas vezes, ele caiu de joelhos, com a cabeça jogada para trás.

C.C. ficou ali ajoelhado por um instante, balançando o corpo, enjoado. Então seus braços se ergueram lentamente. Ele olhou para seus ganchos dourados e prateados, enquanto seu rosto brilhava, maravilhado.

— Minhas mãos — disse ele, suavemente, e embora sua voz gorgolejasse por causa do sangue, suas palavras eram claras: — Eu posso vê-las. Minhas mãos. Elas voltaram. Está tudo bem agora. Sou normal outra vez, cara. — Depois disso, seus braços caíram, seu sorriso e seus olhos vermelhos e opacos congelaram, enquanto sua alma seguia tranquilamente para o outro mundo.

CAPÍTULO ONZE

Olhei para a expressão pacífica de C.C. enquanto ele se ajoelhava em sua pose de morte. Ele havia finalmente deixado sua dor para trás, para sempre. Eu estava feliz por ele. Se tivesse sobrevivido, ele teria que carregar para sempre a lembrança do mal que perpetrara enquanto estava aliado aos vampixiitas. Talvez estivesse melhor desse jeito.

— E agora somos dois... só eu e você —

disse Lucas, com um trinado, interrompendo a minha linha de pensamento. Levantei os olhos e o vi a alguns metros de C.C., sorrindo. Gannen Harst ainda estava desacordado e, embora Vancha continuasse vivo, ele estava caído e imóvel, respirando com dificuldade, espasmódico, incapaz de se defender ou de atacar.

— Sim — concordei, enquanto me levantava e pegava a minha espada. Eu não tinha movimento algum na mão esquerda, e meu organismo estava a, talvez, um ou dois minutos da mais completa exaustão. Mas eu ainda guardava forças suficientes para uma última luta. Antes, porém... Vancha. Parei sobre ele e examinei seu ferimento. O sangue vazava e seu rosto se enrugava de tanta dor. Ele tentava falar, mas as palavras não se articulavam.

Enquanto eu pairava incerto ao lado do meu camarada vampiro, relutando em deixá-lo daquele jeito, Evanna se aproximou, agachou-se e o examinou. Quando levantou a cabeça, vi que seu olhar era sério.

— Não é fatal — disse a feiticeira, delicadamente. — Ele viverá.

— Obrigado — murmurei.

— Guarde os seus agradecimentos — disse o Sr. Tino. Ele se encontrava bem atrás de mim. — Ela não disse isso para animá-lo, jovem tolo. Foi um aviso. Por enquanto, Vancha não morrerá, mas ele está fora da luta. Você está sozinho. É o último caçador.

A não ser que resolva enfiar o rabo entre as pernas e fugir, o negócio agora será entre você e Lucas. Se Lucas não morrer, a morte *lhe* virá numa questão de minutos.

Olhei para trás na direção do

homenzinho de terno amarelo e botas verdes de cano alto. Seu rosto brilhava com uma alegria sedenta de sangue.

— Se a morte vier — falei curto e grosso —, ela será uma companhia muito mais bem-vinda do que você.

O Sr. Tino deu uma risadinha, depois andou para a minha esquerda. Erguendo-se, Evanna ficou à minha direita. Ambos esperavam que eu me mexesse, para que pudessem me seguir. Reservei um último olhar para Vancha — ele sorriu dolorosamente para mim e deu uma piscadela — e depois encarei Lucas.

Ele se afastou de mim despreocupadamente, adentrando as sombras sob a ponte. Arrastei-me em sua direção, com a espada ao lado do corpo, respirando fundo várias vezes, desanuviando a mente, concentrando-me na

luta mortal vindoura. Embora esta pudesse ter sido a luta de Vancha, em parte eu sabia o tempo todo que tudo acabaria assim. Eu e Lucas éramos lados opostos de uma moeda, ligados desde a nossa infância primeiro pela amizade, depois pelo ódio. Era mais do que adequado que o confronto final acabasse sendo entre nós dois.

Adentrei a escuridão fria do vão. Meus olhos demoraram alguns segundos para se acostumar com o breu. Quando isso finalmente ocorreu, deu para ver Lucas me esperando, piscando o olho direito nervosamente. O rio fluía delicadamente ao nosso lado; era o único barulho que ouvíamos, com exceção dos nossos ofegos e dos dentes rangendo.

— É agora que vamos resolver as coisas, de uma vez por todas, na escuridão — disse Lucas.

— Um lugar tão bom quanto qualquer outro — respondi.

Lucas ergueu a palma da mão esquerda. Dava para notar vagamente a cruz rosada que ele escavara em sua carne há dezoito anos.

— Lembra-se de quando fiz isso? — perguntou ele. — Naquela noite, eu jurei que mataria você e o Sr. Crepsley.

— Você está a meio caminho de conseguir o seu objetivo — comentei secamente. — Deve estar esfuziante.

— Nem tanto. Para ser honesto, sinto a falta do velho Crepsley. O mundo não é mais o mesmo sem ele. Mas sentirei muito mais a sua falta. Você tem sido a força motriz por trás de tudo que tenho feito desde criança. Sem a sua presença, não estou certo de que terei muito interesse na vida. Se fosse

possível, deixaria você ir embora. Eu gosto dos nossos jogos... a caça, as armadilhas, as lutas. Ficaria feliz em dar sequência a tudo isso, repetidamente, uma guinada aqui... um novo choque acolá...

— Mas a vida não é assim. Tudo tem um fim.

— Sim — disse Lucas com tristeza. — Isso é uma coisa que não posso mudar. — O clima de camaradagem passou e ele passou a me observar com um olhar de desprezo. — É aqui que *você* acaba, Darren Shan. Este é o seu *grand finale*. Já fez as pazes com os deuses dos vampiros?

— Farei isso mais tarde — afirmei, rispidamente, e brandi minha espada enquanto avançava para que, depois que ela traçasse o seu arco, Lucas ficasse ao meu alcance. Mas antes de completar seu primeiro arco, a

ponta da espada bateu na parede. O choque fez brotar uma cascata de fagulhas e um choque percorreu o meu braço.

— Tolinho — murmurou Lucas, imitando o Sr. Tino. Ele ergueu uma faca. — Aqui não tem espaço para espadas.

Lucas deu um salto para a frente e tentou me esfaquear. Recuei e arremessei minha espada em sua direção, o que o deteve por um instante. Naquele segundo, saquei uma das facas que peguei na cozinha de Joana. Quando Lucas avançou, eu estava pronto. Impedi o seu golpe com o cabo da minha faca e joguei a dele para o lado.

Não havia espaço na passagem sob o vão da ponte para que pudéssemos circundar um ao outro, por isso tivemos que bater e apunhalar, esquivando-nos e contorcendo-nos para evitar os golpes do oponente. As

condições, de fato, estavam a meu favor — caso estivéssemos num local aberto, eu teria que ser mais ágil e girar para poder acompanhar a movimentação de Lucas. Isso teria me deixado exausto. Aqui, como estávamos apertados, eu podia ficar parado e concentrar a minha força minguante na mão que segurava a faca.

Lutávamos silenciosa, rápida, incisiva e impulsivamente. Lucas cortou a carne do meu antebraço — e eu cortei a do dele. Ele abriu ferimentos superficiais no meu peito e na minha barriga — eu devolvi o cumprimento. Ele quase cortou e arrancou o meu nariz — eu quase extirpei sua orelha esquerda.

Então Lucas caiu sobre mim vindo da esquerda, levando vantagem sobre o meu braço imobilizado. Ele agarrou o tecido da

minha camisa e me puxou em sua direção, enfiando com força a faca na minha barriga com a outra mão. Rolei com a força do seu puxão, jogando-me sobre ele. Sua faca cortou profundamente a minha barriga, mas a força que me restava fazia-me avançar apesar da dor. Eu o impeli para baixo, caindo de forma desajeitada sobre ele, que se chocou contra o chão. Sua mão direita caiu para o lado, fazendo os dedos estalarem ao se quebrarem. Sua faca se soltou e caiu no rio com um esguicho, sumindo de vista num instante.

Lucas ergueu a mão direita vazia para tentar me empurrar. Eu a apunhalei certeiro com a minha faca, rasgando tudo até atravessar seu antebraço. Ele gritou. Saquei-a antes que ele pudesse me obrigar a soltá-la, a ergui até a altura do ombro e a redirecionei, de modo que ficasse apontada para a garganta

de Lucas. Seus olhos se voltaram para o brilho da lâmina, o que o fez prender a respiração. Era isso. Lucas estava à minha mercê. Ele fora derrotado e sabia disso. Bastava uma rápida cravada com a faca e...

Veio-me então uma dor abrasadora. Um clarão branco dentro da minha cabeça. Achei que Gannen havia se recuperado e me atacado por trás, mas não fora nada disso. Era um ataque secundário derivado da vampirização de Darius. Vancha havia me avisado dessa possibilidade. Meus membros tremiam. Um ribombar em meus ouvidos abafava todos os outros sons. Senti convulsões e caí para o lado, separando-me de Lucas, quase caindo dentro do rio.

— Não! — tentei gritar. — Agora não! — Mas eu não conseguia articular as palavras. Estava dominado por uma imensa dor e

nada podia fazer contra isso.

O tempo parecia estar se esvaindo. Dominado pelo pânico, mal percebi que Lucas estava se arrastando e subindo em cima de mim. Ele arrancou a faca da minha mão. Senti uma sensação aguda de alguém me apunhalando a barriga, seguida por outra. Lucas estava exultante:

— Agora você está nas minhas mãos! Agora você vai morrer! — Algo indistinto passou na frente dos meus olhos e depois mais uma vez. Lutando contra a luz branca dentro da minha cabeça, meus olhos conseguiram entrar em foco. Era a faca. Lucas a havia sacado e a agitava em frente ao meu rosto, caçoando de mim, certo de que vencera, prolongando o momento de triunfo.

Mas Lucas havia feito cálculos equivocados. A dor da facada trouxe-me de volta do

limite da confusão generalizada. A agonia nas minhas entranhas ajudou a diminuir a dor na minha cabeça e o mundo começou a clarear novamente à minha volta. Lucas estava empoleirado em cima de mim, gargalhando. Mas eu não estava com medo. Sem que soubesse, ele estava me ajudando. Agora eu estava a meio caminho de conseguir pensar direito, capaz de fazer planos e capaz de agir.

Movi minha mão direita sorrateiramente até a cintura da minha calça enquanto Lucas zombava de mim. Peguei o cabo de uma segunda faca. Avistei de relance o Sr. Tino espiando por cima do ombro de Lucas. Ele viu a minha mão se mexendo e sabia o que viria em seguida. E sacudia a cabeça, embora eu não soubesse ao certo se ele estava me encorajando ou meramente

levantando e abaixando a cabeça, entusiasmado.

Fiquei deitado quieto, reunindo minhas últimas reservas de energia, deixando que Lucas me atormentasse com promessas desvairadas em relação ao que aconteceria a seguir. Eu sangrava abundantemente devido às punhaladas que haviam rasgado a minha barriga. Não estava certo de que estaria vivo ao amanhecer, mas de uma coisa tinha certeza: Lucas morreria antes de mim.

— ... e quando eu acabar com os seus dedos dos pés e das mãos, arrancarei o seu nariz e os seus ouvidos! — berrava Lucas. — Mas antes vou cortar suas pálpebras, para que você possa ver tudo que vou fazer. E depois disso vou...

— Lucas — falei, ofegante, interrompendo-o no meio de sua fala. —

Quer saber o segredo para se vencer uma luta como essa? Menos papo... e mais facadas.

Dei-lhe um empurrão, usando os músculos do abdome para forçar o meu corpo para cima. Lucas não estava preparado para isso. Meu golpe o fez cair de costas. Durante a queda, girei minhas pernas e o empurrei com força, usando os joelhos, os pés e todo o peso do meu corpo para fazê-lo parar o mais longe possível. Ele caiu no chão resmungando, pela segunda vez no espaço de poucos minutos. Desta vez, conseguiu ficar com sua faca na mão, mas ela não lhe teria nenhuma utilidade. Eu não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Nenhuma hesitação. Nenhuma pausa. Nada de últimas palavras cínicas e memoráveis. Pus minha fé nos deuses dos vampiros

e, cegamente, enfiei a faca. Tracei um arco grosseiro e, por sorte ou destino, a cravei no centro do mamilo esquerdo de Lucas — atravessando justamente aquele arremedo murcho de coração!

CAPÍTULO DOZE

Os olhos e a boca de Lucas se escancararam com o choque. Sua expressão era cômica, mas eu não estava com ânimo para rir. Não havia como se recuperar de um ataque como esse. Lucas estava derrotado. Mas ele poderia ter me levado junto se eu não tivesse cuidado. Por isso, em vez de celebrar, peguei sua mão esquerda e a segurei com força ao lado do seu corpo, para que ele não pudesse usar sua faca contra mim.

O olhar de Lucas se voltou para o cabo da faca que saía do seu peito.

— Ah — disse ele, sem esboçar qualquer modulação na voz. Até que o sangue começou a escorrer dos cantos de sua boca. Seu peito se erguia e descia, com o cabo subindo e descendo junto. Eu queria tirar a faca de onde estava, para acabar logo com tudo — ele ainda poderia ficar assim durante um ou dois minutos, com a faca impedindo o fluxo de sangue do seu coração —, mas a minha mão esquerda não estava servindo para nada e eu não ousava usar a direita.

Então... aplausos. Minha cabeça se ergueu e os olhos de Lucas rolaram para trás dentro de suas órbitas, a fim de que pudesse ver o que havia atrás. O Sr. Tino estava batendo palmas, enquanto lágrimas de alegria vermelhas e cintilantes escorriam

pela sua face.

— Que paixão! — exclamou ele. — Que valor! Que espírito indomável! Meu dinheiro sempre esteve em você, Darren. Ele poderia ir para qualquer um dos lados, mas se eu fosse um apostador, faria todas as minhas apostas em você. Eu já havia dito isso antes, não, Evanna?

— Sim, pai — respondeu Evanna calmamente. Ela me examinava com tristeza. Seus lábios se moviam silenciosamente, mas embora não pronunciassem som algum, pude entender o que diziam. — Para o vitorioso, a presa.

— Vamos, Darren — disse o Sr. Tino. — Tire a faca daí e vá cuidar dos seus ferimentos. Você não está correndo risco de vida imediato por conta deles, mas seria bom ir a um médico o quanto antes. Seus amigos no

estádio estão quase derrotando os seus adversários. Eles logo virão. Poderão levá-lo a um hospital.

Balancei a cabeça. Só estava querendo dizer que não conseguia tirar a faca, mas o Sr. Tino deve ter achado que eu não queria matar Lucas.

— Não seja tolo — vociferou ele. — Lucas é o inimigo. Ele não merece piedade. Acabe com ele e assuma logo o seu lugar de direito como soberano da noite.

— Agora você é o Senhor das Sombras — disse Evanna. — Não há mais lugar na sua vida para piedade. Faça como meu pai está mandando. Quanto mais cedo você aceitar o seu destino, mais fácil será.

— E você... quer que eu... mate Vancha agora também? — perguntei, furioso e ofegante.

— Ainda não. — O Sr. Tino gargalhou. — Isso ocorrerá na hora certa. — Sua risada desapareceu e suas feições endureceram. — Muitas coisas virão na hora certa. Os vampixiitas cairão, assim como os humanos. Este mundo será seu, Darren... quer dizer, *nosso*. Juntos governaremos. Sua mão no leme, minha voz no seu ouvido. Eu o guiarei e lhe darei conselhos. Não abertamente... não tenho poder para guiá-lo diretamente... mas o farei às escondidas. Farei sugestões, você prestará atenção nelas, e juntos construiremos um mundo de caos e de beleza tortuosa.

— O que o faz... achar que eu teria alguma coisa a ver... com um monstro como você? — perguntei, rispidamente.

— Ele tem razão, pai — murmurou Evanna. — Ambos sabemos o que está

reservado para Darren. Ele se tornará o detentor de um poder selvagem e inexorável. Mas ele o odeia. Esse ódio aumentará ao longo dos séculos e não diminuirá. O que faz você achar que poderá governar ao seu lado?

— Sei mais sobre o garoto do que você — disse o Sr. Tino, presunçosamente. — Ele me aceitará. Nasceu para isso. — O Sr. Tino se agachou e olhou bem nos olhos de Lucas. Depois me encarou, com seu rosto a menos de cinco ou seis centímetros do meu. — Eu sempre estive ao seu dispor. Dos dois — sussurrou. — Quando você competiu com seus amigos por um ingresso para o Circo dos Horrores, eu cochichei no seu ouvido e lhe disse quando deveria pegá-lo.

Meu queixo caiu. Eu *havia* ouvido uma voz naquele dia, mas achara que fora apenas uma voz interior, a voz do instinto.

— E quando você — disse ele para Lucas — notou algo estranho em relação a Darren depois do seu encontro com Larten Crepsley, quem você acha que o manteve acordado durante a noite, enchendo os seus pensamentos de dúvidas e suspeitas?

O Sr. Tino se afastou meio metro. Seu sorriso retornara, e agora ele ameaçava se expandir do seu rosto para fora e congestionar o túnel.

— *Eu* influenciei Crepsley e o inspirei a vampirizar Darren. *Eu* estimulei Gannen Harst a sugerir para Lucas que entrasse no Caixão de Fogo. Vocês dois tiveram momentos de muito sucesso na vida. E os atribuíram à sorte dos vampiros ou ao instinto de sobrevivência dos vampixiitas. Mas não era nem uma coisa nem outra. Vocês devem as suas sete vidas de gato... e mais algumas

outras... a *mim*.

— Não entendo — afirmei, confuso e alarmado. — Por que você passou por tudo isso? Para que arruinar as nossas vidas?

— *Arruinar?* — vociferou ele. — Com a minha ajuda você se tornou um príncipe, e Lucas virou um senhor. Com o meu apoio vocês dois levaram as criaturas da noite à guerra, e um de vocês... *você,* Darren!... está pronto para se tornar o mais poderoso tirano da história deste planeta. Eu *fiz* as suas vidas, não as arruinei!

— Mas por que nós? — insisti. — Éramos garotos normais. Por que escolher eu e Lucas?

— Vocês nunca foram normais — discordou o Sr. Tino. — Desde o nascimento... não, desde a concepção vocês eram únicos.

— Ele se levantou e olhou para Evanna.

Ela o encarava, cheia de dúvidas. Aquilo também era novidade para a bruxa.

— Durante um bom tempo fiquei me perguntando como seria gerar crianças — disse Tino, delicadamente. — Então, estimulado por um vampiro teimoso, finalmente decidi dar uma chance à paternidade. Criei dois descendentes a partir do meu próprio molde, seres de magia e de grande poder.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

— Evanna e Hibérnio me fascinaram a princípio, mas com o tempo fui me cansando de suas limitações. Pelo fato de poderem enxergar o futuro, eles — assim como eu — são limitados em relação ao que podem fazer no presente. Todos temos que cumprir leis que não fizemos. Posso interferir mais nas questões da espécie humana do que os meus filhos, mas não tanto quanto gostaria. De

muitas maneiras minhas mãos estão amarradas. Posso influenciar os mortais, e o faço, mas eles são criaturas antagônicas e de vida curta. É difícil manipular grupos grandes de humanos por um longo período... especialmente agora que há bilhões deles.

Tino parou e depois continuou:

— O que eu mais desejava era um mortal através do qual pudesse canalizar minhas vontades, um ser que não estivesse limitado pelas leis do universo, nem algemado pelos limites da humanidade. Meu aliado teria que começar como humano e depois se tornar um vampiro ou vampixiita. Com a minha ajuda, ele poderia liderar seu clã para depois dominar a todos. Juntos poderíamos determinar qual seria o destino do mundo durante centenas de anos a fio e, através de *seus* filhos, eu poderia controlar o planeta por

milhares de anos... talvez até o próprio fim dos tempos.

— Você está louco — resmunguei. — Não dou a mínima se você me ajudou. Eu não trabalharei com você ou farei o que você quer. Não me ligarei à sua causa deturpada. Duvido que Lucas o fizesse, caso tivesse vencido.

— Mas você se juntará a mim — insistiu o Sr. Tino — assim como Lucas o faria. É seu dever. Está na sua natureza. Os iguais se aliam. — Ele fez uma pausa, para depois se expressar, de forma orgulhosa e provocativa: — O filho se une ao pai.

— *O quê?* — explodiu Evanna, que entendeu tudo antes de mim.

— Eu requisitei um herdeiro menos poderoso — disse o Sr. Tino, com os olhos fixos em mim. — Um que carregaria os meus

genes e espelharia os meus desejos, mas que pudesse agir livremente como um mortal. Para eliminar quaisquer fraquezas, eu criei dois deles, e depois os coloquei um contra o outro. O mais fraco pereceria e seria esquecido. O mais forte seguiria em frente e reivindicaria o mundo para si próprio. — Ele estendeu os braços, num gesto tão irônico quanto estranhamente sincero. — Venha dar um abraço em seu pai, Darren... *meu filho*!.

CAPÍTULO TREZE

— Você está louco — falei em voz baixa. — Eu tenho um pai, um pai de verdade. E não é você!

— Dermot Shan nunca foi o seu pai — respondeu o Sr. Tino.

— Você era bastardo. Lucas também. Fiz meu trabalho calmamente, sem que suas mães soubessem. Mas acredite em mim... vocês são ambos meus.

— Isso é ultrajante! — gritou Evanna,

enquanto seu corpo se expandia, tornando-se mais lupino do que humano, até preencher grande parte do vão. — Isso é proibido! Como ousa!

— Agi dentro dos limites das leis do universo! — vociferou o Sr. Tino. — Você saberia se eu não tivesse agido… tudo seria um caos. Eu apenas estendi um pouco os seus limites, mas não as desobedeci. Tenho permissão de procriar, e meus filhos… mesmo se lhes faltarem os meus poderes mágicos… podem agir da mesma maneira que qualquer mortal normal.

— Mas se Darren e Lucas são os seus filhos, então *você* criou o futuro onde um deles se torna o Senhor das Sombras! — bradou Evanna. — *Você* jogou a humanidade abismo abaixo e torceu os fios do futuro para saciar as suas próprias necessidades sujas!

— Sim — disse o Sr. Tino, rindo, para depois apontar o dedo na direção de Evanna. — Não me contrarie, filha. Jamais causarei mal para aqueles que são fruto da minha carne e do meu sangue, mas poderia tornar a sua vida muito desagradável se você me interpretasse mal.

Evanna fitou seu pai com ódio e então foi voltando aos poucos ao seu tamanho e forma normais.

— Isso é uma injustiça — resmungou ela. — O universo o punirá, talvez não imediatamente, mas no fim das contas você pagará um preço pela sua arrogância.

— Duvido muito — disse o Sr. Tino com um sorriso malicioso. — A humanidade estava seguindo rumo a um enfado constante. Paz, prosperidade, comunicação global, amor fraternal... onde está a graça *nisso*?

Sim, ainda havia várias guerras e conflitos para nos divertirmos, mas pude ver que as pessoas do mundo estavam cada vez mais unidas. Fiz o melhor que pude, cutuquei nações para que tomassem o rumo das batalhas, semeei insatisfação em todos os lugares possíveis, cheguei até a ajudar alguns tiranos equivocadamente eleitos para alcançar algumas das posições de maior poder na Terra... estava certo de que esses belos espécimes poderiam levar o mundo à guerra!

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

— Mas não! Não importa o quão tensas fossem ficando as coisas, o quanto os meus subordinados interferiam... eu podia ver a paz e a compreensão se impondo aos poucos. Era hora de uma atitude mais drástica, de levar o mundo de volta aos bons e velhos tempos, quando quase todos estavam com as

mãos na garganta dos demais. Eu simplesmente restaurei a ordem natural do lindo caos. O universo não me punirá por isso. Na verdade, eu espero...

— Cale a boca! — gritei, surpreendendo tanto o Sr. Tino quanto Evanna. — Isso tudo é uma grande bobagem! Você não é meu pai! Você é um monstro!

— Assim como você é — disse o Sr. Tino, radiante. — Ou logo será. Mas não se preocupe, filho... os monstros são os que mais se divertem.

Olhei para ele, revoltado, com os sentidos em polvorosa, incapaz de aceitar aquilo tudo. Se isto fosse verdade, a minha vida inteira teria sido falsa. Eu nunca fui a pessoa que achava que era, apenas um peão nas mãos do Sr. Tino, uma bomba-relógio esperando para explodir. Eu fora vampirizado

apenas para prolongar a minha vida, para que pudesse viver mais e que fizesse uma quantidade maior de trabalhos para o Sr. Tino. A minha guerra com Lucas só havia servido para que ele se livrasse do mais fraco entre nós dois, para que o mais forte pudesse emergir como a fera mais poderosa. Não fiz nada em prol dos vampiros, da minha família ou dos meus amigos — tudo fora para o Sr. Tino. E agora que eu havia me provado digno, me tornaria um ditador e mataria qualquer um que se opusesse a ele. Minhas vontades não valiam nada. Era o meu destino.

— Pa-pa-pa... — gaguejava Lucas, cuspindo sangue. Ele estendia a mão livre e suplicava ao Sr. Tino. — Pai — conseguiu dizer em voz baixa —, me... ajude.

— Por quê? — desdenhou Tino.

— Eu… nunca… tive… um… pai. — Cada palavra exigia um esforço tremendo para ser articulada, mas Lucas conseguia colocá-las para fora. — Eu… quero… conhecer… você. Vou… servi- lo… e… amá-lo.

— Por que cargas d'água eu quero ter algo a ver com *amor*? — perguntou o Sr. Tino, gargalhando. — O amor é uma das emoções humanas mais básicas. Fico muito feliz por nunca ter sido amaldiçoado por ela. Servidão, gratidão, medo, ódio, raiva… gosto dessas. Amor… você pode levar o seu amor para o Lago das Almas quando morrer. Talvez isso lhe traga algum conforto quando estiver por lá.

— Mas… sou… o seu… filho — gritou Lucas, fraquinho.

— Foi — disse o Sr. Tino, com um ar de desprezo. — Agora você é apenas um

perdedor e logo será carne morta. Jogarei a sua carcaça para os meus Pequeninos se alimentarem... isso dá uma noção de quão pequeno é o meu sentimento por você. Este é um mundo de vencedores. Os segundos colocados não passam de gente de segunda. Você não é nada para mim. Darren é meu único filho agora.

A dor nos olhos de Lucas era terrível de se ver. Quando era criança, ele ficou arrasado quando achou que eu o havia traído. Agora estava sendo abertamente ridicularizado e repudiado pelo pai. Isso o destruiu. Seu coração já estava cheio de ódio antes disso, mas agora que dava os seus últimos batimentos, só havia espaço para o desespero.

Mas na angústia de Lucas eu encontrei esperança. Consumido pela presunção, o Sr.

Tino revelara muita coisa, cedo demais. No fundo da minha mente, uma ideia ganhava vida. Com uma pressa desvairada, comecei a colocar várias peças no lugar — a revelação do Sr. Tino e a reação de Evanna. A bruxa disse que o Sr. Tino criara o futuro no qual Lucas ou eu era o Senhor das Sombras. Ele forjara as leis que regiam as vidas dele e dela, para distorcer as coisas e criar um mundo caótico onde eu e ele pudéssemos ser os governantes. Evanna e o Sr. Altão disseram-me que não havia como fugir do Senhor das Sombras, que ele fazia parte do futuro do mundo. Mas ambos estavam errados.

Ele fazia parte do futuro do *Sr. Tino*. Des Tino podia ser o indivíduo mais poderoso do universo, mas ainda assim era apenas um indivíduo. O que um indivíduo podia construir, outro poderia destruir.

Os olhos do Sr. Tino estavam fixos em Lucas. Ele ria dele, deleitando-se com a sua dor agonizante. A cabeça de Evanna estava curvada — ela havia desistido e aceitado a situação. Mas eu não. Se eu herdara a faceta maligna e destrutiva do demônio, também havia herdado a sua astúcia. Nada me deteria no sentido de lhe negar a sua visão de um futuro devastado.

Lentamente, muito lentamente, soltei a mão esquerda de Lucas e tirei a minha da reta. Agora ele tinha o caminho livre até a minha barriga, na posição perfeita para terminar o trabalho que havia começado quando me apunhalou anteriormente. Mas Lucas não notou. Ele estava consumido pela sua tristeza. Fingi tossir e arranquei a manga esquerda de sua camisa. Se o Sr. Tino tivesse visto, ele poderia ter acabado com o meu

plano na mesma hora. Mas ele achava que vencera, que tudo estava acabado. Mal podia imaginar a vaga possibilidade de uma ameaça.

O olhar de Lucas se voltou para baixo. Ele percebeu que sua mão estava livre. Viu sua chance de me matar. Seus dedos apertaram o cabo da faca... e depois relaxaram. Por um instante terrível, achei que ele havia morrido, mas então percebi que ainda estava vivo. O que o conteve foi a dúvida. Ele passara grande parte de sua vida me odiando, mas agora havia acabado de descobrir que eu era seu irmão. Dava para ver sua mente em polvorosa. Eu era uma vítima de Des Tino, assim como ele, que agira errado ao me odiar. Eu não tivera escolha no que fizera. Em todo o mundo, eu era a pessoa da qual ele estivera mais próximo. Contudo, fui a pessoa

que ele mais machucou.

O que Lucas descobriu naqueles últimos poucos momentos foi o que eu achava que ele havia perdido para sempre — sua humanidade. Ele enxergou o caminho errado que tomou, o mal que infligiu e os erros que cometeu. Havia uma salvação possível que residia nesse reconhecimento. Agora que podia ver a si próprio como ele realmente era, talvez, mesmo nesse último estágio, poderia se arrepender.

Mas eu não poderia me permitir ser humano. A salvação de Lucas seria a minha ruína — e do mundo. Precisava que ele ficasse enlouquecido, com fogo nas ventas, cheio de fúria e ódio. Só nesse estado é que ele poderia encontrar forças para talvez me ajudar a acabar com o poder que Des Tino tinha sobre o futuro.

— Lucas — chamei, forçando um sorriso perverso. — Você tinha razão. Eu *realmente* armei tudo com o Sr. Crepsley para tomar o seu lugar como ajudante dele. Fizemos você de bobo e estou feliz com isso. Você é um ninguém. Um nada. É isso que você merece. Se o Sr. Crepsley estivesse vivo, ele estaria rindo de você agora, assim como o resto de nós está.

O Sr. Tino urrava de alegria.

— Esse é o meu garoto! — gritava. Ele achava que eu estava humilhando Lucas uma última vez antes de sua morte. Mas ele estava errado.

Os olhos de Lucas se encheram de ódio mais uma vez. O que havia de humano dentro dele sumiu num instante, o que o fez tornar-se Lucas Leopardo, o assassino de vampiros, mais uma vez. Num movimento

rápido e enlouquecido, ele ergueu a mão esquerda e cravou sua faca bem fundo na minha barriga. Menos de um segundo depois ele o fez novamente, repetindo o gesto em seguida.

— Pare! — berrou o Sr. Tino, percebendo o perigo tarde demais. Ele se jogou na nossa direção, para tentar me afastar, mas Evanna se interpôs e o conteve:

— Não, pai! — vociferou ela. — Você não pode interferir nisso!

— Saia da minha frente! — berrou Tino, enquanto lutava com a filha. — O idiota vai deixar Leonardo matá-lo! Temos que impedir isso!

— Tarde demais — falei, rindo, enquanto a faca de Lucas se movia e rasgava minhas tripas pela quinta vez. O Sr. Tino parou e emudeceu, perdido completamente pela que

parecia ser a primeira vez em sua vida longa e descrente. — Destino... rejeitado — prossegui, junto com o meu último suspiro. Depois, segurei Lucas com força enquanto ele me trespassava mais uma vez com sua faca e rolei para a direita, saindo da beira da trilha e caindo no rio.

Caímos na água juntos, abraçados, e afundamos rapidamente. Lucas tentou me esfaquear novamente, mas já era esforço demais para ele. Ele começou a claudicar e me largou, enquanto seu corpo afundava nas profundezas tenebrosas do rio, desaparecendo de vista em segundos.

Eu estava com um fiapo de consciência, projetando-me lentamente, enquanto os membros eram devorados e levados pela correnteza do rio. A água descia pela minha garganta e enchia os meus pulmões. Uma parte

de mim queria subir à superfície, mas eu lutava contra ela, sem querer dar ao Sr. Tino a mínima oportunidade de me reviver.

Vi rostos dentro d'água ou nos meus pensamentos — era impossível dizer a diferença. Sam Crespo, Sr. Torvelinho, Arra Barbatanas, Sr. Altão, Shancus, C.C., Sr. Crepsley. Os mortos vieram dar-me as boas-vindas.

Estendi meus braços na direção deles, mas nossos dedos não se tocavam. Imaginei o Sr. Crepsley acenando e uma expressão triste brotou em seu rosto. Até que tudo desapareceu. Parei de lutar. O mundo, a água, os rostos sumiram de vista, e depois da memória. Um estrondo que era silencioso. Uma escuridão que era clara. Um frio que queimava. Um último piscar das minhas pálpebras, um tênue movimento,

impossivelmente fatigante. E então, na escuridão solitária e aquosa do rio, como todos têm que fazer quando o Anjo da Morte chama — eu morri.

INTERLÚDIO

Eternidade. Trevas eternas. Vagando em círculos lentos e intermináveis. Cercado, mas sozinho. Ciente de outras almas, presas como eu, mas incapaz de contatá-las. Nenhum sentido de visão, audição, paladar, olfato, tato. Apenas o fastio esmagador do presente e as lembranças dolorosas do passado.

Conheço este lugar. É o Lago das Almas, uma zona para onde os espíritos vêm quando não conseguem deixar a força de tração da Terra. As almas de algumas pessoas não se movem quando morrem. Elas ficam presas nas águas deste lago fétido, condenadas a girar silenciosamente nas profundezas por toda a eternidade. Estou triste por ter

acabado aqui, mas não surpreso.

Tentei viver uma vida boa, e no fim me sacrifiquei num esforço para salvar outros, por isso, de acordo com esse ponto de vista, talvez estivesse merecendo o Paraíso. Mas eu também era um assassino. Sejam quais fossem os meus motivos, eu tirei vidas e criei infelicidade. Não sei se algum poder maior fez algum julgamento de mim ou se estou aprisionado por minha própria culpa.

Creio que isso não importa de fato. Estou aqui e não tenho como sair. Aqui é o meu lugar. Para sempre.

Nenhum sentido de tempo. Nada de dias, noites, horas, minutos — nem mesmo segundos. Será que já estou aqui há uma semana, um ano ou um século? Não dá para dizer. Será que a Guerra das Cicatrizes ainda

está sendo travada? Será que os vampiros ou os vampixiitas caíram? Será que outra pessoa tomou o meu lugar como Senhor das Sombras? Será que morri sem motivo? Não sei. Provavelmente jamais saberei. Essa é uma parte da minha sentença. Parte da minha maldição.

Se as almas dos mortos pudessem falar, elas gritariam para que fossem soltas. Não só para que se libertassem do Lago, mas de suas lembranças. As memórias me atormentavam implacavelmente. Lembro-me de tanta coisa do meu passado, de todas as vezes nas quais falhei ou onde poderia ter me saído melhor. Sem nada mais para fazer, sou forçado a repassar a minha vida, várias e várias vezes. Até mesmo os meus menores erros se tornam supremos lapsos de julgamento. Eles

me atormentam pior do que Lucas nunca foi capaz.

Tento me esconder da dor das lembranças fugindo cada vez mais para o meu passado. Lembro-me do jovem Darren Shan, humano, feliz, normal, inocente. Passo anos, décadas — ou seriam apenas minutos? — revivendo os tempos simples e despreocupados. Tento recompor toda a primeira fase da minha vida. Lembro-me até mesmo dos menores detalhes — as cores dos carros de brinquedo, as tarefas e os deveres de casa, os bate-papos para fazer o tempo passar. Repasso conversas de todos os dias uma centena de vezes até cada palavra estar correta. Quanto mais eu penso nisso, mais profundamente me afundo nesses anos, perdendo-me, humano mais uma vez, quase capaz de acreditar que as lembranças são a realidade,

e a minha morte e o Lago das Almas não passam de um sonho desagradável.

Mas a eternidade não pode ser lograda para sempre. As minhas lembranças posteriores estão sempre pairando, dispersas nas fronteiras da realidade limitada que eu criei. Muito de vez em quando eu me reporto a um rosto ou evento. Depois eu perco o controle e me vejo jogado no mundo mais escuro e aterrorizante da minha vida como meio-vampiro. Revivo os erros, as escolhas equivocadas, a carnificina.

Tantos amigos perdidos, tantos inimigos mortos. Sinto-me responsável por todos eles. Eu acreditava na paz quando fui à Montanha dos Vampiros pela primeira vez. Muito embora Kurda Smahlt tivesse traído sua gente, eu sentia pena dele. Sei que ele fez tudo na

tentativa de evitar a guerra. Não entendia como as coisas haviam chegado a esse nível. Se os vampiros e os vampixiitas tivessem simplesmente se sentado e conversado sobre suas diferenças, a guerra poderia ter sido evitada.

Assim que me tornei um príncipe, sonhei que era um pacifista, assumia o papel de Kurda, e levava os vampixiitas de volta para o clã. Deixei esses sonhos para trás em algum ponto dos seis anos que passei vivendo dentro da Montanha dos Vampiros. Sobrevivendo como vampiro, aprendendo os seus costumes, treinando com armas, mandando amigos para lutar e morrer... Tudo foi apagado em mim e, quando finalmente retornei para o mundo além da montanha, eu havia mudado. Passei a ser um guerreiro, ameaçador, impassível perante a morte, cujo

intento era matar em vez de conversar.

Eu não era maligno. Às vezes é necessário lutar. Há ocasiões em que você tem que descartar seus ideais de nobreza e sujar as mãos. Mas você deve sempre se empenhar em nome da paz e procurar encontrar a solução pacífica para resolver até mesmo os conflitos mais sangrentos. Eu não fiz isso. Abracei a guerra e acompanhei a opinião geral — que se matássemos o Senhor dos Vampixiitas, todos os nossos problemas seriam resolvidos e a vida seria boa.

Estávamos errados. A morte de um homem nunca solucionou nada. Lucas foi apenas o começo. Uma vez que você pega a estrada do homicídio, é difícil encontrar um desvio. Não podíamos ter parado. A morte de um adversário não seria o suficiente. Depois de Lucas, começaríamos a aniquilar os

vampixiitas e depois a humanidade. Teríamos nos estabelecido como governantes do mundo, esmagando a todos em nosso caminho, e eu teria prosseguido com isso em mente. Não, mais do que isso — eu teria liderado, não apenas seguido.

Tal culpa, não só do que havíamos feito como do que eu teria feito, me devora como um milhão de ratos vorazes. Não importa que eu seja o filho de Desmond Tino, essa perversidade estava nos meus genes. Eu tive forças para escapar dos intentos tenebrosos do meu pai. Provei isso no fim, ao me deixar morrer. Mas por que eu não fiz isso antes, antes de tantas pessoas serem mortas?

Não sei se eu poderia ter impedido a guerra, mas poderia ter dito: “Não quero tomar parte em nada disso.” Poderia ter defendido a paz, não lutado por ela. Se eu tivesse

falhado, talvez pelo menos não tivesse acabado aqui, abatido com as correntes de tantas mortes horríveis.

O tempo passa. Rostos vêm e somem dos meus pensamentos. Lembranças se formam, são esquecidas e se formam novamente. Apago grandes partes da minha vida, as recupero e as apago outra vez. Sucumbo à loucura e me esqueço de quem fui. Mas a loucura não dura muito. Retorno relutante aos meus sentidos.

Penso muito nos meus amigos, especialmente naqueles que estavam vivos quando morri. Será que algum deles pereceu no estádio? Se sobreviveram àquilo, o que veio em seguida? Como tanto eu quanto Lucas morremos, o que aconteceu com a Guerra das Cicatrizes? Será que o Sr. Tino podia nos

substituir por novos líderes, homens com os mesmos poderes que eu e Lucas? É difícil imaginar como ele faria isso, a não ser que gerasse outras duas crianças.

Será que Harkat estava vivo, lutando pela paz entre vampiros e vampixiitas, como fez quando era Kurda Smahlt? Será que Alice Burgess liderou suas vampiridades contra os vampitietes e os aniquilou? Será que Débora ficou de luto por minha causa? Não saber de nada disso era uma agonia. Eu venderia minha alma ao Diabo só para passar alguns minutos no mundo dos vivos, onde poderia encontrar respostas às minhas perguntas. Mas nem mesmo o Diabo perturbava as águas do Lago das Almas, pois este se tratava de um lugar de repouso exclusivo para os mortos e os condenados.

★

Flutuante, espectral, resignado. Fixo-me na minha morte, lembrando do rosto de Lucas enquanto me esfaqueava, seu ódio, seu medo. Conto o número de segundos que se passaram até a minha morte, as gotas de sangue que derramei no barranco do rio onde ele me matou. Sinto-me tombando na água do rio uma dúzia de vezes... uma centena... mil.

Aquela água estava muito mais viva do que a do Lago das Almas. Correntes. Peixes nadavam nela. Bolhas de ar. Fria. A água aqui é morta, tão inerte quanto as almas que ela contém. Nenhum peixe explora suas profundezas, nenhum inseto nada em sua superfície. Não sei ao certo como posso estar a par desses fatos, mas estou. Sinto o vazio medonho do Lago. Ele só existe para reter os espíritos dos pobres mortos.

Sinto falta do rio. Pagaria qualquer preço para voltar e experimentar o avanço da água corrente mais uma vez, o frio que senti quando caí, a dor que me invadiu enquanto eu sangrava até a morte. Qualquer coisa é melhor do que esse limbo. Mesmo um minuto estando à morte é preferível a uma eternidade de inexistência.

Pelo menos posso sentir um pequeno alívio — por pior que isto seja para mim, deve estar sendo bem pior para Lucas. Minha culpa não é nada comparada à dele. Fui sugado para os jogos malignos do Sr. Tino, mas Lucas se jogou de corpo e alma neles. Seus crimes superam em muito os meus, por isso ele deve estar sofrendo bem mais.

A não ser que ele não aceite a sua culpa. Talvez a eternidade nada signifique para ele.

Talvez só esteja magoado por eu o ter derrotado. Pode ser que ele não ligue para o que fez ou perceba o quanto foi um monstro. Ele deve estar contente aqui, refletindo com ternura sobre tudo que conseguiu.

Mas duvido muito. Creio que a revelação do Sr. Tino tenha destruído grande parte das defesas malucas de Lucas. Saber que era meu irmão e que ambos fomos fantoches nas mãos de nosso pai deve ter mexido com ele. Acredito, dado o tempo de reflexão — e isso é tudo que se pode fazer aqui —, que ele lamentará o que fez. Verá a si próprio como realmente é e se odiará por isso.

Eu não deveria ter prazer com isso. Naquele lugar, mas pela graça dos deuses... Porém eu ainda desprezo Lucas. Posso entender por que ele agiu daquela maneira e lamento por ele. Mas não posso perdoá-lo.

Não consigo me violentar tanto. Talvez esse seja outro motivo que explique por que estou aqui.

Estou me afastando das lembranças dolorosas novamente. Fugindo do mundo dos vampiros, fingindo que nunca aconteceu. Eu me imagino como uma criança, vivendo os mesmos dias várias vezes, recusando-me a ir além da tarde em que ganhei uma entrada para o Circo dos Horrores. Construí uma realidade perfeita, hermética e confortável. Sou Darren Shan, filho e irmão adorado, que não é o garoto mais comportado do mundo, mas está longe de ser o pior. Faço pequenos trabalhos domésticos para mamãe e papai, me esforço para fazer o dever de casa, vejo TV e saio com meus amigos. Num instante tenho seis ou sete anos de idade, no seguinte

tenho dez ou onze. Reviro continuamente toda a minha vida, vivendo o passado, e ignoro tudo no que não quero pensar. Lucas é o meu melhor amigo. Lemos gibis, vemos filmes de terror e contamos piadas um para o outro. Joana é uma criança, sempre uma criança — nunca penso nela como uma mulher que tem um filho. Os vampiros são monstros mitológicos, assim como os lobisomens, os zumbis e as múmias; não devem ser levados a sério.

O meu objetivo é tornar-me o Darren das minhas lembranças e perder-me completamente no passado. Não quero mais ter que lidar com a culpa. Enlouqueci antes e me recuperei. Quero enlouquecer novamente, mas, desta vez, deixar que a loucura me engula inteiro.

Luto para sumir no passado. Ao

lembrar-me de tudo, identifico os detalhes com mais precisão a cada vez que repasso um momento. Começo a me esquecer das almas, do Lago, dos vampiros e dos vampixiitas. Ainda tenho vislumbres ocasionais da realidade, mas os reprimo rapidamente. Penso como criança, lembro-me como criança e torno-me uma criança.

Estou quase lá. A loucura espera, os braços se abrem, me recebendo. Estarei vivendo uma mentira, mas será uma mentira serena, calmante. Anseio por ela. Trabalho duro para torná-la real. E vou chegar lá. Sinto-me deslizando e me aproximando dela. Alcanço a mentira com os anéis da minha mente. Sinto-me ao seu redor, a exploro, começo a mergulhar em seu interior quando, de repente — uma nova sensação...

Dor! Opressão. Ressurgindo. A loucura é

deixada para trás. A água do Lago se fecha à minha volta. Que dor abrasadora! Batendo, tossindo, ofegando. *Mas com o quê?* Não tenho braços para bater, boca para tossir e pulmões para ofegar. Será que isso é parte da loucura? Será que eu...

E de repente a minha cabeça — uma *cabeça* verdadeira, real! — sobe à superfície. Estou respirando ar. A luz do sol me cega. Cuspo água. Meus braços saem de dentro do Lago. Estou cercado, mas não pelas almas dos mortos — por redes! Pessoas as puxam. Estou saindo do Lago. Grito de dor e confusão — mas não há nenhum som. Um corpo se formando, incrivelmente pesado depois de todo esse tempo de leveza. Caio na terra dura e quente. Meus pés se arrastam para fora d'água. Surpreso, tento me levantar. Consigo ficar de joelhos, mas logo caio. Bato na terra

dura. Sinto dor novamente, uma dor nova e assustadora. Curvo o corpo tomando a forma de uma bola, tremendo como um bebê. Fecho os meus olhos contra a luz e cravo meus dedos na terra para me assegurar de que ela é real. E então começo a soluçar levemente, enquanto percebo que o mais incrível, desconcertante e impossível aconteceu... *Estou vivo!*

PARTE DOIS

CAPÍTULO QUATORZE

O sol me fustigava de maneira impetuosa, mas eu não conseguia parar de tremer. Alguém jogou um cobertor sobre mim, grosso e peludo. Ele me pinicava intensamente, mas a sensação era deliciosa. Qualquer sensação seria bem-vinda depois do torpor do Lago das Almas.

A pessoa que me cobrira se ajoelhou ao meu lado e virou minha cabeça para trás. Minha visão foi voltando depois que um

pouco d'água escorreu dos meus olhos. Levei alguns segundos, mas finalmente consegui enxergar nitidamente o meu salvador. Era um Pequenino. A princípio pensei que fosse Harkat. Abri a minha boca para gritar seu nome alegremente. Então olhei-o pela segunda vez e percebi que não se tratava do meu velho amigo, apenas mais um dos indivíduos de pele cinzenta, cheia de cicatrizes e olhos verdes.

O Pequenino me examinou em silêncio, cutucando-me e remexendo no meu corpo. Até que ele se levantou e andou para o lado, me abandonando. Agarrei-me ainda mais ao cobertor, tentando acabar com os calafrios. Depois de um tempo, consegui reunir forças para olhar em volta. Eu estava deitado perto da beira do Lago das Almas. A terra à minha volta era dura e seca, assim como a de um

deserto. Vários Pequeninos estavam por perto. Dois deles penduravam redes para secar — as redes com as quais eles me pescaram. Os outros simplesmente olhavam para o espaço ou para o Lago.

Ouvi um grito vindo de cima. Assim que levantei os olhos, vi uma fera alada enorme circundando o Lago. Por conta da minha visita anterior ao local, já sabia tratar-se de um dragão. Minhas entranhas se retorceram de medo. Depois notei que havia um segundo dragão. Um terceiro. Um quarto. Enquanto meu queixo caía, percebi que o céu estava cheio deles, dezenas, talvez centenas. Se eles me avistassem...

Sem forças, comecei a me arrastar em busca de segurança, mas, então, parei e olhei para os Pequeninos. Eles sabiam que os dragões estavam lá, mas não se deixavam

perturbar pelos répteis voadores gigantes. Eles podem ter me arrastado para fora do Lago no intuito de me dar como alimento aos dragões, mas eu achava que não era o caso. E mesmo se fosse, não daria para fazer nada no estado debilitado em que eu me encontrava. Não dava para fugir ou lutar e não havia lugar onde eu pudesse me esconder. Por isso fiquei ali deitado, esperando que os eventos transcorressem naturalmente.

Os dragões voltearam durante vários minutos e os Pequeninos ficaram imóveis. Eu ainda estava sentindo muito frio, mas não tremia tanto quanto ao sair do Lago pela primeira vez. Estava reunindo as poucas reservas de energia que ainda podia angariar para tentar ir até onde os Pequeninos estavam e sondá-los sobre o que estava acontecendo, quando alguém falou atrás de mim:

— Desculpe, cheguei tarde.

Olhei para trás, esperando que fosse o Sr. Tino, mas era de fato sua filha (minha meia-irmã!) Evanna, que caminhava a passos largos na minha direção. Ela não parecia muito diferente de como eu me lembrava dela, embora houvesse um brilho em seus olhos, um verde e o outro castanho, que estava ausente na última vez em que nos encontramos.

— Hããã! — resmunguei o único som que eu conseguia emitir.

— Calma — disse Evanna, estendendo a mão na minha direção e curvando-se para afagar meu ombro afetuosamente. — Tente não falar. Vai levar algumas horas para os efeitos do Lago diminuírem. Vou fazer uma fogueira e cozinhar uma sopa para você.

É por isso que eu não estava aqui

quando você foi pescado... estava procurando lenha. — Ela apontou para um monte de troncos e gravetos.

Queria importuná-la com perguntas, mas não havia por que sobrecarregar minha garganta quando ela não estava pronta para funcionar. Por isso não falei nada enquanto ela me pegava e me carregava na direção da pilha de lenha como se eu fosse um bebê, para depois me pôr no chão e voltar sua atenção para os gravetos.

Quando a fogueira já havia pegado, Evanna tirou um objeto chato e circular do meio dos lenços que a envolviam. Eu o reconheci imediatamente — era uma panela dobrável, do mesmo tipo que o Sr. Crepsley chegara a usar. Ela a apertou no meio, fazendo-a saltar para fora e assumir sua forma natural, e depois a encheu de água

(não do Lago, mas de um balde) e de um pouco de verduras e ervas, e a dependurou num pedaço de pau sobre as chamas.

A sopa era fraca e insossa, mas, para mim, o seu calor era como o fogo dos deuses. Tomei-a com sofreguidão, uma tigela, mais outra e uma terceira. Evanna sorria enquanto eu bebia ruidosamente e depois começou a bebericar da sua porção lentamente. Os dragões em sobrevoo gritavam a intervalos regulares, o sol ardia brilhantemente e o aroma da fumaça era pura magia. Sentia-me estranhamente relaxado, como se aquela fosse uma tarde preguiçosa de um domingo de verão.

Eu estava no meio da minha quarta tigela quando o meu estômago resmungou comigo e disse: “Já chega!” Suspirando alegremente, deixei a tigela de lado e me

sentei, sorrindo largamente, pensando apenas nas boas sensações internas. Mas eu não podia ficar sentado em silêncio eternamente, então finalmente ergui os olhos, olhei para Evanna e testei minhas cordas vocais:

— Brgd... — falei, num rangido, ao querer dizer “obrigado”.

— Já faz um bom tempo desde que você falou pela última vez — disse Evanna. — Comece com algo mais fácil. Tente o alfabeto. Vou catar mais lenha, para manter o fogo aceso. Não vamos ficar muito tempo, mas é bom que tenhamos algum calor por perto enquanto estivermos aqui. Treine enquanto eu estiver longe e talvez possamos conversar na minha volta.

Fiz o que a bruxa aconselhou. No começo me esforcei para produzir sons que soassem como deviam ser, mas aos poucos

meus *As* começaram a soar como *As*, meus *Bs* como *Bs* e assim por diante. Quando já havia repassado o alfabeto várias vezes sem cometer um erro sequer, passei para as palavras, coisas simples para começar — gato, cão, mãe, pai, céu, eu. Tentei nomes depois disso, palavras mais longas e, finalmente, frases. Doía falar e por isso engolia algumas palavras, mas quando Evanna enfim voltou, segurando uma braçada de míseros gravetos, consegui saudá-la com uma voz grave quase normal:

— Obrigado pela sopa.

— De nada. — Ela jogou alguns dos gravetos no fogo e depois se sentou ao meu lado. — Como você se sente?

— Áspero que nem ferrugem.

— Você se lembra do seu nome?

Olhei para ela de soslaio, estranhando a

situação.

— Por que eu não deveria?

— O Lago mexe com a mente das pessoas — disse a feiticeira. — Ele é capaz de destruir as lembranças. Muitas das almas esquecem quem são. Elas enlouquecem e perdem a noção do seu passado. Você ficou lá um bom tempo. Eu temia pelo pior.

— Cheguei perto — admiti, agachando-me mais perto do fogo, enquanto me lembrava das minhas tentativas de enlouquecer e fugir do peso das minhas lembranças. — Foi horrível. É mais fácil ficar maluco do que são quando se está lá dentro.

— Então qual é? — perguntou Evanna. Quando pisquei em silêncio, ela deu uma risada. — O seu nome?

— Ah — respondi, sorrindo. — Darren. Darren Shan. Sou um meio-vampiro.

Lembro-me de tudo, da Guerra das Cicatrizes, do Sr. Crepsley, de Lucas. — Minhas feições ficaram carregadas. — Lembro-me da minha morte e do que o Sr. Tino disse pouco antes dela.

— Ele é realmente cheio de surpresas, não... o nosso pai?

Ela me olhou de lado para ver o que eu diria em relação a isso, mas não consegui pensar em nada — como você reagiria se soubesse que Des Tino é o seu pai e uma bruxa com séculos de existência é a sua meia-irmã? Para fugir do assunto, estudei o terreno à minha volta.

— Esse lugar parece diferente — comentei. — Era verde quando vim aqui com Harkat. Havia muito mato e terra fresca.

— Estamos mais adiante no futuro — explicou Evanna. — Antes, você viajou meros

duzentos anos ou mais no futuro. Desta vez você avançou centenas de milhares de anos, talvez mais. Não estou totalmente certa. Esta foi a primeira vez que o nosso pai permitiu que eu viesse até aqui.

— Centenas de... — Minha cabeça revirava.

— Esta é a era dos dragões — disse Evanna. — A era posterior à humanidade.

Fiquei com a respiração presa na garganta e tive que pigarrear duas vezes antes de responder:

— Você quer dizer que os seres humanos acabaram?

— Acabaram ou se mudaram para outros mundos ou esferas — disse Evanna, encolhendo os ombros. — Não posso dizer ao certo. Só sei que o mundo agora pertence aos dragões. Eles o controlam da mesma forma

que os homens o fizeram e como os dinossauros fizeram antes deles.

— E a Guerra das Cicatrizes? — perguntei, nervoso. — Quem a venceu?

Evanna ficou em silêncio por um instante. E depois disse:

— Temos muito o que conversar. Não há por que ter pressa.

— Ela apontou para os dragões que pairavam acima de nós. — Peça para um deles descer.

— O quê? — Franzi a testa.

— Chame-os, do jeito que você costumava chamar a Madame Octa. Você pode controlar os dragões da mesma forma que controlava a sua aranha de estimação.

— Como? — perguntei, desconcertado.

— Vou lhe mostrar. Mas antes... chame. — Ela sorriu. — Eles não nos ameaçarão.

Você tem a minha palavra.

Eu não tinha tanta certeza disso, mas como seria legal controlar um dragão! Olhando para cima, estudei as criaturas no céu, depois me fixei em uma que era ligeiramente menor do que as outras. (Não queria fazer com que uma das maiores descesse, no caso de Evanna estar equivocada e ela resolvesse me atacar.) Segui a sua trajetória com os meus olhos por alguns segundos, depois estendi uma das mãos em sua direção e sussurrei:

— Venha a mim. Desça. Venha, meu lindo.

O dragão executou uma cambalhota para trás e depois desceu velozmente. Eu pensei que ele fosse nos despedaçar em mil pedaços. Fiquei em pânico e tentei correr. Evanna me puxou de volta ao local.

— Calma! — disse ela. — Você não pode controlá-lo se perder contato. E agora que ele sabe que estamos aqui, pode ser perigoso deixá-lo agir como quiser.

Eu não queria jogar este jogo, mas agora era tarde demais para retroceder. Fixei o olhar no dragão descendente e falei-lhe novamente:

— Calma! Suba. Não quero machucá-lo... e não quero que nos machuque! Apenas paire um pouco sobre nós e...

O dragão deteve a sua queda e parou alguns metros acima de mim. Ele batia suas asas coriáceas com força. Não dava para ouvir nada além daquele som. A força do ar me jogava para trás. Enquanto lutava para me manter em pé, o dragão acabou pousando ao meu lado. Ele encolheu as asas, abaixou a cabeça como se quisesse me

devorar e depois ficou parado apenas me observando.

A fera se parecia bastante com aquelas que eu já vira. Suas asas eram verde-claras, tinham cerca de seis metros de comprimento e eram escamosas como uma cobra. Seu peito era protuberante e sua cauda, fina. As escamas da barriga eram de um tom vermelho opaco e dourado, enquanto as acima eram verdes com pintas vermelhas. O bicho possuía duas pernas dianteiras compridas, perto da parte da frente do corpo, e duas pernas traseiras pequenas, localizadas a um quarto da parte final do corpo. Isso sem contar com várias garras afiadas. Sua cabeça parecia com a de um jacaré, pois era longa e achatada. Possuía olhos salientes amarelos e pequenas orelhas pontudas. Sua cara era vermelho- escura. O réptil também tinha

uma língua longa e bifurcada e, se fosse como os outros dragões, podia soltar fogo pela boca.

— É incrível — disse Evanna. — É a primeira vez que eu vejo um tão de perto. Nosso pai se superou com essa criação.

— Foi o Sr. Tino que fez os dragões?

Evanna acenou com a cabeça.

— Ele ajudou cientistas humanos a criá-los. Na verdade, um dos seus amigos era elemento-chave na equipe... Alan Morris. Com a ajuda do nosso pai, ele deu um passo que permitiu que os répteis fossem clonados a partir da combinação de células de dinossauros.

— *Alan?* — perguntei, bufando. — Você está me dizendo que Alan Morris fez dragões? Isso é total e completamente... — Parei abruptamente. Tommy me dissera que

Alan era cientista e especializado em clonagem. Era difícil acreditar que o garoto bobo que eu conhecera havia crescido e se tornado um criador de dinossauros.

Por outro lado, era difícil acreditar que Lucas tornara-se o Senhor dos Vampixiitas ou que eu me tornara um Príncipe Vampiro.

Suponho que todos os homens e mulheres influentes devam começar como crianças normais e desinteressantes.

— Os governantes deste mundo manterão os dragões sob controle durante muitos séculos — disse Evanna. — Eles os comandarão. Mais tarde, quando esse controle acabar... como tem que acontecer com todos os governantes... os dragões voarão livres e se multiplicarão, tornando-se uma verdadeira ameaça. No fim das contas eles vencerão os humanos, vampiros ou vampixiitas

pelo cansaço, e, consequentemente, dominarão o mundo. Não estou certa do que virá depois. Nunca tentei ver mais adiante.

— Por que ele não nos mata? — perguntei, enquanto observava o dragão, receoso. — Ele é manso?

— De jeito nenhum! — respondeu Evanna, com uma gargalhada. — Normalmente os dragões nos rasgariam ao meio. Nosso pai mantém essa área oculta... eles não podem ver o Lago das Almas ou quem quer que esteja ao redor dele.

— Este aqui está nos vendo — observei.

— Sim, mas você o está controlando, por isso estamos seguros.

— Na última vez em que estive aqui, quase fui assado vivo por dragões. Como consigo controlá-los agora quando antes não conseguia?

— Mas você podia — respondeu Evanna. — Você tinha o poder... só que não sabia disso. Os dragões o teriam obedecido naquela ocasião, da mesma forma que o fazem agora.

— Por quê? — Franzi a testa. — O que há de tão especial em mim?

— Você é o filho de Desmond Tino — lembrou-me Evanna. — Muito embora ele não tenha lhe transmitido os seus poderes mágicos, traços de sua influência permanecem. É por isso que você tinha a capacidade de controlar animais como aranhas e lobos. Mas você pode fazer muito mais.

Evanna estendeu o braço, sendo que sua mão foi bem além do comprimento normal, e tocou na cabeça do dragão. O crânio do réptil brilhava no ponto onde a bruxa o tocou. Sua pele escarlate foi ficando desbotada até se

tornar translúcida, de modo que eu podia ver o seu cérebro por dentro. O formato oval, parecido com o de uma pedra, instantaneamente se mostrou familiar, embora tivesse levado alguns segundos para que eu percebesse o que ele me lembrava. Até que veio um estalo:

— A Pedra de Sangue! — exclamei. Ao passo que essa era muito menor do que a que havia no Salão dos Príncipes, era inconfundivelmente do mesmo tipo. A Pedra de Sangue era um presente dado aos vampiros pelo Sr. Tino. Durante setecentos anos, os membros do clã a alimentaram com seu sangue e a usaram para rastrear e se comunicar uns com os outros. Era uma ferramenta de valor incalculável, porém perigosa... se ela tivesse caído nas mãos dos vampixiitas, eles poderiam ter rastreado e assassinado quase

todos os vampiros vivos.

— Nosso pai pegou o crânio de um dragão no passado e o deu para os vampiros — disse Evanna. — Ele costuma fazer isso... viajar no passado e promover pequenas mudanças que influenciam o presente e o futuro. Através da Pedra de Sangue, ele fez os vampiros ficarem mais firmemente comprometidos com a vontade dele. Se os vampiros vencerem a Guerra das Cicatrizes, eles usarão a Pedra para controlar os dragões e, através deles, os céus. Não creio que os vampixiitas os usarão se vencerem. Eles jamais confiaram nesse presente de Desmond Tino... essa foi uma das razões que os fizeram romper com o resto do clã dos vampiros. Eu não sei ao certo que tipo de relacionamento eles teriam com os dragões. Talvez nosso pai os proverá de alguma outra

maneira de controlar as feras... ou quem sabe ele fique satisfeito em deixá-los serem inimigos.

— Supunha-se que a Pedra de Sangue era a última esperança do clã — murmurei, sem conseguir desviar o olhar do cérebro brilhante do dragão. — Havia uma lenda que dizia que se perdêssemos a guerra contra os vampixiitas, o poder da Pedra de Sangue certa noite ajudaria a nos reerguermos.

Evanna acenou com a cabeça e tirou a mão da cabeça do dragão. Ela parou de brilhar e voltou a ter sua aparência normal. O dragão parecia não haver notado qualquer mudança. Ele continuou olhando para mim, à espera do meu comando.

— Acima de tudo, o nosso pai necessita do caos — disse Evanna. — A estabilidade lhe é enfadonha. Ele não tem nenhum interesse

em ver uma determinada raça eternamente dominante. Durante um tempo, ele se dava por satisfeito deixando os humanos dominarem este planeta, pois, como eram violentos, estavam sempre em guerra uns contra os outros. Mas quando viu que eles trilhavam o caminho da paz durante a segunda metade do século XX... ou achei que ele viu; para ser honesta, não concordo com essa afirmação... começou a destruí-los. Ele fará o mesmo com seus sucessores.

A bruxa fez uma pausa antes de prosseguir:

— Se os vampixiitas vencerem a Guerra das Cicatrizes e liquidarem com os vampiros, ele usará a Pedra no futuro. Ele levará os humanos até ela, os ensinará a extrair as células de sangue e formará um novo exército de vampiros clonados. Mas não serão vampiros

do jeito que você os conhece. Desmond controlará o processo de clonagem e mexerá nas células, revirando-as e moldando-as novamente. As novas criaturas serão mais selvagens do que os vampiros originais, com cérebros menos desenvolvidos, escravos dos caprichos de nosso pai. — Evanna deu um sorriso perverso. — Pois sim, nosso pai falou a verdade quando disse que a Pedra de Sangue poderia ajudar os vampiros a se reerguerem... mas ele guardou alguns dos fatos menos picantes para si próprio.

— Então nenhum lado tem como vencer de verdade — afirmei. — Ele só está preparando os vitoriosos para uma queda posterior.

— Desmond sempre agiu assim — concordou Evanna. — O que ele ajuda a criar, acaba destruindo mais tarde. Muitos

impérios... egípcio, persa, britânico... já pagaram um preço bem alto para aprender isso.

— Egípcio? — perguntei, pestanejando.

— Nosso pai é um grande fã dos impérios. Homens da caverna batendo uns nos outros com clavas e ossos nunca lhe interessaram muito. Ele prefere ver gente se matando com armas mais eficazes e em grandes quantidades. Mas para que a humanidade avance em termos de barbarismo, ela também precisa avançar de outras maneiras. Ela precisa crescer social, cultural, espiritual e tecnologicamente, assim como no campo da medicina. Só uma nação que foi grande em todos os aspectos poderia travar guerras de maneira grandiosa.

Evanna continuava a falar:

— A mão de nosso pai está em quase

todos os avanços arquitetônicos, técnicos e médicos da raça humana. Ele não poderia figurar na linha de frente desses avanços abertamente, mas os influenciou em segredo. A única área na qual ele nunca teve nenhum poder de fato foi na literatura. Desmond não é um sonhador que reverencia a ficção. A realidade é tudo para ele. Ele não tem nenhum interesse nas histórias maravilhosas criadas pela humanidade. Os escritores sempre lhe pareceram meio estranhos — ele não lê obras de ficção e não lhes dá muita atenção.

— Deixa pra lá — resmunguei, fazendo pouco caso das opções de leitura do Sr. Tino. — Fale mais sobre as interferências dele na raça humana e das viagens no tempo. Você diz que o Sr. Tino vai para o passado para mudar o presente e o futuro. Mas e quanto ao paradoxo do tempo? — Eu já vira vários

filmes e programas de TV de ficção científica e sabia tudo sobre os problemas associados à teoria da viagem no tempo.

— Não há paradoxo — disse Evanna. — O universo conserva a ordem natural. Os eventos-chave do passado não podem ser mudados... apenas as pessoas envolvidas.

— Hã?

— Uma vez que algo importante acontece no presente, isso nunca pode ser mudado... o universo, para dar um nome à força superior, decide o que é importante ou não — explicou Evanna. — Mas você pode alterar as pessoas envolvidas. Por exemplo, agora que tudo aconteceu, você não pode viajar para o passado e evitar a Segunda Guerra Mundial... mas *poderia* voltar e matar Adolf Hitler. O universo criaria imediatamente outra pessoa para substituí-lo. Tal

pessoa nasceria como qualquer pessoa normal, cresceria e depois faria o que Hitler fez, obtendo exatamente os mesmos resultados. O nome mudaria, mas nada além disso.

— Mas Hitler foi um monstro — afirmei. — Ele assassinou milhões de pessoas. Você está querendo dizer que, se o Sr. Tino voltasse no tempo e o matasse, algum sujeito inocente tomaria o seu lugar? Todas aquelas pessoas ainda assim morreriam?

— Sim — respondeu Evanna.

— Mas então tal pessoa não teria escolhido o seu destino — falei, franzindo a testa. — Ela não seria responsável por suas atitudes.

Evanna torceu o nariz.

— O universo teria que criar uma criança com potencial para a perversidade... um bom homem não pode ser forçado a fazer o

mal... mas uma vez que o fizesse, sim, tal pessoa se tornaria uma vítima do destino. Isso não acontece com frequência. Nosso pai só substitui personagens importantes do passado de vez em quando. A maior parte das pessoas tem livre-arbítrio. Mas *há* umas poucas que não.

— Seria eu uma delas? — perguntei calmamente, temendo pela resposta.

— Definitivamente não — respondeu Evanna, sorrindo. — Seu tempo é o presente, e você é uma criação original. Embora fosse manipulado pelo nosso pai desde o nascimento, a trilha que percorreu não havia sido traçada por ninguém antes de você.

Evanna pensou por alguns segundos, depois tentou explicar a situação de um jeito que eu pudesse entender com mais facilidade.

— Embora o nosso pai não possa mudar os eventos do passado, ele pode fazer algumas pequenas alterações — disse ela. — Se algo acontece no presente que não é do seu agrado, ele pode voltar ao passado e criar uma série de eventos destinados a solucionar o que o estiver incomodando. Foi assim que os vampiros acabaram ficando tão numerosos e poderosos.

— O Sr. Tino criou os vampiros? — gritei. Imaginava-se que ele havia nos feito, mas eu jamais acreditara nisso.

— Não — disse Evanna. — Os vampiros vieram a ser o que são devido ao seu próprio esforço. Mas nunca houve muitos deles. Sempre foram fracos e desorganizados. Então, no meio do século XX, nosso pai chegou à conclusão de que a raça humana estava dando um passo rumo à paz e à

unidade. Por não gostar disso, ele viajou ao passado e por duas décadas valeu-se de diferentes estratégias para debilitar a humanidade. No fim das contas, ele decidiu pelos vampiros. Deu-lhes mais força e velocidade, a capacidade de voar e partilhar seus pensamentos... todas as habilidades sobrenaturais que você conhece. Ele também lhes deu líderes que os moldariam e os transformariam num exército.

A bruxa fez uma pausa antes de prosseguir:

— Mesmo o clã tendo se tornado tão poderoso, nosso pai garantiu que ele não seria uma ameaça para os humanos. Originalmente, os vampiros podiam sair de dia... Desmond Tino os tornou prisioneiros da noite e lhes roubou o dom de gerar vida. Cuidadosamente algemados e mantidos

assim, os vampiros tinham que viver separados do mundo dos homens e permanecer nas sombras. Como não mudaram nada importante na história humana, o universo os deixou existir, e eles acabaram se tornando parte do presente... foi quando o nosso pai ficou livre para usá-los do jeito que quisesse.

— E o presente era o meu tempo? — perguntei.

— Sim — disse Evanna. — O tempo passa na mesma razão, estando o nosso pai no passado, no presente ou no futuro. Por isso, como ele passou quase vinte anos preso no passado, tentando encontrar uma maneira de derrubar a humanidade, isso só se deu no final do século XX, quando retornou ao presente.

— E porque os vampiros eram agora parte desse presente — afirmei, enquanto

minha cabeça doía tentando absorver toda essa informação que me deixava perplexo — eles estariam livres para influenciar o futuro?

— Correto. Mas o nosso pai viu então que o clã não lançaria um ataque sobre a humanidade se dependesse apenas de sua própria vontade... eles se contentariam em não se envolver com as questões dos homens. Por isso ele voltou novamente... só por alguns meses dessa vez... e engendrou a separação dos vampixiitas. Ao plantar então a lenda do Senhor dos Vampixiitas, ele os pôs em conflito com os vampiros.

— E isso levou à Guerra das Cicatrizes e, consequentemente, à derrocada da humanidade — resmunguei, enojado ao pensar na terrível astúcia do baixinho.

— Bem — disse Evanna, sorrindo —,

esse era o plano.

— Você quer dizer... — comecei a falar, excitado, sentindo um fiapo de esperança em seu sorriso.

— Quieto — Evanna me conteve. — Revelarei tudo no tempo certo. Mas agora é chegada a hora de seguirmos em frente. — Ela apontou para onde o sol se punha no horizonte. — As noites são mais frias nesta época do que na sua. Estaremos mais seguros sob a terra. Além do mais — disse ela enquanto se levantava —, temos um compromisso em vista.

— Com quem? — perguntei.

Ela me encarou com firmeza.

— Com o nosso pai.

CAPÍTULO QUINZE

O Sr. Tino era a última pessoa no mundo — em todos os tempos! — que eu queria ver. Discuti ardentemente com Evanna, querendo saber por que eu devia me apresentar a ele, ou o que isso traria para mim. Eu odiava e temia o intrometido mais do que nunca agora que sabia tanto sobre ele.

— Quero estar no lado oposto do mundo de onde quer que ele esteja! — gritei. — Ou em outro universo, se possível!

— Entendo — disse Evanna —, mas, não obstante, temos que ir até onde ele está.

— Ele a está forçando a fazer isso? — perguntei. — Foi ele que ordenou que eu fosse puxado para fora do Lago? Ele está fazendo com que você me leve para que possa bagunçar com a minha vida novamente?

— Você descobrirá quando o encontrar — disse Evanna friamente, e como eu não tinha nenhuma opção a não ser segui-la (ela poderia me devolver ao Lago caso desobedecesse), finalmente, resmungando com muita raiva, a segui, relutante, enquanto rumava à aridez do deserto.

Enquanto deixávamos o calor do fogo, o dragão bateu suas asas e rumou aos céus. Eu o vi se juntar ao bando distante de dragões acima de mim e depois perdi o seu rastro.

Quando olhei novamente para Evanna, a vi ainda voltada para o céu, admirada.

— Gostaria que pudéssemos ir voando — disse ela, parecendo estar curiosamente triste.

— Sobre o dragão? — perguntei.

— Sim. Sempre tive vontade de voar num dragão.

— Eu poderia chamá-lo de volta — sugeri.

Ela balançou a cabeça rapidamente.

— Não é hora para isso. E há muitos deles. Os outros nos veriam em suas costas e atacariam. Não creio que você poderia ser capaz de controlar tantos deles, não sem muita prática. Eu posso disfarçar a nossa presença aqui embaixo, mas não teria como fazê-lo lá em cima.

Enquanto continuávamos a caminhar,

olhei em volta e para trás, e meus olhos se fixaram nos Pequeninos que permaneciam imóveis perto do Lago.

— Por que aquele grupo está ali? — perguntei.

— É nesta era que o nosso pai pesca as almas dos mortos para criar os seus Pequeninos — disse Evanna, sem olhar para trás ou diminuir o passo. — Ele poderia tirá-las de qualquer época, mas é mais fácil dessa maneira, quando não há ninguém para interferir. Ele deixa um grupinho de ajudantes aqui, para pescarem quando ordenar. — Ela me encarou. — Ele poderia tê-lo resgatado muito antes. No presente, só dois anos se passaram. Ele tinha o poder de removê-lo do Lago então, mas queria puni-lo. O seu sacrifício estragou os planos dele. Tino o odeia por isso, muito embora você seja seu filho.

Foi por isso que ele me mandou para o futuro, a tempo de ajudá-lo. Neste futuro, a sua alma já sofreu por incontáveis gerações. Ele queria que você sentisse a dor do aprisionamento quase eterno e, quem sabe, enlouquecesse com isso, para que não pudesse ser salvo.

— Que ótimo — resmunguei, sarcástico. Então, meus olhos se apertaram. — Se é assim que ele se sente, por que me resgatar no fim das contas?

— Isso logo ficará claro — disse Evanna.

Nós nos afastamos bastante do Lago. O ar estava ficando frio à nossa volta enquanto o sol se punha. Evanna procurava por um ponto específico, parando a toda hora para examinar o solo, e depois seguir em frente. Finalmente ela encontrou o que buscava. Ela parou, se ajoelhou e soprou suavemente

sobre a terra empoeirada. Ouvi um estrondo e logo o chão se separou aos nossos pés e a boca de um túnel se abriu. Só dava para enxergar alguns metros de sua extensão, mas eu pressentia o perigo.

— Não me diga que teremos que descer aí — murmurei.

— Este é o caminho para a fortaleza de nosso pai.

— É escuro. — Eu estava paralisado.

— Providenciarei a luz — prometeu ela, e logo vi que suas duas mãos brilhavam suavemente, projetando uma luz branca e opaca alguns metros à sua frente. Ela me encarou seriamente. — Fique ao meu lado lá embaixo. Não se desgarre.

— O Sr. Tino virá me pegar se eu o fizer? — perguntei.

— Acredite ou não, há monstros piores

do que o nosso pai. Passaremos perto de alguns deles. Se colocarem as mãos em você, o seu milênio de tormentos no Lago das Almas parecerá uma hora agradável passada numa praia.

Duvidei daquilo, mas a ameaça teve força suficiente para garantir que eu ficasse colado na bruxa, enquanto ela descia pelo túnel. Ele se inclinava num ângulo constante de trinta graus. O chão e as paredes eram lisos e feitos do que parecia ser uma rocha maciça. Mas havia figuras se movendo dentro da rocha, retorcidas, inumanas, alongadas; todas elas sombras, garras, dentes e cachos. As paredes se projetavam para fora enquanto passávamos — as *coisas* presas dentro da pedra estavam tentando nos pegar. Mas nenhuma delas conseguia abrir caminho.

— O que são elas? — perguntei em voz baixa, suando de medo, devido ao calor seco do túnel.

— Criaturas do caos universal — respondeu Evanna. — Já comentei antes sobre elas para você... são os monstros dos quais eu falei. São parentes do nosso pai, embora ele não seja tão poderoso quanto eles. Estão aprisionados por conta de uma série de leis temporais e espaciais... as leis do universo que regem a minha vida e a do nosso pai. Se um dia desobedecermos tais leis, essas criaturas serão liberadas. E transformarão o universo num inferno com a sua marca. Tudo cairá sob sua força esmagadora. Eles invadirão cada zona temporal e torturarão cada ser mortal que já nasceu... para sempre.

— Foi por isso que você ficou furiosa quando descobriu que eu era filho do Sr.

Tino. Você achou que ele havia desobedecido as leis.

— Sim. Eu estava errada, mas foi uma coisa bem articulada. Duvidava que até mesmo ele estivesse certo do sucesso de seu plano. Quando ele gerou Hibérnio e eu, nós conhecíamos as leis e as obedecíamos. Se ele estivesse errado em relação a você... se tivesse lhe dado mais poder do que devia... você poderia ter desrespeitado as leis sem saber e trazido a ruína a tudo que conhecemos e amamos. — Ela olhou para trás na minha direção e sorriu. — Aposto que você nunca poderia imaginar que era tão importante para o mundo.

— Não — respondi, enojado. — E nunca quis ser.

— Não se preocupe — disse ela, suavizando o sorriso. — Você tirou a si próprio da

linha de fogo quando deixou Lucas matá-lo. Você fez o que Hibérnio e eu jamais pensamos que fosse possível... mudou o que parecia ser um futuro inevitável.

— Você está dizendo que eu evitei a chegada do Senhor das Sombras? — perguntei ansiosamente. — Foi por isso que eu deixei que ele me matasse. Era a única maneira que eu via de poder evitar isso. Não queria ser um monstro. Não conseguia suportar a ideia de destruir o mundo. O Sr. Tino disse que um dos dois teria que ser o Senhor das Sombras. Mas, pensei, se ambos estivéssemos mortos...

— Você pensou certo — disse Evanna. — Nosso pai havia delimitado o mundo a um ponto onde só havia dois futuros. Quando você matou Lucas *e* se sacrificou, dezenas de futuros possíveis se abriram novamente. Eu

não poderia ter feito isso... teria desobedecido as leis se tivesse interferido... mas, como humano, você tinha todas as condições.

— Então o que aconteceu desde que morri? — perguntei. — Você disse que dois anos se passaram. Os vampiros derrotaram os vampixiitas e venceram a Guerra das Cicatrizes?

— Não — disse a bruxa, franzindo os lábios. — A guerra ainda nos assola. Mas há um fim à vista... um final que não é nem um pouco do gosto do nosso pai. Líderes persuasivos estão se esforçando para obter a paz, Vancha e Harkat Mulds do lado dos vampiros, e Gannen Harst, dos vampixiitas. Eles vêm conversando sobre um pacto, discutindo as diretrizes que permitirão que os dois lados vivam como um só. Há outras

facções lutando contra isso... há muitos em ambos os clãs que não desejam a paz... mas as vozes da razão estão vencendo.

— Então deu certo! — suspirei. — Se os vampiros e os vampixiitas fizerem as pazes, o mundo será salvo!

— Talvez — hesitou Evanna. — A coisa não está tão bem definida assim. Quando eram liderados por Lucas, os vampixiitas fizeram contato com líderes políticos e militares humanos. Eles lhes prometeram vidas longas e poder em troca de sua ajuda. Eles queriam dar início a uma guerra química e nuclear, com o objetivo de fazer o mundo e seus sobreviventes ficarem sob seu controle direto. Isso ainda pode acontecer.

— Então temos que detê-los! — gritei. — Não podemos deixar...

— Calma — Evanna me silenciou. —

Estamos tentando impedir que isso aconteça. É por isso que estou aqui. Não posso interferir muito profundamente nas questões da humanidade, mas posso fazer mais agora do que antes, e suas atitudes me convenceram de que eu *devia* interferir. Hibérnio e eu sempre permanecemos neutros. Não nos envolvíamos nas questões dos mortais. Hibérnio até que gostaria, mas eu argumentei contra, temendo que pudéssemos desobedecer as leis e libertar os monstros. — Ela suspirou. — Eu estava errada. É necessário correr riscos de vez em quando. Nosso pai correu riscos em sua tentativa de provocar destruição... e agora eu tenho que correr outros numa tentativa de garantir a paz.

— Do que você está falando? — perguntei, franzindo a testa.

— A humanidade tem se desenvolvido. Ela possui um destino próprio, um crescimento rumo a algo maravilhoso, que nosso pai pretende destruir. Ele usou os vampiros e os vampixiitas para tirar a humanidade dos eixos, reduzir as cidades do mundo a entulho e arrastar os humanos novamente para as eras negras, de modo que pudesse controlá-los novamente. Mas seu plano falhou. Os clãs da noite agora buscam se unir e viver isolados da raça humana, escondidos, sem causar nenhum mal, assim como fizeram no passado.

Evanna respirou fundo antes de prosseguir:

— Pelo fato de os vampiros e vampixiitas terem se tornado parte do presente, nosso pai não pôde destruí-los. Ele poderia voltar no passado e criar outra raça para combatê-

los, mas isso seria difícil e consumiria muito tempo. O tempo, para variar, está contra ele. Se ele não conseguir dividir os clãs até o ano que vem, mais ou menos, é improvável que consiga promover a queda da humanidade pela qual tanto ansiava. Ele pode vir a, e sem dúvida irá, maquinar alguma coisa nova no futuro e buscar alguma outra maneira de desuni-los, mas, por enquanto, o mundo estará seguro.

Evanna fez uma pausa. Suas mãos estavam voltadas para o seu rosto, iluminando suas feições. Nunca a vira tão pensativa.

— Você se lembra da história de como eu fui criada? — perguntou ela.

— É claro — respondi. — Um vampiro, Corza Jarn, queria que os vampiros ganhassem a capacidade de procriar. Ele importunou o Sr. Tino até este concordar em

atender ao seu pedido, e ao misturar o sangue de Corza Jarn com o de uma mulher-lobo grávida e usar sua mágica sobre ela, ele gerou você e o Sr. Altão.

— Esse não foi o único motivo que ele teve para nos criar — disse Evanna —, mas foi importante. Eu posso parir o filho de um vampiro ou de um vampixiita, e eles por sua vez podem ter seus próprios filhos. Mas quaisquer filhos meus serão diferentes dos seus pais. Eles terão alguns dos meus poderes (não todos) e poderão andar por aí de dia. A luz do sol não os matará.

Ela olhou para mim atentamente.

— Uma nova espécie de criatura, uma raça avançada de vampiro ou vampixiita. Se eu desse à luz tal criança agora, isso dividiria os clãs. Os fomentadores de guerra de ambos os lados usariam as crianças para incitar

novas visões e violência. Por exemplo, se eu tivesse um filho de um pai vampiro, os seus iguais que fossem contrários à paz iriam saudar a criança como um salvador e dizer que ele foi mandado para ajudá-los a liquidar os vampixiitas. Mesmo se os vampiros mais sábios prevalecessem e fizessem com que o ponto de vista dos desordeiros fosse depreciado, os vampixiitas teriam medo da criança e suspeitariam dos planos a longo prazo do clã dos vampiros. Como eles poderiam discutir acordos de paz sabendo que agora eram inferiores aos vampiros, correndo risco para sempre?

Evanna parou de falar por um breve instante e logo prosseguiu:

— A Guerra das Cicatrizes promete terminar porque ambos os lados estão vendo que ela pode durar para sempre. Quando o

Senhor dos Vampixiitas e os caçadores vampiros estavam ativos, todo mundo sabia que a guerra teria um final determinado. Agora que você e Lucas estão mortos, ela pode nunca mais terminar, e nem vampiros e vampixiitas querem isso. Por isso estão dispostos a falar sobre paz. Mas os meus filhos poderiam mudar tudo. Com a promessa renovada de vitória... tanto para os vampiros como para os vampixiitas, dependendo de quem eu escolhesse para ser o pai dos meus garotos... a guerra continuaria. À medida que meus filhos crescessem... e cresceriam rapidamente, já que seriam criaturas com um certo grau de poderes mágicos... eles seriam criados no ódio e no medo. Em tempo eles se tornariam guerreiros e liderariam o seu clã à vitória sobre o outro... e o plano do nosso pai voltaria à tona, um pouco mais tarde do que

antecipado, mas por outro lado intacto.

— Então você não deve tê-los! — exclamei. — O Sr. Tino não pode obrigá-la, pode?

— Não diretamente. Ele tem me ameaçado e seduzido desde a noite em que você e Lucas morreram. Mas ele não tem o poder para me forçar a conceber.

— Então tudo bem — afirmei, sorrindo timidamente. — Você não terá nenhum filho e isso será tudo.

— Mas eu terei — disse Evanna, baixando as mãos de modo que elas brilhassem sobre sua barriga. — De fato, já estou grávida.

— *O quê?* — explodi. — Mas você acabou de dizer...

— Eu sei.

— Mas e se você...

— Eu sei.

— Mas...

— Darren! — vociferou ela. — Eu. Sei.

— Então por que fazer isso? — gritei.

Evanna parou para explicar. Assim que ela fez uma pausa, as figuras nas paredes começaram a tentar se aproximar mais de nós, sibilando e rugindo, com garras e trepadeiras se estendendo e expandindo a superfície da rocha. Evanna viu a cena e andou para a frente a passos largos novamente, falando enquanto caminhava:

— Pedi para que Desmond libertasse o seu espírito. A culpa o levou para o Lago das Almas e o manteria lá eternamente... não há fuga natural do Lago dos condenados. Mas o resgate é possível. As almas podem ser pescadas. Sabendo que você era o meu meio-irmão, sentia-me compelida pela honra a

libertá-lo.

— E quanto a Lucas? — perguntei. — Ele também era seu meio-irmão.

— Lucas merece o seu aprisionamento. — Seu olhar era firme. — Sinto pena dele, já que, até certo ponto, ele foi uma vítima das interferências de nosso pai. Mas o mal que havia em Lucas foi, fundamentalmente, algo que ele mesmo desenvolveu. Ele escolheu o seu caminho e agora deve sofrer as consequências. Mas você tentou fazer o bem. Não era justo que apodrecesse no Lago das Almas, por isso roguei para que nosso pai ajudasse. — Ela deu uma risada. — Não é necessário dizer que ele se recusou — concluiu Evanna antes de prosseguir:

— Ele veio a mim há alguns meses. Percebeu que seus planos estavam começando a ir por água abaixo e me viu como sua única

solução. Papai havia passado grande parte do tempo desde a sua morte tentando me convencer a ter filhos, obtendo o mesmo sucesso que eu tive tentando fazer com que ele o libertasse. Mas desta vez ele fez uma nova tentativa. Disse que podíamos nos ajudar um ao outro. Se eu tivesse um filho, ele libertaria a sua alma.

— Você concordou com isso? — perguntei, enfurecido. — Você vendeu o mundo só para me ajudar?

— É claro que não — resmungou a bruxa.

— Mas você disse que estava grávida.

— E estou. — Ela olhou novamente para mim e sorriu timidamente. — Meu primeiro pensamento foi rejeitar a oferta de nosso pai. Mas então vi uma maneira de usá-la em nossa vantagem. Ainda não existem

garantias de que venha a haver um acordo pacífico entre os vampiros e os vampixiitas. Ele parece promissor, mas não é de jeito nenhum algo certo de acontecer. Se as conversas não derem certo, essa guerra pode continuar, e isso vai operar a favor do nosso pai. Ele teria tempo para voltar ao passado e criar um novo líder, alguém que pudesse ocupar o espaço deixado por Lucas. Estava pensando nisso quando Desmond me fez sua sugestão. Lembrei-me de como você o logrou e pensei no que faria se estivesse na minha situação. Então, num estalo, vi tudo.

Evanna fez uma pausa antes de prosseguir:

— Aceitei sua proposta, mas lhe disse que não estava certa se queria um filho vampiro ou vampixiita. Ele disse que isso não importava. Perguntei se poderia escolher. Ele

respondeu que sim. Por isso passei algum tempo com Gannen Harst e depois com Vancha March. Quando voltei para ver meu pai, falei que havia feito minha escolha e estava grávida. Ele ficou tão feliz que nem reclamou quando me recusei a revelar quem era o pai... apenas armou tudo rapidamente para que eu fosse enviada até aqui para libertar você, de modo que pudéssemos seguir em frente sem nenhuma outra interrupção.

Ela parou de falar e esfregou a barriga com as mãos. Ainda dava aquele sorriso estranho e tímido.

— Então de quem é? — perguntei. Não via que diferença isso fazia, mas estava curioso para saber a resposta.

— De ambos. Terei gêmeos... um de Vancha e um de Gannen.

— Uma criança vampira e uma criança

vampixiita! — gritei, espantado.

— Mais do que isso — disse Evanna. — Permiti que as três linhagens se misturassem. Cada criança é um terço vampiro, um terço vampixiita e um terço como eu. Foi assim que o enganei. Ele achava que qualquer bebê meu dividiria os clãs, mas, em vez disso, os unirá ainda mais. Meus filhos, quando estiverem prontos, procriarão com outros vampiros e vampixiitas, para dar origem a um novo clã multirracial. Todas as cisões serão eliminadas e, finalmente, esquecidas. Criaremos a paz, Darren, apesar dos anseios de nosso pai. Foi isso que você me ensinou... não temos que aceitar o destino *ou* Des Tino. Podemos criar o nosso próprio futuro, todos nós. Temos o poder de comandar nossas vidas... só precisamos optar por usá-lo. Você optou quando sacrificou a sua vida.

E agora eu também fiz a minha escolha... a de conceder o dom da vida. Só o tempo dirá a que nossas escolhas vão levar, mas estou certa de que, seja lá que futuro ajudarmos a prenunciar, ele terá que ser melhor do que aquele que nosso pai planejou.

— Amém! — murmurei, para depois segui-la em silêncio enquanto cruzava o túnel, pensando no futuro e em todas as surpresas e reviravoltas que ele poderia conter. Minha cabeça parecia zunir com tantos pensamentos e ideias. Eu estava tendo que levar em conta tanta coisa, tão rapidamente, que me senti dominado por tudo aquilo, sem saber o que fazer. Mas havia uma coisa da qual eu tinha absoluta certeza... quando o Sr. Tino descobrisse o que havia por trás dos bebês de Evanna, ele literalmente explodiria de raiva!

Pensando nisso e na cara pequena e sórdida do intrometido quando soubesse das novidades, explodi em gargalhadas. Evanna riu também, e a risada ficou conosco ao longo de eras a fio, seguindo-nos pelo túnel como uma revoada de pássaros cacarejantes, agindo quase como um encanto de proteção contra o amontoado de monstros presos atrás das paredes, que não paravam de se mexer e estender seus braços.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Cerca de uma hora mais tarde o túnel terminou e entramos no lar de Desmond Tino. Jamais pensei que ele pudesse ter algo parecido com um lar. Supunha, simplesmente, que ele vagava pelo mundo, estava sempre em movimento, em busca de carnificina e caos. Mas, agora que pensava no assunto, concluí que todo monstro precisa de uma toca para chamar de sua, e a do Sr. Tino tinha que ser a mais estranha de todas.

Era uma enorme — e bota ENORME nisso — caverna, talvez com uns três quilômetros ou mais de extensão, que se estendia para além do que eu poderia supor. Grande parte da caverna era natural, estalagmites e estalactites, quedas d'água, cores e formações rochosas lindas e estranhas. Mas uma boa parte dela ia incrivelmente de encontro à ordem natural.

Havia carros enormes e antigos — de décadas que eu imaginava que fossem de 1920 ou de 1930 — flutuando no ar. Primeiro eu achei que eles estivessem presos ao teto por fios, mas estavam em movimento constante, circulando, percorrendo vias, até mesmo traçando espirais como se fossem aviões, e não havia um fio sequer à vista.

Havia manequins por toda parte, usando roupas de todos os séculos e

continentes, desde a tanga mais primitiva até os acessórios da moda mais modernos e exorbitantes. Seus olhares vazios me deixavam inquieto — eu tinha a impressão de que eles estavam me observando, prontos para ganhar vida ao comando do Sr. Tino e que pulariam sobre mim.

Havia obras de arte e esculturas, algumas tão famosas que até mesmo um bitolado como eu as reconheceria — a *Mona Lisa*, *O Pensador*, *A Última Ceia*. Misturados com elas, expostos como se estivessem numa exposição, havia dezenas de cérebros preservados em frascos de vidro. Li algumas das etiquetas — Beethoven, Mozart, Wagner, Mahler. (Essa última fez com que eu desse um pulo — eu estudara numa escola cujo nome foi inspirado em Mahler!)

— Nosso pai ama a música — sussurrou

Evanna. — Ao passo que os humanos colecionam partituras ou discos para seus fonógrafos (ela obviamente ainda não ouvira falar em CDs!), ele coleciona os cérebros dos compositores. Ao tocá-los ele pode ouvir todas as músicas que eles compuseram, além de outras que jamais finalizaram ou compartilharam com o mundo.

— Mas onde é que ele os consegue? — perguntei.

— Ele viaja ao passado, no momento em que eles acabaram de falecer, e os rouba de seus túmulos — disse ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Pensei em questionar o certo e o errado desse tipo de atitude, mas havia questões mais importantes com as quais eu tinha que lidar, por isso deixei para lá.

— Ele gosta de arte também, entendi —

afirmei, acenando com a cabeça para um Van Gogh florido.

— Imensamente — disse Evanna. — Esses aqui são, obviamente, originais… ele não liga para cópias.

— Que bobagem! — bufei. — Não podem ser reais. Já vi algumas das pinturas verdadeiras. Mamãe e papai (eu ainda tinha o meu pai humano como o verdadeiro, e sempre teria) já me levaram para ver a *Mona Lisa* no Lou uma vez.

— No Louvre — corrigiu-me Evanna. — Aquela é uma cópia.

Alguns dos Pequeninos de nosso pai são criados a partir de almas de artistas. Eles fazem cópias perfeitas de obras que ele admira especialmente. Depois, ele volta ao passado e troca a cópia pelo original. Na maior parte dos casos, nem mesmo o próprio

artista consegue ver a diferença.

— Você está me dizendo que a *Mona Lisa* que está em Paris é falsa? — perguntei, cético.

— Sim. — Evanna riu da minha cara. — Nosso pai é um homem egoísta. Ele sempre fica com o melhor. O que ele quer, ele pega... e normalmente quer o melhor de tudo. Exceto livros.

— Sua voz ficou mais aguda, como havia ficado antes quando estava falando sobre a sua atitude em relação aos livros. — Desmond nunca lê ficção. Não coleciona livros e nem presta atenção nos autores. Homero, Chaucer, Shakespeare, Dickens, Tolstoi, Twain... todos passaram por ele despercebidos. Ele não se importa com o que eles têm para dizer. Não tem nada a ver com o mundo da literatura. É como se ele existisse num

universo separado do seu.

Mais uma vez eu não entendia por que ela estava me contando isso, então deixei meu interesse vagar. Nunca fora um grande fã das artes, mas até mesmo eu fiquei impressionado com aquela exposição. Era a coleção definitiva, que reunia a maior parte de toda a maravilha e a imaginação artística da humanidade produzida, jamais reunida pela magia.

Havia muito mais para qualquer pessoa absorver. Armas, joias, brinquedos, ferramentas, álbuns de selos, garrafas de vinho antigas, ovos Fabergé[2], relógios do tempo do vovô, jogos de mobília, tronos de reis e rainhas. Grande parte de tudo aquilo era muito precioso, mas havia vários itens sem valor também, coisas que tinham simplesmente chamado a atenção do Sr. Tino, como

tampas de garrafa, recipientes de vidro com formatos estranhos, relógios digitais, uma coleção de barris de sorvete vazios, milhares de apitos, centenas de milhares de moedas (velhas misturadas com novas), e daí por diante. A caverna do tesouro em *Aladim* mais parecia um saldão em comparação com aquilo.

Muito embora a caverna estivesse repleta de todos os tipos de maravilhas e esquisitices, ela não parecia desordenada. Havia bastante espaço para que se pudesse caminhar e explorá-la. Seguimos em meio às várias coleções e artefatos. Evanna parava de vez em quando para apontar na direção de uma peça particularmente interessante — a estaca chamuscada na qual Joana d'Arc foi queimada, a pistola que foi usada para atirar em Lincoln, a primeira de todas as rodas.

— Os historiadores enlouqueceriam com este lugar — assinalei. — Será que o Sr. Tino traz alguém aqui de vez em quando?

— Quase nunca — disse a feiticeira. — Este é o seu santuário particular. Eu mesma só vim aqui um punhado de vezes. As exceções são aqueles que ele tira do Lago das Almas. Ele tem que trazê-los até aqui para transformá-los em Pequeninos.

Parei quando ela disse aquilo. Tive uma súbita premonição.

— Evanna... — comecei, mas ela balançou a cabeça.

— Não faça mais perguntas. Desmond lhe explicará o resto. Agora não vai demorar muito.

Minutos depois, chegamos ao que parecia ser o centro da caverna. Havia um pequeno tanque de líquido verde, uma pilha

de mantos azuis e, em pé ao lado deles, o Sr. Tino. Ele me encarava com amargura por trás das lentes grossas dos seus óculos.

— Olha só — disse ele, com a fala arrastada e os polegares enganchados no cinto. — Se não é o jovem mártir em carne e osso. Encontrou alguém interessante no Lago das Almas?

— Ignore-o — disse Evanna com o canto da boca.

O Sr. Tino veio para a frente com seu andar gingado e característico e parou a alguns metros de mim. Seus olhos pareciam dançar como fogo a essa distância.

— Se eu soubesse o quanto você iria me aborrecer, jamais o teria gerado — afirmou, sibilante.

— Agora é tarde demais — zombei.

— Não é não. Eu poderia voltar atrás e

apagá-lo do passado, fazer com que você nunca tivesse vivido. O universo o substituiria. Uma outra pessoa se tornaria o Príncipe Vampiro mais jovem que já existiu, sairia à caça do Senhor dos Vampixiitas etc... mas *você* jamais teria existido. Sua alma não teria simplesmente sido destruída... seria completamente desfeita.

— Pai — disse Evanna preventivamente —, você sabe que não vai fazer isso.

— Mas poderia! — insistiu o Sr. Tino.

— Sim — retrucou ela, com ar de desaprovação —, mas não vai. Temos um acordo. Eu fiz a minha parte. Agora é a sua vez.

O Sr. Tino murmurou algo desagradável, depois forçou um sorriso falso.

— Muito bem. Sou um homem de palavra. Vamos prosseguir com isso. Darren, meu rapaz acabrunhado, livre-se desse cobertor e

pule no tanque. — Ele acenou na direção do líquido verde com a cabeça.

— Por quê? — perguntei formalmente.

— É hora de remodelá-lo.

Alguns minutos antes, eu não saberia do que ele estava falando. Mas o palpite de Evanna havia me preparado para isso.

— Você quer me transformar num Pequenino, não é?

Os lábios do Sr. Tino se contraíram. Ele se voltou para Evanna, mas ela encolheu os ombros inocentemente.

— E não é que você está me saindo um pequeno sabichão? — ofendeu-se ele, chateado pelo fato de eu ter estragado sua grande surpresa.

— Como isso funciona? — perguntei.

O Sr. Tino andou até o tanque e se agachou ao seu lado.

— Esta é a sopa da criação — disse ele, enquanto passava o dedo no líquido grosso e verde. — Ela se tornará o seu sangue, o combustível que fará o seu novo corpo funcionar. Seus ossos ficarão à mostra assim que você entrar. Sua carne, cérebro, órgãos e alma serão dissolvidos. Terei que misturar tudo e construir um novo corpo a partir dessa confusão. — Ele sorriu. — Aqueles que já passaram por isso me dizem que se trata de um procedimento dos mais apavorantes e dolorosos, o pior que já experimentaram.

— O que o faz pensar que vou me submeter a isso? — perguntei com firmeza. — Já vi como os Pequeninos vivem, negligentes, mudos, incapazes de se lembrarem de suas identidades originais, escravos de seus caprichos, comendo a carne de animais mortos... até mesmo de humanos! Por que

deveria ficar sob o seu encanto dessa forma?

— Não haverá acordo entre minha filha e eu, se você não o fizer — disse o Sr. Tino, simplesmente.

Balancei a cabeça teimosamente. Sabia que Evanna estava tentando ser mais esperta do que o Sr. Tino, mas não entendia por que isso era necessário. Como eu poderia promover a paz entre vampiros e vampixiitas sofrendo tamanha dor e me tornando um Pequenino? Isso não fazia sentido.

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, Evanna disse delicadamente:

— Isso é para *você,* Darren. Não tem nada a ver com o que está acontecendo no presente ou com a Guerra das Cicatrizes. É a sua única esperança de se safar da influência do Lago das Almas e de ir para o Paraíso. Poderá viver uma vida completa do jeito que

está neste mundo devastado e retornar ao Lago quando morrer. Ou pode confiar em nós e se pôr nas mãos de nosso pai.

— Confio em *você* — falei, dirigindo-me para Evanna, enquanto lançava um olhar malicioso na direção do Sr. Tino.

— Oh, meu rapaz, se você soubesse o quanto isso me dói — disse o Sr. Tino, desgraçadamente, para depois dar uma gargalhada. — Chega de perder tempo. Ou você faz isso ou não faz. Mas preste atenção, filha... ao fazer a oferta, cumpri a minha parte do acordo. Se o garoto se recusar a aceitar o seu conselho, que ele se dane. Espero que você mantenha a sua palavra.

Evanna me olhou com um ar inquisidor, sem colocar qualquer pressão sobre mim. Finalmente pensei na questão. Odiava a ideia de me tornar um Pequenino. Não era tanto a

dor de deixar que o Sr. Tino se tornasse o meu mestre. E se Evanna estivesse mentindo? Eu dissera que confiava na bruxa, mas, pensando melhor, percebi que havia poucos motivos para confiar nela.

Evanna nunca traíra seu pai anteriormente ou trabalhara para o bem de qualquer indivíduo. Por que começar agora? E se isso fosse um esquema perverso montado para me enganar e ela estivesse mancomunada com o Sr. Tino, ou tivesse sido enganada para fazer o que ele queria? Tudo aquilo cheirava à armadilha.

Mas que outra opção eu tinha? Deixar Evanna de lado, recusar-me a entrar no tanque, me afastar? Mesmo supondo que o Sr. Tino me deixasse sair e os monstros no túnel não me pegassem, o que eu poderia esperar? Uma vida num mundo cheio de

dragões, seguido pela eternidade no Lago das Almas, não era o meu conceito de uma boa vida! No fim das contas, decidi que era melhor me arriscar e esperar pelo melhor.

— OK — falei, relutante. — Mas há uma condição.

— Você não está em posição de estabelecer condições — resmungou o Sr. Tino.

— Talvez não — concordei —, mas vou estabelecer uma assim mesmo. Só o farei se você me garantir uma memória livre. Não quero acabar como Harkat, sem saber quem eu sou, obedecendo às suas ordens por não possuir vontade própria. Não estou certo do que você está planejando para mim assim que me tornar um Pequenino, mas se isso envolver servir como um dos seus escravos avoados...

— Isso não vai acontecer — disse o Sr.

Tino, me interrompendo. — Admito que gosto bastante da ideia de ter você me bajulando por alguns milhões de anos ou coisa parecida, mas minha filha foi bastante precisa quando entramos em acordo. Você não terá como falar, mas essa será sua única restrição.

— Por que não poderei falar? — perguntei, franzindo a testa.

— Porque não aguento mais ouvir você! — vociferou o Sr. Tino. — Além do mais, você não precisará falar. A maior parte dos meus Pequeninos não é capaz disso. A mudez nunca lhes causou nenhum dano, assim como não causará a você.

— OK — murmurei. Não gostava daquilo, mas pude ver que não havia sentido em discutir. Andei até a beira do tanque e me livrei do cobertor com o qual os Pequeninos

me envolveram assim que saí do Lago das Almas. Olhei para o líquido verde-escuro. Não consegui ver meu reflexo em seu interior. — O quê... — comecei a perguntar.

— Não tenho tempo para perguntas! — resmungou o Sr. Tino e me cutucou com força com o cotovelo. Fiquei oscilando na beira do tanque por um instante, agitando os braços, e depois caí pesadamente no que parecia ser o fogo quente do inferno.

CAPÍTULO DEZESSETE

Agonia e queimação instantâneas. Minha carne borbulhou até desintegrar-se. Tentei gritar, mas os meus lábios e minha língua já haviam se soltado. Os meus olhos e as orelhas derreteram. Não havia outra sensação a não ser a dor.

O líquido descolou a carne dos meus ossos, depois começou a agir no tutano. Em seguida, ele queimou nos meus órgãos internos, até me consumir de dentro para fora.

No interior da minha cabeça, o meu cérebro chiava como manteiga na frigideira aquecida e derretia com a mesma rapidez. Meu braço esquerdo — que agora era só osso — se soltou do corpo e começou a flutuar para longe. Ele logo foi seguido pela perna direita. Até que eu fiquei inteiramente despedaçado, membros, órgãos chamuscados, tripas finas de carne, pedaços expostos de ossos. O que permanecia constante era a dor, que não havia diminuído nem um pouco.

No meio do meu sofrimento veio um momento de calma espiritual. Com o que aparentemente restava do meu cérebro, fiquei a par de uma separação. Havia uma outra presença no tanque comigo. A princípio fiquei confuso, mas depois percebi que era uma centelha da alma de Sam Grest, a qual carregava comigo desde que bebi seu

sangue na hora de sua morte. Sam fora para o Paraíso há muitos anos, e agora esta última fagulha de seu espírito também estava partindo deste mundo. No olho da minha mente, um rosto se formou no meio do líquido, jovem e despreocupado, sorrindo apesar do tormento, enfiando uma cebola em conserva na boca. Sam piscou para mim. Uma mão espectral fez uma saudação. Até que ele sumiu e eu estava, enfim, totalmente sozinho.

No fim das contas, a dor acabou. Eu havia me dissolvido completamente. Não havia sensores de dor sobrando para transmitir sensações, nem células cerebrais para reagir a eles. Uma paz estranha me invadiu. Eu e o tanque havíamos nos tornado um só. Meus átomos haviam se misturado com o líquido e os dois agora eram um só. Eu *era* o

líquido verde. Podia sentir os ossos ocos do meu corpo flutuando até caírem no fundo do tanque, onde se assentaram.

Algum tempo depois, mãos — do Sr. Tino — mergulharam no líquido. Ele sacudiu os dedos e um arrepio percorreu a lembrança da minha espinha. Ele pegou os ossos que estavam no fundo — certificando-se de que cada pedaço estava bem raspado — e os jogou no chão da caverna. Os ossos estavam cobertos de moléculas do líquido — as *minhas* moléculas — e através delas senti que o Sr. Tino estava colocando os ossos juntos, partindo-os em pequenos pedaços, derretendo alguns, dobrando ou retorcendo outros, criando uma estrutura totalmente diferente da minha forma anterior.

O Sr. Tino trabalhou no corpo durante horas. Quando todos os ossos estavam no

lugar, ele os abarrotou de órgãos — cérebro, coração, fígado, rins —, depois os cobriu com uma carne viscosa e cinzenta, a qual costurou para que os órgãos e os ossos ficassem no lugar. Eu não sabia ao certo de onde vieram os órgãos e a carne. Talvez ele os tenha criado, mas creio que o mais provável era que eles tivessem sido colhidos de outras criaturas — provavelmente seres humanos mortos.

O Sr. Tino terminou com os olhos. Dava para senti-lo conectando as órbitas com o meu cérebro. Seus dedos trabalhavam à velocidade da luz, com toda a precisão do maior cirurgião do mundo. Era uma tarefa executada de forma incrivelmente artística, esmero que até mesmo o Dr. Frankenstein teria se esforçado para igualar.

Assim que terminou com o corpo, ele

enfiou os dedos de volta no líquido do tanque. Os dedos estavam frios desta vez e foram esfriando a cada segundo. O líquido começou a se condensar, ficando mais grosso. Não havia dor. Era apenas estranho, como se eu estivesse me comprimindo por dentro.

Então, quando o líquido estava com uma fração do tamanho que tivera, com a textura de um milk-shake grosso, o Sr. Tino removeu suas mãos e tubos foram inseridos. Houve uma breve pausa, depois a sucção pelos tubos e me senti fluindo por dentro deles, para fora do tanque e dentro... do quê?... não eram tubos como aqueles que foram inseridos dentro do tanque, mas semelhantes...

É claro — *veias*! O Sr. Tino dissera-me que o líquido serviria como o meu combustível — meu sangue. Eu estava deixando

os limites do tanque para adentrar os limites carnais do meu novo corpo.

Eu me senti preenchendo as brechas, abrindo caminho através da rede de veias e artérias, fazendo um progresso lento, porém seguro.

Quando o líquido alcançou o cérebro e aos poucos foi penetrando em seu interior, absorvido pelas células frias e cinzentas, meus sentidos corporais despertaram. Em primeiro lugar, fiquei ciente das batidas do meu coração, mais lentas e pesadas do que antes. Um formigamento percorreu as minhas mãos e pés, depois subiu pela minha espinha recém-esculpida. Contraí meus dedos dos pés e das mãos. Movi levemente um dos braços. Balancei delicadamente uma das pernas. Os membros não respondiam tão rapidamente quanto os meus antigos, mas

talvez isso se devesse ao fato de eu ainda não estar acostumado com eles.

O som veio em seguida, um bramido desagradável a princípio, que foi morrendo aos poucos para permitir que os sons normais viessem à tona. Mas os sons não eram tão agudos quanto antes — como acontece com todos os Pequeninos, meus ouvidos foram costurados dentro da pele da minha cabeça. Logo depois da audição, comecei a enxergar as coisas de um jeito turvo, mas nada de olfato, sensação ou paladar, já que — mais uma vez, assim como todas as criações do Sr. Tino — eu fui criado sem nariz.

A minha visão foi melhorando à medida que mais e mais sangue era transferido para o meu novo cérebro. O mundo parecia diferente através desses olhos. Eu tinha um campo de visão mais amplo do que antes, já

que os meus olhos eram mais redondos e maiores. Eu podia ver mais, mas através de uma leve névoa verde, como se estivesse olhando através de um filtro.

A primeira coisa na qual minha visão se fixou foi no Sr. Tino, que ainda trabalhava em meu corpo, monitorando os tubos, dando os últimos pontos e testando os meus reflexos. Ele tinha a aparência de um pai amoroso e dedicado.

Em seguida vi Evanna, que estava prestando bastante atenção no que seu pai fazia, certificando-se de que ele não faria nenhum truque. Ela lhe passava agulhas e linha de vez em quando, como se fosse uma enfermeira. Sua expressão era uma mistura de suspeita e orgulho. Evanna conhecia todos os defeitos do Sr. Tino, mas ainda era sua filha, e eu agora podia ver que, apesar de seus

temores, ela o amava — de certa maneira.

Finalmente a transferência terminou. O Sr. Tino removeu os tubos — eles estavam fincados em toda parte, meus braços, pernas, torso, cabeça — e tapou os buracos, costurando-os. Ele me deu uma última olhada, consertou um ponto onde eu vazava, fez um delicado ajuste nos cantos dos meus olhos e checou o meu batimento cardíaco. Depois, recuou um passo e resmungou:

— Outra criação perfeita, mesmo sendo eu mesmo quem está dizendo.

— Sente-se, Darren — disse Evanna. — Mas lentamente. Não tenha pressa.

Fiz o que ela pediu. Uma onda de tontura me invadiu repentinamente quando levantei a cabeça, mas ela logo passou. Fui me levantando aos poucos, parando toda vez que me sentia tonto ou mal. Finalmente consegui

me sentar com a coluna reta. Logo pude examinar meu corpo de onde estava; as mãos e pés grandes, os membros fortes e densos, a pele cinzenta e escura. Notei que, assim como Harkat, eu não era totalmente macho ou fêmea, mas algo entre ambos. Se pudesse ficar corado, eu teria ficado!

— Levante-se — disse o Sr. Tino, cuspindo em suas mãos e esfregando-as, usando sua saliva para se lavar. — Ande por aí.

Teste a si próprio. Você não vai demorar muito tempo para se acostumar à sua nova forma. Eu projeto meus Pequeninos para entrarem em ação imediatamente.

Com a ajuda de Evanna eu me levantei. Fiquei dando voltas, cambaleando, mas logo encontrei o equilíbrio. Eu era muito mais corpulento e pesado do que antes. Como

notei assim que me deitei, vendo que meus membros não reagiam de maneira tão rápida como antigamente. Eu tinha que me concentrar bastante para fazer meus dedos se curvarem ou para dar um simples passo para a frente.

— Calma — disse Evanna enquanto eu tentava me virar e quase caí para trás dentro do, agora vazio, tanque. Ela me pegou e me segurou até eu me firmar novamente. — Lentamente, um pouco de cada vez. Não vai demorar muito... só mais cinco ou dez minutos. — Tentei fazer uma pergunta, mas nenhum som saiu da minha boca. — Você não pode falar — lembrou-me Evanna.

— Você não tem língua.

Ergui lentamente um braço cinzento e volumoso e apontei um dedo para a minha cabeça. Olhei para Evanna com meus olhos

grandes e verdes, tentando transmitir minhas perguntas mentalmente.

— Você quer saber se podemos nos comunicar telepaticamente — disse a bruxa. Acenei com minha cabeça sem pescoço. — Não. Você não foi projetado com essa habilidade.

— Você é um modelo básico — acrescentou o Sr. Tino. — Você não vai ficar muito tempo por aí, por isso seria inútil equipá-lo com um monte de atributos desnecessários. Você pode pensar e se mover, que é tudo que vai precisar fazer.

Passei os minutos seguintes me acostumando com o meu novo corpo. Não havia espelhos por perto, mas avistei uma grande bandeja de prata na qual podia examinar o meu reflexo. Enquanto mancava em sua direção, lancei um olhar verde e crítico sobre

a minha aparência. Eu tinha algo em torno de um metro e quarenta de altura por um de largura. Meus pontos não eram tão bem-feitos quanto os de Harkat, e meus olhos não estavam exatamente no mesmo nível, mas fora isso não parecíamos ser tão diferentes. Quando abri a boca, vi que não só não tinha língua, como também não possuía dentes. Virei-me cuidadosamente e olhei para Evanna, apontando para minha gengiva.

— Você não precisará comer — disse ela.

— Você não ficará vivo por muito tempo para se preocupar com comida — acrescentou o Sr. Tino.

O meu estômago novo trincou quando ele disse aquilo. Eu fui enganado! Aquilo *fora* uma armadilha, e eu havia caído direitinho! Se eu pudesse falar, teria me amaldiçoado por ser tão idiota.

Mas, por outro lado, enquanto procurava uma arma decente para me defender, Evanna sorria positivamente.

— Lembre-se de por que fizemos isso, Darren... para libertar a sua alma. Nós poderíamos lhe ter dado uma vida nova e completa como um Pequenino, mas isso teria complicado as coisas. É mais fácil desse jeito. Você tem que confiar em nós.

Não me sentia muito confiante, mas a proeza já estava feita. E Evanna não parecia alguém que fora enganada ou que estava feliz por ter me enganado. Colocando de lado os medos de traição e os pensamentos de luta, decidi ficar calmo e ver o que a dupla planejou para mim em seguida.

Evanna pegou a pilha de mantos azuis que estava ao lado do tanque e veio na minha direção com ela.

— Eu os preparei para você com antecedência — disse a feiticeira. — Deixe-me ajudá-lo a se vestir. — Eu estava começando a sinalizar que podia me vestir sozinho, mas Evanna me lançou um olhar que me fez parar. Ela estava de costas para o Sr. Tino, que por sua vez examinava os restos do tanque. Enquanto ele estava distraído, ela colocou o manto sobre a minha cabeça e os meus braços. Percebi que havia alguns objetos dentro do manto, costurados dentro do forro.

Evanna e eu nos entreolhamos e um entendimento secreto brotou entre nós — ela estava me pedindo para agir como se os objetos não estivessem lá. A bruxa tramava algo que não queria que o Sr. Tino soubesse. Eu não tinha a menor ideia do que ela poderia ter escondido debaixo dos panos, mas devia

ser importante. Uma vez vestido com o manto, fiquei com os braços nas laterais do corpo e tentei não pensar nos pacotes secretos que eu estava carregando, para que não desse nenhuma dica para o Sr. Tino acidentalmente.

Evanna me deu uma última olhada e depois gritou:

— Ele está pronto, pai.

O Sr. Tino veio andando como um pato. Ele olhou para mim de cima a baixo, me cheirou de um jeito esnobe, e depois me vestiu com uma pequena máscara.

— É melhor você colocar isso — disse ele. — Provavelmente não precisará disso, mas é bom nos garantirmos, pois o seguro morre de velho.

Enquanto eu amarrava a máscara, o Sr. Tino se curvou e traçou uma linha no chão

da caverna. Ele recuou um passo e segurou seu relógio em forma de coração. O objeto começou a brilhar e logo a sua mão e o seu rosto também estavam brilhando. Instantes depois, um vão de porta começou a se erguer da linha no solo, deslizando para cima até atingir sua altura máxima. Era um vão de porta aberto. O espaço entre os batentes emitia um brilho cinzento. Eu já havia atravessado um portal como esse anteriormente, quando o Sr. Tino enviara Harkat e eu para o que teria sido o futuro (o que ainda poderia ser, caso o plano de Evanna falhasse).

Quando o vão da porta estava completo, o Sr. Tino balançou a cabeça na direção dele.

— Hora de ir.

Os meus olhos se voltaram na direção de Evanna — será que ela viria comigo?

— Não — disse ela em resposta à minha pergunta que não fora feita. — Voltarei para o presente através de uma porta separada. Esta aí vai um pouco mais para trás. — Ela se inclinou para a frente, de modo que ficamos na mesma altura. — Isto é um adeus, Darren. Não creio que chegarei a fazer uma jornada para o Paraíso... Não creio que isso seja planejado para gente como eu... por isso, provavelmente, nós jamais nos veremos de novo.

— Talvez ele também não vá para o Paraíso. — O Sr. Tino sorriu desdenhosamente. — Talvez sua alma esteja fadada a habitar as grandes fogueiras inferiores.

Evanna sorriu.

— Não conhecemos todos os segredos do além, mas jamais vimos qualquer evidência de que exista um inferno. O Lago das Almas

parece ser o único lugar para o qual os condenados vão. E se o nosso plano der certo, você não voltará para lá. Não se preocupe... sua alma voará com liberdade.

— Vamos — vociferou o Sr. Tino. — Já estou cansado dele. Está na hora de o expulsarmos de nossas vidas de uma vez por todas. — Ele empurrou Evanna para o lado, segurou a parte do manto que cobria os meus ombros e me conduziu até o portal. — Nada de ficar tendo ideias extravagantes lá para onde vai — resmungou ele. — Você não pode mudar o passado, por isso não fique tentando. Só faça o que tem que fazer... duvido muito que você não consiga adivinhar do que se trata... e deixe que o universo tome conta do resto.

Virei o rosto em sua direção, sem saber o que ele queria dizer, querendo mais

respostas. Mas o Sr. Tino me ignorou, ergueu o pé que calçava uma de suas botas compridas e depois — sem dizer uma palavra de despedida, como se eu fosse um estranho que nada significava para ele — me chutou porta adentro, de volta para uma data que tinha história.

CAPÍTULO DEZOITO

— Senhoras e senhores, bem-vindos ao Circo dos Horrores, lar dos seres humanos mais extraordinários do mundo.

Eu não tinha pálpebras, por isso não podia piscar, mas debaixo da máscara meu maxilar era capaz de cair uns cem quilômetros. Eu estava nos bastidores de um grande teatro, olhando para um palco e para a figura inconfundível do falecido Hibérnio Altão. Só que ele não estava morto. Estava muito vivo

e no meio da apresentação de uma das fabulosas atrações do Circo dos Horrores.

— Apresentamos números que são ao mesmo tempo assustadores e bizarros, números que vocês não verão em nenhuma outra parte do mundo. Aqueles que se apavoram com qualquer coisa devem deixar o teatro agora. Estou certo de que há pessoas que...

Duas belas mulheres passaram por mim enquanto se preparavam para entrar no palco. Elas puxavam suas roupas resplandecentes, certificando-se de que estavam bem apertadas. Eu as reconheci — Davina e Shirley. Elas já faziam parte do Circo dos Horrores quando me juntei à trupe da primeira vez, mas o deixaram depois de alguns anos para arrumar emprego no mundo normal. A vida de um artista

itinerante não era para qualquer um.

— ... são únicas. E nenhuma é inofensiva — concluiu o Sr. Altão, que depois se afastou. Davina e Shirley seguiram em frente e vi para onde elas se dirigiam — a jaula do Homem Lobo, que ficava descoberta no meio do palco. Enquanto elas saíam, um Pequenino pegou seu lugar ao meu lado. Seu rosto estava escondido sob o capuz de seu manto azul, mas a cabeça se virou na minha direção. Houve uma pausa momentânea, até que ele esticou o braço e puxou o meu capuz para cobrir o meu rosto, para que minhas feições também ficassem escondidas.

O Sr. Altão apareceu ao nosso lado com a velocidade e o silêncio que fizeram a sua fama. Sem dizer uma palavra, ele deu para cada um de nós uma agulha e carretéis de linha laranja. O outro Pequenino enfiou a

agulha e a linha dentro do seu manto, por isso fiz o mesmo, sem querer parecer deslocado.

Davina e Shirley soltaram o Homem Lobo da jaula e andavam com ele no meio da plateia, deixando que as pessoas acariciassem a fera peluda. Examinei mais atentamente o teatro enquanto elas passeavam com o Homem Lobo de um lado para outro. Aquele era o velho cinema abandonado da minha cidade natal, onde Lucas assassinara Shancus e onde — muitos anos antes — meu caminho se cruzara pela primeira vez com o do Sr. Crepsley.

Fiquei me perguntando por que eu fora mandado de volta para cá — eu tinha um bom palpite — quando houve uma grande explosão. O Homem Lobo enlouqueceu, como ele sempre fazia no começo de um

número — o que parecia com um acesso de loucura era de fato cuidadosamente encenado. Depois de pular sobre uma mulher que gritava, ele mordeu uma de suas mãos e a arrancou. Como um relâmpago, o Sr. Altão nos largou e reapareceu ao lado do Homem Lobo. Ele o afastou da mulher, o dominou e depois o levou de volta para sua jaula, enquanto Davina e Shirley faziam o melhor possível para acalmar a multidão.

O Sr. Altão voltou para a mulher que gritava, pegou sua mão decepada e assobiou alto e bom som. Esse foi o sinal para que o meu colega Pequenino e eu avançássemos. Corremos na direção do Sr. Altão, tomando cuidado para não revelarmos nossos rostos. O Sr. Altão fez a moça se sentar e sussurrou algo em seu ouvido. Assim que ela se acalmou, ele salpicou seu pulso ensanguentado

com um pó rosa e cintilante e afixou a mão no local. O dono do circo acenou com a cabeça na minha direção e na do meu companheiro. Sacamos nossas agulhas e linhas e começamos a costurar a mão de volta ao pulso.

Eu me senti meio tonto enquanto o fazia. Essa foi a maior sensação de *déjà vu* que eu já havia experimentado! Eu sabia o que viria a seguir, cada segundo. Eu fora enviado para o meu passado, para uma noite que nunca esqueci, gravada na minha memória. Todas as vezes eu rezara por uma chance de voltar e mudar o rumo do meu futuro. E agora, na mais inesperada das circunstâncias, aqui estou.

Terminamos de fazer a sutura e voltamos para os bastidores. Queria ficar no meio das sombras novamente vendo o show

— se eu me lembrava bem, Alexandre Costela viria em seguida, seguido por Sancho Duas Panças —, mas o meu colega Pequenino não queria nem saber do que estava acontecendo. Ele me deu uma cutucada para que eu o seguisse para os fundos do teatro, onde um jovem Jekkus Flang esperava. Nos anos vindouros, Jekkus se tornaria um exímio arremessador de facas e até chegaria a fazer parte do espetáculo. Mas neste momento ele acabara de se juntar ao circo e era encarregado de preparar as bandejas de brindes vendidos no intervalo.

Jekkus passou para cada um de nós uma bandeja cheia de itens como bonecos de borracha de Alexandre Costela, fios do pelo do Homem Lobo, além de bugigangas de chocolate. Ele também nos deu etiquetas com os preços de cada produto. Nem chegou

a falar conosco — isso foi no tempo que antecedeu Harkat Mulds, quando todos achavam que os Pequeninos eram robôs mudos e desprovidos de opinião.

Quando Sancho Duas Panças saiu de cena, Jekkus nos mandou vender os produtos na plateia. Nós nos movimentamos no meio da multidão, deixando as pessoas examinarem nossa mercadoria e comprar o que quisessem. Meu colega Pequenino se encarregou de cobrir as áreas posteriores do cinema, deixando-me responsável pelas fileiras da frente. E então, alguns minutos depois, como eu já suspeitava que aconteceria, dei de cara com dois jovens, as únicas crianças em toda a plateia. Um deles era mais arredio, o tipo de garoto que roubava dinheiro da mãe, colecionava gibis de terror e que sonhava em se tornar um vampiro

quando crescesse. O outro era mais quieto, mas igualmente travesso do seu jeito, do tipo que não pensaria duas vezes em roubar a aranha de um vampiro.

— Quanto é a estátua de vidro? — perguntou o inacreditavelmente jovem Lucas Leopardo, apontando para uma estátua comestível que havia na minha bandeja. Trêmulo, esforçando-me para manter a mão firme, mostrei a ele a etiqueta com o preço. — Não consigo ler — disse Lucas. — Dá para você me dizer quanto custa?

Notei o olhar surpreso de Darren — pelas tripas de Charna! — para o *meu* rosto. Lucas já havia adivinhado na mesma hora que havia algo estranho com os Pequeninos, mas eu não fora tão perspicaz. O jovem eu não tinha a menor ideia de por que Lucas estava mentindo.

Balancei a cabeça rapidamente e segui em frente, deixando que Lucas explicasse para o meu jovem eu por que ele fingira que não sabia ler. Se eu vinha me sentindo tonto antes, me sentia agora positivamente um cabeça oca. Era uma coisa fora do comum, de fazer a terra tremer, olhar nos olhos de um jovem você, ver-se como outrora foi, moço, tolo e ingênuo. Não creio que alguém se lembre exatamente de como eles realmente eram quando pequenos. Os adultos acham que sim, mas não se lembram mesmo. As fotos e vídeos não capturam o verdadeiro você ou trazem de volta à vida a pessoa que você costumava ser. Você tem que voltar ao passado para fazer isso.

Terminamos de vender as nossas mercadorias e seguimos para os bastidores a fim de pegarmos novas bandejas cheias de itens

diferentes, inspirados no próximo grupo de atrações — Truska, Mano Mão e depois, aparecendo como um fantasma que saíra das sombras da noite, o Sr. Crepsley e sua tarântula performática, Madame Octa.

Eu não podia perder o número do Sr. Crepsley. Quando Jekkus não estava olhando, rastejei para a frente e fiquei vendo tudo do camarim. Meu coração quase pulou da boca quando o meu velho amigo e mentor entrou no palco, assustador com seu manto vermelho, a pele branca, o cabelo curto alaranjado e sua cicatriz característica. Ao vê-lo novamente, minha vontade era sair correndo e abraçá-lo, dizer o quanto sentia a sua falta e o quanto ele significava para mim. Queria dizer que o amava, que ele fora um segundo pai para mim. Queria brincar com ele, fazendo troça do seu jeito esquisito, do seu

senso de humor retardado e do seu imenso orgulho. Queria lhe dizer como Lucas o havia enganado e o enrolado sutilmente, ludibriando-o com uma simulação, fazendo-o morrer sem razão. Eu tinha certeza de que ele veria o lado engraçado daquilo tudo, quando parasse de se enfurecer!

Mas não poderia haver comunicação entre nós. Mesmo se eu tivesse uma língua, o Sr. Crepsley não saberia quem eu era. Nesta noite ele ainda não encontrara o garoto chamado Darren Shan. Eu não era ninguém para ele.

Por isso fiquei onde estava e observei. Uma última chance de ver o vampiro que havia alterado a minha vida de tantas formas. Uma última performance para apreciar, enquanto ele punha a Madame Octa no ritmo certo e eletrizava a multidão.

Estremeci quando ele começou a falar — havia me esquecido do quão profunda era a sua voz — e depois fiquei aguardando cada uma de suas palavras. Os minutos se passavam lentamente, mas não eram lentos o suficiente para mim — eu queria que eles durassem uma eternidade.

Um Pequenino levou um bode ao palco para que Madame Octa o matasse. Não era o pequenino que estava comigo na plateia — aqui havia mais do que dois de nós. Madame Octa matou o bode, depois fez uma série de truques junto com o Sr. Crepsley, rastejou sobre o seu corpo e seu rosto, ficou vibrando dentro e fora da sua boca, brincou com xicrinhas e pires diminutos. Na plateia, o jovem Darren Shan estava se apaixonando pela aranha — ele a achava incrível. Na coxia, o Darren mais velho a observava com

tristeza. Eu costumava odiar Madame Octa — podia relacionar todos os meus problemas àquela besta de oito patas —, mas isso não se aplicava mais. Nada daquilo foi por sua culpa. Foi o destino. O tempo todo, desde o primeiro momento da minha vida, tudo fora obra de Des Tino.

O Sr. Crepsley terminou o seu número e deixou o palco. Ele tinha que passar por mim para descer. À medida que ele se aproximava, pensei novamente em tentar abordá-lo. Eu não tinha como falar, mas podia escrever. Se eu o pegasse e o puxasse para o lado, rabiscasse uma mensagem, o avisasse para partir imediatamente, para sair agora...

Ele passou.

Eu não fiz nada.

Não era por aí. O Sr. Crepsley não tinha nenhum motivo para confiar em mim, e

explicar a situação consumiria tempo demais — ele era analfabeto, por isso eu teria que arrumar alguém para ler a mensagem por mim. Tal gesto poderia também ser perigoso. Se eu lhe falasse sobre o Senhor dos Vampixiitas e todo o resto, ele poderia tentar mudar o curso dos acontecimentos futuros e evitar a Guerra das Cicatrizes. Evanna dissera que era impossível mudar o passado, mas se o Sr. Crepsley — impulsionado pelo meu aviso — tentasse de algum modo fazê-lo, poderia libertar aqueles monstros terríveis dos quais até o Sr. Tino tinha medo. Eu não poderia correr esse risco.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou alguém aos berros por trás de mim. Era Jekkus Flang. Ele me cutucou com força com um dedo e apontou para a minha bandeja. — Saia daqui, rápido! —

resmungou.

Fiz o que Jekkus mandou. Eu queria seguir a mesma rota de antes, para que pudesse examinar a mim e a Lucas novamente, mas dessa vez o outro Pequenino chegou lá antes de mim, por isso tive que caminhar penosamente para os fundos do cinema e circular por ali.

No final do intervalo, Diana Dentada subiu no palco, seguida por Thorso e Konthorso (os Gêmeos Contorcionistas) e, finalmente, Evra e sua cobra. Retirei-me para os fundos do teatro, não gostando nem um pouco da ideia de ver Evra novamente. Embora o menino-cobra fosse um dos meus melhores amigos, não dava para esquecer a dor que lhe causei. Doeria demais vê-lo atuar, pensando na agonia e na perda que ele sofreria mais tarde.

Enquanto o último trio de atrações conduzia o show para o seu encerramento, voltei a minha atenção para os objetos costurados no forro do meu manto. Era chegada a hora de descobrir o que Evanna havia mandado junto comigo para o passado. Ao enfiar a mão por debaixo do tecido azul pesado, descobri o primeiro dos itens retangulares e o soltei. Quando vi do que se tratava, irrompi num largo sorriso desdentado.

Velha bruxa esperta! Lembrei-me do que ela dissera no caminho do Lago das Almas para a caverna do Sr. Tino — embora o passado não pudesse ser mudado, as pessoas envolvidas nos grandes eventos podiam ser substituídas. Mandar-me de volta para este período temporal era o suficiente para libertar a minha alma, mas Evanna fora mais além e garantiu que eu tivesse como libertar

o meu velho ser também. O Sr. Tino sabia disso. Ele não gostava nada daquela situação, mas a havia aceitado.

No entanto, trabalhando às escondidas, sem que seu pai soubesse, Evanna me presenteara com algo ainda mais precioso do que a liberdade pessoal — algo que deixaria Des Tino completamente tonto quando descobrisse como fora enganado!

Puxei todos os outros objetos para fora, colocando-os em ordem, e depois chequei a mais recente aquisição. Não encontrei o que esperava, mas enquanto fazia a minha varredura, vi o que Evanna fizera. Eu me senti tentado a ir rapidamente aos fundos e ler as últimas palavras, mas depois resolvi que era melhor não ficar sabendo de nada.

Ouvi gritos vindos de dentro do teatro — a cobra de Evra deve ter feito a sua primeira

aparição naquela noite. Eu não tinha muito tempo de sobra. Escapuli antes que Jekkus Flang viesse atrás de mim e me sobrecarregasse com outra bandeja. Saindo pela porta dos fundos, dei a volta sorrateiramente e entrei novamente no cinema pela porta da frente. Percorri o longo corredor até uma porta aberta que dava numa escadaria — o acesso para a galeria superior.

Subi alguns degraus, depois coloquei o presente de Evanna no chão e fiquei esperando. Pensei no que fazer com os objetos — as *armas*. Dá-las diretamente para o garoto? Não. Se eu o fizesse, ele poderia usá-las para tentar mudar o futuro. Isso não era permitido. Mas devia haver uma maneira de entregá-las a ele mais tarde, para que pudesse usá-las na hora certa. Evanna não as teria dado para mim se não houvesse uma.

Não demorei muito tempo para descobrir quando seria. Fiquei mais feliz quando soube o que fazer com o presente, pois isso também significava que eu sabia exatamente o que fazer com o jovem Darren.

O espetáculo acabou e a plateia começou a sair do teatro, discutindo avidamente sobre o show, admirando-se em voz alta. Como os garotos tinham sentado perto da frente, os dois estavam entre os últimos a sair. Esperei em silêncio, seguro por saber o que viria.

Finalmente, um jovem e apavorado Darren abriu a porta que dava na escadaria, atravessou-a, fechou-a atrás de si e ficou no meio do escuro, respirando pesadamente, com o coração disparado, esperando até todo mundo sair do cinema. Eu podia vê-lo, apesar da escuridão — meus olhos verdes grandes eram quase tão potentes quanto os

de um meio-vampiro —, mas ele não tinha ideia de que eu estava lá.

Quando os últimos sons sumiram, o garoto começou a subir a escada. Ele estava seguindo para a galeria, a fim de ficar de olho em seu amigo Lucas e garantir que ele não corresse perigo. Se chegasse no topo, o seu destino estaria selado e ele teria que viver a vida atormentada de um meio-vampiro. Eu tinha o poder para mudar isso. Este, junto com a libertação que me tirou do Lago das Almas, foi o presente que Evanna me deu — e a última parte do presente até onde o Sr. Tino sabia.

À medida que o jovem Darren ia se aproximando, lancei-me sobre ele, peguei-o antes que pudesse saber o que estava acontecendo e, juntos, descemos as escadas. Irrompi pela porta, rumo à luz do corredor, e

depois o derrubei no chão. Seu rosto era uma máscara de terror.

— N-n-n-não me mate! — gritou ele, arrastando-se para trás.

Em resposta, tirei o capuz e arranquei a máscara, revelando meu rosto redondo, cinzento e costurado, sem contar a minha bocarra escancarada. Joguei a minha cabeça para a frente, olhei atravessado e abri os braços. Darren gritou, passou sebo nas canelas e tropeçou buscando a saída. Eu bati atrás dele, fazendo bastante barulho, arranhando a parede com os meus dedos. Ele saiu voando do teatro assim que se aproximou da porta da frente, rolou pelas escadas, depois se levantou e correu para salvar a sua vida.

Fiquei em pé no primeiro degrau da porta da frente, vendo o meu jovem eu fugindo em busca de segurança. Eu ria

baixinho. Ficaria ali de guarda para garantir, mas tinha certeza de que ele não retornaria. Correria direto para casa, entraria debaixo das cobertas e estremeceria até pegar no sono. Pela manhã, sem ter visto o que Lucas tramara, ele telefonaria para ver se estava tudo bem com o seu amigo. Sem saber quem era o Sr. Crepsley, ele não teria motivos para temer Lucas, e Lucas, por sua vez, não teria razão para suspeitar de Darren. Sua amizade retomaria o curso natural e, embora eu tivesse certeza que ambos conversariam ocasionalmente sobre a ida ao Circo dos Horrores, Darren não voltaria para roubar a aranha, e Lucas jamais revelaria a verdade sobre o Sr. Crepsley.

Afastei-me da porta de entrada e subi os degraus que acessavam a galeria. Lá, fiquei observando Lucas enquanto este tinha o seu

confronto com o Sr. Crepsley. Ele pediu para ser o assistente do vampiro. O Sr. Crepsley testou o seu sangue, mas o rejeitou dizendo que ele era maligno. Lucas saiu dali furioso, jurando vingança contra o vampiro.

Será que Lucas ainda buscaria tal vingança agora que seu principal antagonista — eu — fora removido da equação? Depois que crescesse, será que seu caminho ainda o afastaria de uma vida normal e o levaria para o lado dos vampixiitas? Será que ele estava destinado a viver uma vida parecida com a outra, só que com um inimigo diferente de Darren Shan? Ou será que o universo substituiria Lucas, assim como eu, por outra pessoa?

Eu não tinha como saber. Só o tempo diria, e eu não estaria muito tempo por perto para ver a história até o seu final. Eu tivera

as minhas oportunidades, e elas estavam quase acabando. Era hora de retroceder, estabelecer um limite para a minha vida e dar o meu último adeus.

Mas antes disso eu teria uma última tentativa para, espertamente, estragar os planos de Desmond Tino!

CAPÍTULO DEZENOVE

Os eventos-chave do passado não podem ser mudados, mas as pessoas que neles estavam envolvidas, sim. Evanna me dissera que, se ela voltasse no passado e matasse Adolf Hitler, o universo o substituiria por outra pessoa. Os principais eventos da Segunda Guerra Mundial se desenrolariam exatamente da forma que deveriam, só que com uma figura de proa diferente no leme. Isso obviamente criaria uma série de

discrepâncias temporais, mas nada que as forças superiores do universo não pudessem ajeitar.

Ao passo que eu não podia alterar o curso da minha história, *podia* me retirar dela. Foi o que eu fiz quando espantei o jovem Darren. Os acontecimentos da minha vida transcorreriam da mesma forma que antes. Uma criança seria vampirizada, viajaria para a Montanha dos Vampiros, desmascararia Kurda Smahlt, se tornaria um Príncipe Vampiro e depois iria à caça do Senhor dos Vampixiitas. Mas não seria o rapaz que eu assustei hoje à noite. Uma outra pessoa — alguma outra criança — teria que desempenhar o papel reservado a Darren Shan.

Eu me sentia mal em fazer outra criança passar pelas duras provações da minha vida,

mas pelo menos eu sabia que no fim — na morte — ele triunfaria. A pessoa que me substituiu seguiria os meus passos, mataria o Senhor dos Vampixiitas, morreria na batalha e, sem dúvida, a paz mortal o faria crescer. Como a criança não seria responsabilizada por suas atitudes, sua alma iria direto para o Paraíso quando morresse — eu esperava que o universo fosse cruel, porém justo.

E talvez nem mesmo fosse um garoto. Talvez eu fosse substituído por uma garota! O novo Darren Shan não tinha que ser uma réplica exata do antigo. Ele ou ela poderia vir do mesmo ambiente ou país. Tudo o que a criança precisaria era de uma grande dose de curiosidade e de um leve traço de desobediência. Qualquer um capaz de sair tarde da noite para ver o Circo dos Horrores teria o potencial para tomar o meu lugar

como assistente do Sr. Crepsley.

Como o meu papel poderia mudar, os papéis de outras pessoas também poderiam. Talvez outra garota — ou garoto — fizesse o papel de Débora, e mais alguém poderia ser Sam Grest. Talvez Gavner Purl não fosse o vampiro que foi morto por Kurda, e até mesmo Lucas poderia ser substituído por outro sujeito. Talvez não fosse o Sr. Crepsley que morreria na Caverna da Vingança e viveria para se tornar um vampiro de tempos remotos e grande sabedoria, como o seu mentor, Sebá Nilo. Muitas das partes da história — da saga — da minha vida estariam disponíveis para quem quisesse se aventurar a vivê-las, agora que o personagem principal havia mudado.

Mas tudo não passava de mera especulação. O que eu sabia, com certeza, era que o

garoto que eu outrora fui levaria agora uma vida normal. Ele iria para o colégio, cresceria como todo mundo, arrumaria um emprego e talvez formasse uma família própria algum dia. Todas as coisas que o Darren Shan original perdeu, o novo Darren Shan aproveitaria. Eu havia lhe dado sua liberdade — sua humanidade. Só poderia rezar aos deuses dos vampiros para que ele aproveitasse o máximo.

Os objetos costurados dentro do forro do meu manto eram os meus diários. Desde que me lembro, sempre mantive um diário. Eu registrara tudo neles — minha viagem para o Circo dos Horrores, o dia em que me tornei assistente do Sr. Crepsley, a temporada que passei na Montanha dos Vampiros, a Guerra das Cicatrizes e a caça ao Senhor dos

Vampixiitas, até aquela noite final em que tive meu último embate fatal com Lucas. Tudo estava lá, tudo o que era importante na minha vida, junto com um monte de coisas triviais também.

Evanna deve ter atualizado o diário. Ela deve tê-lo pego na casa onde Débora e Alice estavam baseadas, depois descreveu tudo que aconteceu naquela noite de derramamento de sangue, o confronto com Lucas e a minha morte. Depois, fez um breve resumo dos meus longos anos de sofrimento mental no Lago das Almas, seguido por uma descrição mais detalhada do meu resgate e do meu renascimento como Pequenino. Ela chegou até a ir mais além e contou o que aconteceu em seguida, o meu retorno, o jeito que assustei o Darren original e...

Eu não sei o que ela escreveu nas

últimas páginas. Não cheguei até lá. Prefiria descobrir por conta própria quais seriam minhas últimas atitudes e pensamentos — não queria lê-los num livro!

Depois que Lucas partiu e o Sr. Crepsley se retirou para o porão onde seu caixão estava guardado, fui atrás do Sr. Altão. Encontrei-o em seu furgão, repassando o borderô daquela noite.

Ele costumava fazer isso regularmente. Creio que ele gostava da normalidade de uma tarefa simples. Bati na porta e esperei que ele atendesse.

— O que você quer? — perguntou ele, desconfiado, quando me viu. O Sr. Altão não estava acostumado a ser surpreendido, especialmente por um Pequenino.

Passei-lhe os diários. Ele os observou cautelosamente, sem tocá-los.

— Isso é uma mensagem de Desmond? — perguntou. Balancei a minha cabeça sem pescoço. — E então...? — Seus olhos se arregalaram. — Não! — falou, ofegante. — Não pode ser! — Ele removeu o meu capuz, eu o recolocara depois de assustar o jovem eu, e examinou minhas feições intensamente.

Depois de um tempo, o olhar de preocupação do Sr. Altão foi substituído por um sorriso.

— Isso foi coisa da minha irmã? — indagou o dono do circo.

Acenei positivamente com a minha cabeça volumosa. — Eu jamais achei que ela se envolveria — murmurou ele. — Imagino que há mais coisas em jogo do que simplesmente a libertação da sua alma, mas não vou pressioná-lo para obter informações... é melhor para todos os envolvidos que eu não

saiba de nada.

Ergui os diários, querendo que ele os pegasse, mas o Sr. Altão não os tocou.

— Não estou certo do que estou entendendo — disse ele.

Apontei para o nome — Darren Shan — rabiscado na capa da cópia que estava na frente e depois para mim mesmo. Ao abri-lo, deixei que ele visse a data e as primeiras linhas, depois virei mais algumas páginas até onde era descrita a minha primeira visita ao Circo dos Horrores e o que havia acontecido. Quando ele leu a parte na qual eu falava sobre ter visto Lucas na galeria, apontei para cima e balancei a cabeça com força.

— Ah — disse o Sr. Altão, rindo. — Entendo. Evanna não apenas salvou a sua alma... ela lhe deu a sua vida normal de volta.

Sorri, feliz por ele ter finalmente entendido. Fechei o diário, bati de leve na capa e depois ofereci-lhe os diários novamente. Desta vez, ele os pegou.

— Seu plano está claro para mim agora — disse ele delicadamente. — Você quer que o mundo saiba disso, mas ainda não. Você tem razão... se revelássemos tudo isso agora, correríamos o risco de libertar os cães do caos. Mas, se for revelado mais tarde, mais ou menos na época em que você morreu, poderia afetar apenas o presente e o futuro.

As mãos do Sr. Altão se moveram com muita rapidez e os diários desapareceram.

— Vou guardá-los em segurança até chegar a hora certa. Depois os mandarei para... quem? Um autor? Um editor? A pessoa que você se tornou?

Acenei rapidamente com a cabeça

quando ele disse isso.

— Muito bem. Não posso dizer o que ele fará com esse material... pode achar que se trata de um trote ou não entender o que você quer dele... mas farei como está pedindo. — Ele começou a fechar a porta e depois parou. — Neste momento temporal, é claro, eu não conheço você, e agora que se removeu da sua linha do tempo original, nunca virei a conhecê-lo. Mas sinto que éramos amigos. — Ele estendeu uma de suas mãos e eu a apertei.

Raramente o Sr. Altão apertava a mão de alguém. — Boa sorte para você, amigo — sussurrou o dono do circo. — Boa sorte para todos nós. — Então ele rapidamente rompeu o contato e fechou a porta, deixando-me para que me recolhesse, encontrasse um lugar tranquilo onde pudesse ficar sozinho... e

morresse.

Agora sei por que Evanna comentou o fato de o Sr. Tino não ser um leitor. Ele não tem nada a ver com livros. Não liga para romances ou qualquer outro tipo de obra de ficção. Se, muitos anos no futuro, um Darren Shan adulto vier a publicar uma série de livros sobre vampiros, o Sr. Tino nem vai ficar sabendo. Sua atenção estará voltada para outra coisa. Os livros sairão e serão lidos, e muito embora os vampiros não sejam leitores ávidos, as notícias aos poucos chegarão de volta à fonte.

No momento em que a Guerra das Cicatrizes fizer uma pausa em sinal de cautela e os líderes de ambos os lados tentarem forjar uma nova era de paz, meus diários irão — com a sorte dos vampiros — chegar em

livrarias do mundo todo. Vampiros e vampixiitas terão como ler a minha história (ou fazer com que outros leiam para eles, caso sejam analfabetos). Eles saberão mais sobre o Sr. Tino do que jamais imaginaram. Verão precisamente o quanto ele é realmente intrometido e descobrirão seus planos para um mundo desolado no futuro. Armados com tal conhecimento, e unidos pelo nascimento dos filhos de Evanna, estou certo de que eles se juntarão e farão tudo o que for possível para detê-lo.

O Sr. Altão mandará os meus diários para um Darren Shan adulto. Não creio que ele acrescentará quaisquer notas ou instruções próprias — ele não ousará meter o nariz no passado dessa maneira. É possível que eu como adulto despreze os diários, creia que tudo não passa de uma fraude bizarra e

não faça nada com eles. Mas conhecendo a mim mesmo do jeito que me conheço (agora *isso* soa esquisito!), creio que, assim que os ler, ele perceberá o seu valor. Gosto de acreditar que sempre tive uma mente aberta.

Se o Darren adulto ler os diários na íntegra, até o final, e acreditar que eles são reais, saberá o que fazer. Ele os reescreverá, mexerá nos nomes dos personagens para não atrair atenção indesejada às pessoas reais envolvidas, alterará os fatos para que eles tomem a forma de uma história, cortará os detalhes mais maçantes, tornará tudo um pouco fictício, de modo a criar uma aventura cheia de ação. E então, quando tiver feito tudo isso — a venderá! Encontrará um agente e um editor. Fingirá que se trata de uma obra de fantasia. Fará com que ela seja editada. Fará uma publicidade pesada.

Venderá o livro para o máximo de países que puder, a fim de espalhar a história e aumentar as chances de a história chamar a atenção de vampiros e vampixiitas.

Será que estou sendo realista? Há uma grande diferença entre um diário e um romance. Será que o Darren Shan humano tem a capacidade de cativar leitores e prolongar uma história que os mantenha ligados? Será que ele conseguirá escrever uma série de romances fortes o bastante para chamar a atenção das crianças da noite? Não sei. Eu era muito bom nesse negócio de escrever histórias quando era mais moço, mas não há como saber como serão as coisas quando eu crescer. Talvez eu nem leia mais. Talvez eu não queira escrever ou ter tal capacidade.

Mas tenho que esperar pelo melhor. Liberto desse destino obscuro, tenho que

esperar que o jovem eu continue lendo e escrevendo. Se a sorte dos vampiros realmente estiver comigo (*conosco*), talvez aquele Darren se torne um escritor antes até de o Sr. Altão lhe mandar o pacote. Isso seria perfeito se ele já fosse um autor. Ele poderia lançar a história da minha vida como se fosse mais um de seus trabalhos criativos e depois continuar a escrever suas próprias obras, que ninguém — exceto aqueles que estão de fato envolvidos na Guerra das Cicatrizes — jamais saberá a diferença.

Talvez eu esteja apenas sonhando. Mas isso *poderia* acontecer. Sou a prova de que coisas estranhas acontecem. Então eu digo: Vá em frente, Darren! Vá atrás de seus sonhos. Pegue as suas ideias e as desenvolva. Trabalhe duro. Aprenda a escrever bem. Estarei à sua espera mais à frente se você

conseguir, com a história mais esquisita e absurda que você já ouviu falar. As palavras têm o poder de alterar o futuro e mudar o mundo. Creio que, juntos, poderemos encontrar as palavras certas. Eu poderei até, agora que estou pensando nisso, sugerir uma primeira linha para o livro, para que você possa partir nessa estrada longa e tortuosa, talvez algo mais ou menos assim: "*Sempre fui fascinado por aranhas...*"

CAPÍTULO VINTE

Estou no telhado do velho cinema, deitado de costas e olhando para o lindo céu. A alvorada está próxima. Nuvens finas passam lentamente pelo horizonte iluminado. Posso sentir que tudo está perdido para mim. Não vai demorar mais muito tempo.

Eu não estou cem por cento certo de como funciona o processo de ressurreição do Sr. Tino, mas creio que entendo o bastante dele para saber o que está acontecendo.

Harkat foi criado dos restos de Kurda Smahlt. O Sr. Tino pegou o cadáver de Kurda e o usou para criar um Pequenino. Ele então devolveu Harkat para o passado. Harkat e Kurda não deviam poder existir simultaneamente. Uma alma, normalmente, não pode partilhar dois corpos ao mesmo tempo. Um deveria dar o lugar para o outro. Como o original, Kurda tinha o direito automático à vida, por isso o corpo de Harkat deveria ter começado a desatar, como aconteceu quando Kurda foi pescado do Lago das Almas há tantos anos.

Mas não aconteceu assim. Harkat sobreviveu durante vários anos na mesma zona temporal de Kurda. Isso me faz supor que o Sr. Tino tem o poder de proteger seus Pequeninos, pelo menos por um tempo, mesmo se ele os enviar de volta para um

tempo em que suas formas originais ainda estejam vivas.

Mas ele não se importou de *me* proteger quando mandou-me de volta. Então um dos corpos tinha que ir embora — este. Mas não estou me queixando. Estou feliz com a minha rápida encarnação como Pequenino. De fato, a brevidade desta vida é o que importa! Foi assim que Evanna me libertou.

Quando Kurda estava diante da morte pela segunda vez, o Sr. Tino lhe disse que seu espírito não retornaria ao Lago — ele partiria deste reino. Morrendo agora, minha alma — assim como a de Kurda — voará imediatamente para o Paraíso. Suponho que seja um pouco como não parar na casa “Anda” num jogo de Banco Imobiliário, e sim ir direto para a cadeia, considerando-se neste caso que “Anda” é o Lago das Almas e a “cadeia” é

a vida após a morte.

Sinto-me excepcionalmente leve, como se não pesasse quase nada. A sensação está aumentando a cada instante. Meu corpo está sumindo, se dissolvendo. Mas não como no tanque de líquido verde da caverna do Sr. Tino. Trata-se de um derretimento delicado, indolor, como se uma grande força estivesse me descosturando, usando um par de agulhas de tricô mágicas para separar a minha carne dos meus ossos, fio a fio, nó a nó.

Como será o Paraíso? Não posso responder a isso. Não posso nem sequer arriscar um palpite. Imagino que seja um lugar infinito, onde as almas mortas de cada era se combinam em uma só, renovando velhas amizades e fazendo outras novas. O espaço não existe, nem mesmo os corpos, apenas os pensamentos e a imaginação. Mas eu não

tenho prova disso. É só como imagino que ele seja.

Evoco a pouca energia que me resta e levanto uma das mãos. Posso ver agora através da carne cinzenta, dos músculos e dos ossos, para além do brilho das estrelas. Sorrio e os cantos da minha boca continuam a se esticar para fora do meu rosto, tornando-se um sorriso ilimitado e interminável.

Meu manto cai enquanto o meu corpo que ele abriga vai perdendo a capacidade de sustentá-lo. Átomos se erguem de mim como vapor, finos anéis a princípio, depois um fluxo constante de feixes com todas as cores do arco-íris, enquanto minha alma partia de todas as áreas do meu corpo de uma só vez. Os anéis se enroscam uns com os outros e projetam-se para cima, rumo às estrelas e aos reinos superiores.

Não há quase nada de mim sobrando agora. O manto cai completamente. Os últimos traços do meu espírito pairam acima do manto e do telhado. Penso na minha família, em Débora, no Sr. Crepsley, em Lucas, no Sr. Tino, em todos aqueles que conheci, amei, temi e odiei. Meu último pensamento, por mais estranho que pareça, foi em Madame Octa — será que há aranhas no Paraíso?

E agora está tudo acabado. Chega deste mundo. Meus últimos átomos sobem numa velocidade mais rápida do que a da luz, deixando o telhado, o teatro, a cidade, o mundo muito, mas muito lá embaixo. Estou seguindo para um novo universo, novas aventuras, uma nova maneira de ser. Adeus, mundo! Adeus, Darren Shan! Até logo, velhos amigos e aliados! É isso! As estrelas me atraem em sua direção. Explosões de espaço

e tempo.

Atravessando as barreiras da velha realidade. Despedaçando-se, reagrupando-se, em constante movimento. Um sopro nos lábios do universo. Todas as coisas, todos os mundos, todas as vidas. Tudo de uma vez só e nunca mais. O Sr. Crepsley esperando. Risadas no outro mundo. Eu estou indo... estou... indo... Fui.

FIM

A SAGA DE DARREN SHAN

8 DE MAIO DE 1997 — 19 DE MAIO DE 2004

A SAGA DE DARREN SHAN

DIFERENTE DE TUDO O QUE VOCÊ JÁ LEU!

CIRCO DOS HORRORES
O ASSISTENTE DE VAMPIRO
TÚNEIS DE SANGUE

CONTINUA EM...

A MONTANHA DO VAMPIRO
PROVAS MORTAIS
O PRÍNCIPE VAMPIRO

CONTINUA EM...

CAÇADORES DO CREPÚSCULO
ALIADOS DA NOITE
ASSASSINOS DA ALVORADA

E TERMINA EM...

O LAGO DAS ALMAS
SENHOR DAS SOMBRAS
FILHOS DO DESTINO

A SAGA DE DARREN SHAN

FILHOS DO DESTINO

O ATO FINAL...

Ao Príncipe Vampiro Shan, restam dois caminhos: se perder, terá a morte pela frente; se vencer, a maldição. Enfim chegou a hora em que Darren ficará frente a frente com seu arqui-inimigo, Lucas Leopardo. Um deles irá morrer. O outro se tornará o Senhor das Sombras e destruirá o mundo, conforme diz a profecia.

Seria, entretanto, o futuro predeterminado? Ou Darren Shan será capaz de traçar uma nova estrada, lograr o destino e escrever um novo amanhã?

Em sua décima segunda e última aventura, a Saga de Darren Shan mostra que enfrentar os desafios, por mais tortuosos que sejam, pode ser a única saída para a redenção.

Darren Shan é a abreviação do nome do autor inglês radicado na Irlanda Darren O'Shaughnessy. Lançou seu primeiro livro, *Um dia no necrotério* - roteiro de humor negro para um concurso promovido pela televisão irlandesa -, aos 14 anos. Criança ainda, passava a maior parte do tempo lendo histórias horripilantes. Cresceu assistindo a filmes da Hammer, clássica produtora de filmes de terror. Enquanto os outros meninos tinham nas paredes dos quartos pôsteres

de astros da música e do futebol, no dele, o grande destaque era para o pôster de um dos filmes do Drácula. Atualmente mora em Limerick, na Irlanda, na casa que pertenceu aos seus ancestrais.

[1] Alabarda é uma arma antiga composta por uma longa haste. A haste é rematada por uma peça pontiaguda, de ferro, que por sua vez é atravessada por uma lâmina em forma de meia-lua (similar à de um machado), com um gancho ou esporão no outro lado.

[2] Os ovos Fabergé são obras-primas da joalharia produzidas por Peter Carl Fabergé e seus assistentes no período de 1885 a 1917 para os czares da Rússia.